



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALESSANDRA RODRIGUES PEREIRA

A PRESENÇA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO POVOADO SALGADO – DELMIRO
GOUVEIA/AL

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

ALESSANDRA RODRIGUES PEREIRA

**A PRESENÇA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO POVOADO SALGADO – DELMIRO
GOUVEIA/AL**

Monografia apresentada como requisito para aprovação no curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas Campus do Sertão.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Silva

DELMIRO GOUVEIA – AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza - CRB-4/2209

P436p Pereira, Alessandra Rodrigues

A presença das mulheres na construção da história e memória do Povoado Sangado, Delmiro Gouveia – AL / Alessandra Rodrigues Pereira. – 2019.

108 f.: il.

Orientação: Profa. Dra. Maria Aparecida Silva.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Educação. 2. Educação e sociedade. 3. Mulher. 4. Memória.
5. Lugar. 6. Povoado Salgado – Delmiro Gouveia – Alagoas. I.
Título.

CDU: 37.013.42-055.2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

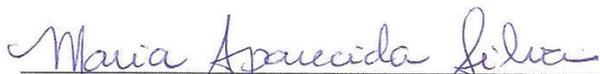
FOLHA DE APROVAÇÃO

ALESSANDRA RODRIGUES PEREIRA

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Campus do Sertão, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito final para obtenção de título de graduada em Pedagogia.

Aprovada em 12 de abril de 2019.

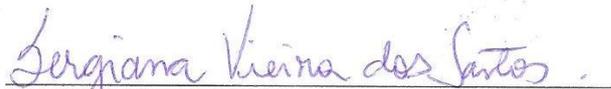
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Aparecida Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão



Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão



Profa. Ms. Sergiana Vieira dos Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão

Aos meus pais, ao meu esposo, meus professores, aos amigos, a minha comunidade, em especial às mulheres, e a todos que me motivaram a concluir esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida, por me dar a oportunidade de viver nesta comunidade, e poder realizar meu sonho em trilhar a missão de ser educadora;

A minha orientadora, professora Doutora Maria Aparecida e a professora Ana Cristina, por não desistirem de mim, e me motivarem na realização deste trabalho;

À minha família, em especial aos meus pais que são minha inspiração e dedicaram suas vidas ao trabalho árduo e honesto para nos sustentar e dar uma boa educação, e aos meus irmãos pelo carinho e apoio;

Ao meu esposo Elson, pelo amor e compreensão, e por assumir os cuidados com nossa filha amada para que eu pudesse concluir meus estudos;

Aos amigos, que a vida me deu de presente em especial aos que foram meus anjos ao me ofertarem carona para casa durante a trajetória de meu curso de graduação.

A minha filha Vitória, eu agradeço pela compreensão e paciência de muitas vezes não receber minha atenção e carinho. Este trabalho é a prova de que mesmo inconsciente você me deu forças para vencer;

Às minhas amigas, Ângela, Rogéria e Maria José Araújo, com seus exemplos de coragem e fé, me orientaram e ajudaram a trilhar meu caminho com fé e esperança, rompendo as dificuldades durante esses anos de estudos. Vocês foram muito importantes nesta conquista.

Também gostaria de agradecer especialmente às mulheres da minha querida comunidade, que foram inspiração desde minha infância e hoje tenho a honra de desenvolver esta pesquisa, tendo vocês como protagonistas da história e da vida.

Deus abençoe todos vocês!

Temos que compreender o lugar em que vivemos e procurar entender o que ali acontece, pois, todos os lugares têm muitas histórias e situam-se em um tempo, em um espaço delimitado. O espaço que vivemos é resultado da história de nossas vidas.

CALLAI, Helena Copetti (2005, s.p.)

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **A Presença das Mulheres na Construção da História e Memória do Povoado Salgado-Delmiro Gouveia/AL**, é um estudo e reflexão sobre importância e a forma de organização do Povoado Salgado, localizado na zona rural do Município de Delmiro Gouveia/AL. A pesquisa visou compreender e discutir a cerca dos caminhos possíveis para construir o lugar. Primeiramente, fazendo um resgate das memórias e a participação das mulheres como protagonistas na construção de suas histórias. Num segundo momento a pesquisa apresentará o perfil biográfico e resultados, das mulheres interlocutoras entrevistadas, que se destacaram em diversas funções de relevância na construção da identidade do lugar, ressaltando as relações e o sentimento de pertencimento entre ambos. O nosso referencial teórico está fundamentado nos autores Halbwachs (1990), Callai (2004), Bosi (2003), Delgado (2010), Lisboa (2007), Carlos (1996), Tuan (1975), Lima (2007), Teodósio (2002), entre outros. As técnicas de coleta de dados foram, além do levantamento histórico através da busca de **fontes documentais** referentes a história do Povoado Salgado, encontradas em livros, relatórios, escrituras de terra e outros, foram também usadas técnicas de coletas de dados, relatos e entrevistas. O referido estudo corrobora para um processo de organização do lugar fazendo o resgate de suas memórias, das relações sociais e dos agentes que as transformaram e principalmente para o processo educativo para as novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Povoado Salgado. Mulher. Memória. Lugar.

ABSTRACT

The Course Completion Work (TCC) entitled, **The Salgado Village from the Women's Look is a study and reflection on the importance and the organization of the Salgado Village, located in the rural area of the Municipality of Delmiro Gouveia/AL**. The research aimed to understand and discuss about the possible ways to build the place. First, making a rescue of the memories and the participation of the women as protagonists of the same, in the construction of its history. In a second moment the research will present the biographical profile and results of the interlocutors interviewed, who stood out in several functions of relevance in the construction of the identity of the place, emphasizing the relations and the feeling of belonging between both. Our theoretical framework is based on the authors Halbwachs (1990), Callai (2004), Bosi (2003), Delgado (2010), Lisboa (2007), Carlos (1996), Tuan (1975), Lima (2007), Teodósio (2002), the others. The techniques of data collection were in addition to the historical survey through the search of old documentary sources referring to the history of the Salgado Village, found in books, reports, land writings and others, as well as techniques of data collection, reporting and interviews were used. This study corroborates to a process of organization of the place making the rescue of its memories, the relations social and the agents that transformed them and especially for the educational process for the new generations.

KEY WORDS: Salgado village. Woman. Memory. Place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: Mapa da Divisão Política de Alagoas.....	16
FIGURA 02: Recorte do Mapa da Divisão Política de Alagoas.....	17
FIGURA 03: Trecho que Fala da Cachoeira da Garganta.....	33
FIGURA 04: Trecho que Fala da Cachoeira da Tubarana, Porto Velho e Pedra do Navio.....	33
FIGURA 05: Carta Corographica do Estado de Alagoas.....	34
FIGURA 06: Recorte da Carta Corográfica do Estado de Alagoas.....	34
FIGURA 07: Mapa das Regiões Hidrográficas de Alagoas.....	39
FIGURA 08: Recorte do Mapa das Regiões Hidrográficas de Alagoas.....	40
FIGURA 09: Maria José Rodrigues Pereira.....	45
FIGURA 10: Maria Shirley Gonzaga dos Anjos.....	51
FIGURA 11: Hélia da Silva.....	55
FIGURA 12: Ione Correia de Araújo.....	55
FIGURA 13: Fotografia de Moradores da Comunidade que viajam para Vender Redes na Região Sul.....	64
FIGURA 14: Fotografia de Moradores Vendendo Redes na Região Sul.....	65
FIGURA 15: Ata de Eleição e Posse da Associação Rural São João Batista.....	67
FIGURA 16: Escritura de Doação de Terra.....	69
FIGURA 17: Foto da Construção do Centro Comunitário em Salgado.....	70
FIGURA 18: Foto da Produção na Tecelagem.....	73
FIGURA 19: Ata de Eleição e Posse da Associação dos Artesãos.....	76
GRÁFICO 01: Número de Residências Visitadas.....	25
GRÁFICO 02: População Residente no Povoado Salgado.....	35
GRÁFICO 03: Gráfico do Gênero.....	36
GRÁFICO 04: Gráfico de Emprego e Renda.....	38

SUMÁRIO

CAP.I. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 – A relação com o lugar	14
1.2- Contexto histórico de Delmiro Gouveia Alagoas.....	15
CAP. II PERCURSO DA PESQUISA.....	21
2.1 A Pesquisa.....	21
2.2 Instrumentos e Procedimentos.....	26
CAP. III. A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO POVOADO SALGADO.....	32
3.1 A formação do lugar.....	32
3.2 O Perfil Biográfico das Mulheres.....	44
3.3 A Associação e Atuação da Mulher na Construção do Lugar.....	62
CAP.IV CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXOS.....	86

1. INTRODUÇÃO

Desenvolver uma pesquisa sobre a presença das Mulheres na Construção da História e Memória do Povoado Salgado – Delmiro Gouveia/ Al, surgiu por meio da oportunidade de produzir minha monografia, e isso ampliou o desejo que sempre tive em escrever sobre o cotidiano da minha comunidade. A forma como ao longo do tempo foi modificando sua estrutura física, o modo de produzir, sobreviver, e como a participação dos diversos atores, em especial as mulheres, foi relevante para as transformações que ocorreram ao longo dessa história de construção. Através das experiências individuais e coletivas a comunidade foi construindo sua identidade, e as pessoas, o sentimento de pertencimento. Que segundo Callai (2004);

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto cheio de história, de marcas que fazem em si um pouco de cada um [...] Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento.

Nesta perspectiva, pretendemos refletir sobre os caminhos e a participação das mulheres na construção da identidade local, tendo como aliados a associação comunitária e a comunidade, numa parceria incondicional para o reconhecimento do lugar. Espaço em que todos a partir de suas memórias individuais, contribuem para a formação da memória coletiva, fortalecendo o sentimento de pertencimento, a valorização de suas potencialidades e a busca pela sobrevivência. Tendo seus direitos garantidos em seu lugar de origem.

Para isso, temos que ressaltar a importância dos relatos e entrevistas, que irão relacionar e apontar diversos aspectos que circundam a história de organização do Povoado Salgado. Promovendo o estudo através dessas vivências, que apresenta a mulher como sujeito importante, que assumem diversos papéis, tornando-se uma referência para os demais moradores desta comunidade.

Sobre essas perspectivas citadas, fui aprendendo conhecer/escrever a história da minha comunidade. Lugar que acompanho desde minha infância, as mudanças econômicas, ambientais, sociais, culturais e como a comunidade ganhou visibilidade a partir da atuação da Associação e conseqüentemente a participação ativa das mulheres, entre outros aspectos. Pude

reviver caminhos que os ancestrais percorreram para chegarem a esta comunidade, e assim descobrir quem somos. São muitas as sensações ao longo deste percurso, dentre estas, a de pertencimento e a de identidade, as que mais reforçam minhas raízes, dando a segurança de estar em um lugar meu, nosso, onde nascemos, onde estão nossos amigos e parentes, nossos cantinhos preferidos. Dando assim, mais vontade de cuidar da comunidade, compreendê-la e conservar sua história.

Nesse contexto, Lisboa (2007, p. 29) afirma que, “o lugar significa muito mais do que simplesmente uma localização geográfica, ele está relacionado aos diversos tipos de experiência e envolvimento como mundo”. Nesse sentido, o lugar é a peça fundamental para a construção da identidade de cada indivíduo no meio social em que vive. Os acontecimentos vão marcando a vida de cada um, que de alguma forma, foram afetadas pelas mudanças que ocorreram no mundo.

Fazer o resgate das memórias do lugar e das pessoas me faz refletir o longo caminho que devo percorrer, pois segundo Bosi (1994, p.68), “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que as pessoas têm de lembrar. É a sua memória”. Para alcançar meu objetivo, devo buscar na memória dos envolvidos fatos relevantes da história do Salgado, como também, é necessário reportar-me à história de Delmiro Gouveia/AL. O nosso município, que teve como marco histórico a produção de fio, em uma fábrica de tecelagem¹. Fator fundamental no modo de sobrevivência dos moradores da região e da comunidade. Abordando também, fatores relevantes como a criação da associação e o resgate de parte da nossa história a partir dela, são acontecimentos que de certa forma influenciou nas mudanças que aconteceram e na construção de nossa identidade.

Segundo Callai (2004, s.p.);

Compreender a lógica da organização deste espaço permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o individual, seja do ponto de vista da cidade como tal, seja das pessoas que ali vivem. E cada lugar responde aos estímulos gerados externamente (globalmente); de acordo com a capacidade de organização das pessoas e dos grupos que ali habitam. Isto tudo permite que cada lugar possua uma identidade, que são as marcas que os caracterizam. A identidade do lugar permite que as pessoas tenham uma identificação com o mesmo, mas acima de tudo é necessário que cada sujeito construa sua identidade singular.

¹A Cia. Agro Fabril Mercantil começou a funcionar em 05 de junho de 1914 pelo empreendedor e desbravador Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, e fecha as portas em 31 de janeiro de 2017.

Relembrando esses momentos que fizeram parte da história da comunidade e consequentemente da minha história, percebo que muitos outros acontecimentos importantes marcaram nossas vidas, e pretendo abordar no decorrer da construção desse trabalho.

1.1 – A RELAÇÃO COM O LUGAR

Desde muito pequena fui uma observadora da rotina das pessoas e das mulheres deste lugar, em especial a de minha mãe, Maria José Rodrigues Pereira, uma de minhas entrevistadas. Quando eu acordava o fogo de lenha ou carvão já estava aceso, e com nosso café sendo preparada, ela com agilidade andava de um lugar a outro, concluindo suas tarefas domésticas, ainda tinha o trabalho no tear e ajudava meu pai com os cuidados nos animais (galinhas, porcos, ovelhas e vacas) e com a venda do leite. Entre tantas atribuições ainda tirava um tempinho para cuidar e agradecer os filhos, contar histórias de sua infância, ajudar com as tarefas da escola e ajudar meu avô, o Senhor Aurélio Rodrigues Oliveira a cuidar das atividades da Igreja da comunidade, essa atribuição voluntária para com a comunidade prossegue até os dias atuais. Assim era o dia a dia, de muitas Marias da comunidade, cheios de energia, com muito movimento.

Entre estes acontecimentos quero ressaltar a participação das mulheres como protagonistas desta história, que ao longo do tempo assumiram diversos papéis, no ambiente doméstico e social. Mesmo sendo desvalorizadas, discriminadas e muitas abandonadas por seus esposos, as mulheres foram resistentes, assumiram com garra a responsabilidade de sustentar e administrar o lar, mesmo com muito sofrimento, mas elas resistem e algumas se destacam por assumirem posições de liderança na comunidade e por serem solidárias umas com as outras. E assim, construíram uma nova história, tendo como ponto de partida sua participação na Associação Comunitária Rural São João Batista². Um fato que chama a atenção é que foi fundada no mesmo dia e ano que foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil³.

²Associação Ccomunitária Rural São João Batista, Localizada no Povoado Salgado, foi fundada em 05 de outubro de 1988, com o objetivo de organizar a comunidade para lutar por seus direitos.

³Constituição de 1988, é a atual Carta Magna do Brasil. Ela é sétima constituição do país e a sexta de sua república, bem como a última a consolidar a transição de um regime autoritário (Ditadura Militar, 1964-85) para um democrático (Nova República, 1985-atual). <https://www.infoescola.com/direito/constituicao-de-1988/>

Diversos fatores foram relevantes e me motivaram a escrever sobre a comunidade Salgado. Um deles foi à força de muitas mulheres que aqui viveram e vivem, resistindo às angústias e preocupações de mãe e esposa, ao calor do sol escaldante durante seus afazeres domésticos, no campo, na pesca ou no tear. Seja realizando qualquer função, algumas mulheres desta comunidade são cheias de coragem, alegria e não desistem facilmente em meio as dificuldades.

Outro aspecto deste trabalho é a importância de sua utilização como instrumento pedagógico. Através destes registros das memórias dos que aqui viveram e vivem desejo que seja uma das fontes de pesquisa para estudos da história do lugar o qual nós pertencemos,

Abordar o tema, **A Presença das Mulheres na Construção da História e Memória do Povoado Salgado-Delmiro Gouveia/AL**, neste trabalho de conclusão de curso, tem sido uma emoção e ao mesmo tempo um desafio, por que são poucos os registros em documentos da formação desta comunidade de Salgado e da vida dessas mulheres. O método utilizado é a história oral através das entrevistas. Assim, a história oral “tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades” (FERREIRA, 2002, p. 330).

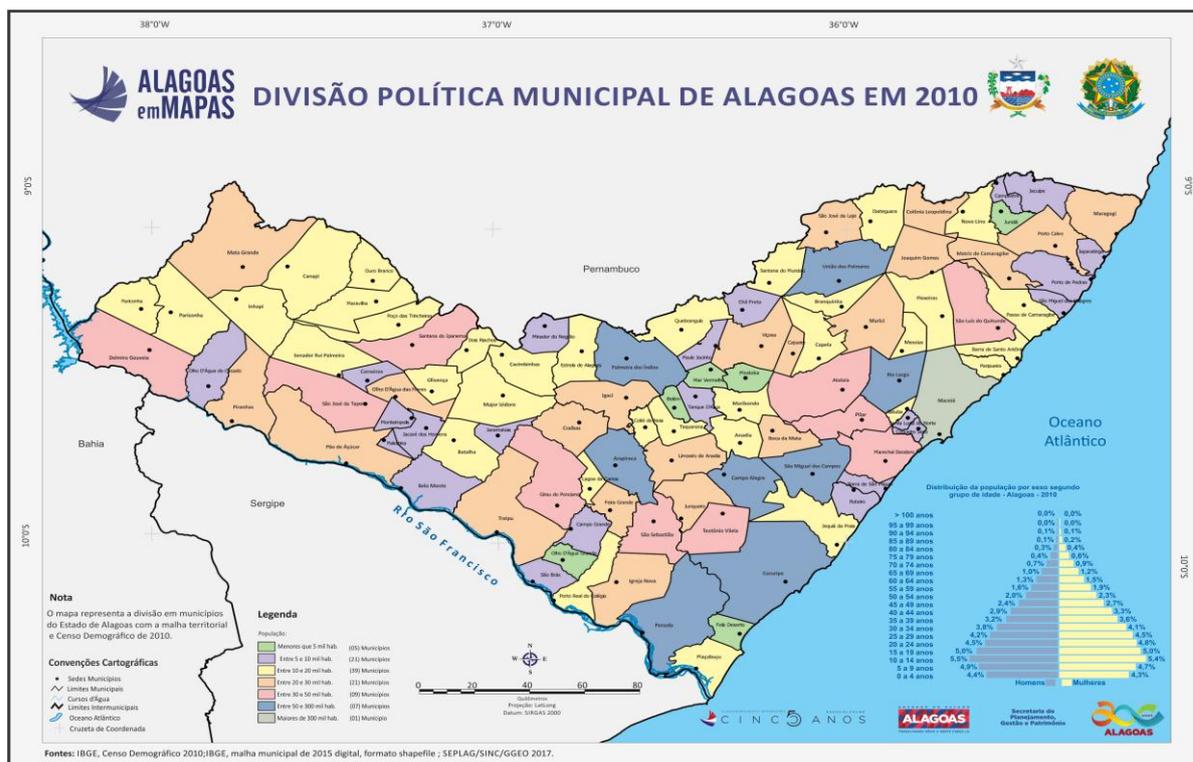
Neste contexto, a história oral no processo de formação das identidades locais servirá como ferramenta para adquirir informações que comprovem o cotidiano do lugar através dos sujeitos que construíram, e fazem parte dele até os dias atuais. Fazendo um resgate de suas memórias individuais e coletivas. Por meio da história oral é possível conhecer as diferentes características da comunidade, de seus moradores e da ligação com o município de Delmiro Gouveia/AL.

1.2- CONTEXTO HISTÓRICO DE DELMIRO GOUVEIA

O Município de Delmiro Gouveia, Sertão de Alagoas, de acordo com os dados encontrados em um diagnóstico, organizado por Mascarenhas, Beltrão, e Souza Junior (2005), está localizado no extremo oeste do Estado de Alagoas, com distância de 305 km da capital Maceió, limita-se a norte com os municípios de Pariconha/AL e Água Branca/AL, a sul com Paulo Afonso/BA e Canindé do São Francisco/SE, a leste com Olho D' Água do Casado/AL e

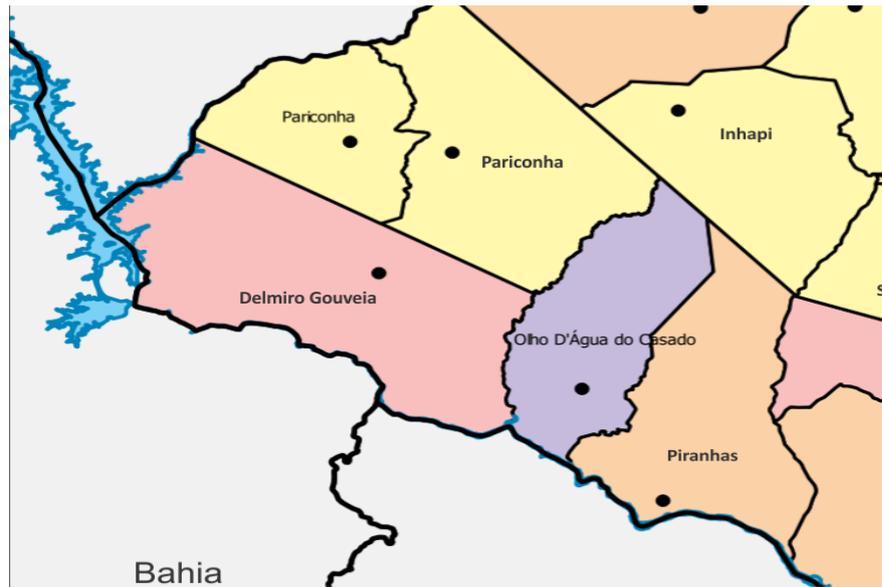
a oeste com Jatobá/PE, Paulo Afonso/BA e Glória/BA. Possui 48.096 habitantes, sendo que 34.854 residem na zona urbana e 13.242 residem na zona rural, de acordo com o Censo de 2010. O mapa a seguir contribui para a localização do município dentro do estado de Alagoas.

Mapa da Divisão Política de Alagoas



Fonte: Alagoas 200.com.br/mapa

Recorte do Mapa da Divisão Política de Alagoas



Fonte: Alagoas200.com. br/mapa

É um município de localização territorial privilegiada, por fazer fronteira com os Estados e Municípios citados acima, sua história tem grandes influências, no desenvolvimento econômico e cultural da região, tem um povo sertanejo trabalhador, hospitaleiro e festivo. Segundo informações encontradas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/2016,

O primeiro nome dado à cidade de Delmiro Gouveia foi Pedra e o povoado se constituiu a partir de uma estação da estrada de ferro da então Great-Western. A denominação Pedra veio de grandes rochas que existiam junto da estação. Em 1903 chegou à região, vindo de Recife (PE), o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que se estabeleceu vendendo couros de bovinos e peles de caprinos. Em 1914, ele instalou uma fábrica de linha com o nome de Companhia Agro Fabril Mercantil, atraindo para a região muitos moradores e trazendo o desenvolvimento. Em 1921, Delmiro Gouveia conseguiu dotar o lugar de energia elétrica e água canalizada, vindos da cachoeira de Paulo Afonso. A vila operária recebeu o nome de Pedra, a 'Pedra de Delmiro'. A história registra como fato importante a visita do Imperador D. Pedro II à cachoeira, datada de 20 de outubro de 1859 e assinalada por um marco de pedra, erguido no local. Em 1938 foi criado o distrito com o nome de Pedra. Em 1945 foi mudada a denominação da vila para Delmiro Gouveia. O município, porém, só foi definitivamente em 1952, desmembrado de Água Branca. Delmiro Gouveia, o desbravador pioneiro no aproveitamento da cachoeira, morreu assassinado. A principal atração do município é sua própria história, que pode ser pesquisada no Museu Delmiro Gouveia. Como beleza natural, a cidade ostenta parte do cânion do São Francisco. Entre as festividades, estão a festa da padroeira e o carnaval. O acesso a partir de Maceió, capital do Estado, é feito através das rodovias pavimentadas BR316, BR-101 e AL-220, com percurso em torno de 294,80 km.

Ao abordar o contexto histórico do Município de Delmiro Gouveia, gostaria de ressaltar a relação da Comunidade do Salgado com a cidade e os delmirenses, através do surgimento da Fábrica de linha com o nome de Companhia Agro Fabril Mercantil⁴. Segundo o relato da Senhora Maria Tanauza Gonzaga, a Fábrica empregou e abrigou alguns moradores, inclusive ela na década de 70, que trabalhou na camisaria. Também fornecia o fio para as artesãs confeccionarem suas redes e outros produtos de utensílios domésticos, como retrata a história da comunidade Salgado.

Povoado Salgado é uma comunidade rural e está localizada ao sul do Município de Delmiro Gouveia, Alto Sertão do Estado de Alagoas. Registros históricos que serão apresentados nesta pesquisa e comparados com relatos de moradores apontam para o surgimento desta comunidade no início do século XIX. O aspecto físico da região é de superfície plana⁵, com vegetação típica da caatinga, com população aproximada de 721 habitantes residente na comunidade⁶.

Atualmente pequena parte dos moradores sobrevivem da economia local, através da pesca artesanal, agricultura, tecelagem manual, serviços públicos, pensão e aposentadoria. A grande maioria das famílias hoje são mantidas com a renda enviada por filhos e esposos que trabalham em outras regiões do País, em obras de construção civil e linhas de transmissão vindas de outras regiões do país. Enquanto os homens viajam em busca de melhor qualidade de vida para a família, as mulheres assumem a administração da casa, cuidam da educação dos filhos menores de idade e esperam ansiosas pelo retorno de seus entes querido.

A origem do nome *Salgado* foi denominada pelos riachos intermitente de água salobra que cortam a localidade, e encontravam em seu leito pequenas pedras de sal. Dessas águas dos riachos, também dependiam a sobrevivência das famílias que utilizavam para lavar pratos, limpar a casa e saciar a sede dos animais.

As primeiras famílias que habitaram a comunidade eram em grande maioria de outros Estados, da Bahia, Sergipe e Pernambuco. Chegaram aqui em busca de sobrevivência, através

⁴Instalada em 1914, com o nome de Companhia Agro Fabril Mercantil, atraindo para a região muitos moradores e trazendo o desenvolvimento. <http://www.cultura.al.gov.br/municipios/historico-dos-municipios/historico-do-municipio-de-delmiro-gouveia>

⁵ Alagoas em mapas- Acervo de mapas sobre o Estado de Alagoas ano 2012 - <http://dados.al.gov.br/dataset>

⁶ Pesquisa realizada pela autora em 19 de dezembro de 2018

da agricultura e da pesca no Rio São Francisco, e outros fugindo de Lampião⁷ que amedrontava a região.

Nos relatos de alguns moradores, ouve-se falar da passagem de Dom Pedro II em outubro de 1859 quando veio visitar a Cachoeira de Paulo Afonso, onde alguns anos depois foram implantados a Hidrelétrica de Angiquinho⁸. Ao chegar no Povoado Salgado, parou na residência do Senhor Virgínilho Cordeiro e da senhora Joaquina, sentou-se em um baú que existia na casa, casa construída com barro e que ficava separada das outras. Neste povoado pernitoou com sua comitiva. Segundo Duarte (2010, p. 53),

A caravana imperial atingiu o Salgado às 8 horas da noite de 19 ainda. O tempo estava ameaçador com fortes relâmpagos. Pela madrugada de 20 partiu o Imperador, afrontando a temporal, para a cachoeira de Paulo Afonso.

A passagem de um Imperador na comunidade Salgado é um fato histórico relevante, que enaltece e chama a atenção dos visitantes para o contexto histórico inserido na comunidade. É um povo acolhedor que além de muitas histórias, dispõe de uma beleza natural incomparável, como os Cânions do Rio São Francisco, o pôr do sol, e a caatinga⁹ com uma diversidade de plantas e animais.

Este trabalho pretende abordar sobre a história da comunidade Salgado e a vida de algumas mulheres que residem na comunidade. Enfatizando suas relações com a construção do lugar, com os espaços vividos, com seu trabalho e algumas questões que nortearam estas temáticas.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é fazer o resgate da memória de moradores do Povoado¹⁰ de Salgado. Em especial analisando a participação das mulheres na organização do lugar, através das instituições existente na comunidade, abordando aspectos sociais, educacionais, culturais, religiosos, afetivos e suas relações com o lugar de suas vivências.

⁷ Lampião esteve em Delmiro Gouveia, Cenário do primeiro assalto de Lampião, em 22 de julho de 1922. Disponível em: < <http://www.alagoas24horas.com.br/823042/cidade-ja-hospedou-lampiao-e-delmiro-gouveia>>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

⁸ Angiquinho, primeira hidrelétrica do Nordeste, Inaugurada em 26 de janeiro de 1913, por Delmiro Augusto da Cruz Gouveia.

⁹ A caatinga ocupa uma área de cerca de 844.453 quilômetros quadrados, o equivalente a 11% do território nacional. Engloba os estados Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o norte de Minas Gerais. <http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga>

¹⁰ Povoado: lugar que reúne poucas casas habitadas; vilarejo, lugarejo, aldeia, povoação. <https://www.dicio.com.br/aurelio>

O trabalho encontra-se organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, faremos uma exposição sobre o campo da pesquisa e os motivos para escolha do tema. No segundo capítulo faremos um levantamento teórico sobre o tema, fazendo uma descrição a respeito da história oral, como método utilizado para realizar a investigação, e apontaremos os instrumentos e procedimentos realizados na coleta de dados. Por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos o contexto histórico a partir de dados e documentos encontrados, a memória feminina sobre a comunidade¹¹, a análise de dados e as considerações finais.

¹¹Comunidade: população que vive num dado lugar ou região, ger. ligada por interesses comuns.
<https://www.dicio.com.br/aurelio>

CAP II. PERCURSO DA PESQUISA

2.1 A Pesquisa

Este trabalho surgiu do desejo de dar visibilidade à história do lugar, desde o início do curso da graduação em Pedagogia, através do resgate das memórias das mulheres que participam do cotidiano deste lugar. O mesmo pretende atender os seguintes objetivos: executar uma pesquisa com quatro mulheres que lideram ou executam ações em diversos setores de referência na comunidade, fazer um levantamento histórico do lugar através de entrevistas, buscar documentos que comprovem sua estruturação, realçar o papel da mulher na organização do Povoado Salgado e abordando suas vivências. Inicialmente busquei informações sobre a orientação e quem seria minha orientadora na área específica de abordagem do tema, apresentei a proposta à Professora Doutora Maria Aparecida, que de imediato aceitou o convite.

Partindo desse ponto, iniciei as leituras e a busca por documentos para contribuir com a veracidade dos fatos em meu trabalho. Em seguida fizemos um levantamento das depoentes que foram contatadas a partir de uma busca por pessoas que correspondesse aos critérios e tivesse interesse em participar do estudo. E o passo seguinte foi à elaboração e aprovação do questionário. Estando tudo organizado partimos para as entrevistas.

O primeiro contato foi feito pessoalmente, na sede da Associação Descanso de Rei dos Artesãos do Povoado Salgado, algumas tive que ir até sua residência. E após a confirmação do interesse em participar, marcamos uma data e o local para realizar uma conversa coletiva com as entrevistadas. A conversa aconteceu na sede da tecelagem.

No dia e local marcado, 20 de setembro de 2018 às 16h00, apresentei novamente a proposta e os objetivos da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como também a importância desse trabalho para mim e conseqüentemente para a comunidade. Pois, a partir desta pesquisa teríamos um registro da história do Povoado, com também a história de grandes mulheres que serão lembradas pelas gerações futuras. Tranquilizando as participantes com relação ao sigilo e confidencialidade das informações fornecidas por elas, eu só publicaria aquilo que permitissem.

Solicitei a assinatura do TCLE, realizou-se a primeira com uma das mulheres presentes. O registro se deu por meio de uma gravação de celular sem imagem e por escrito.

Confesso que por estar no início do trabalho, não imaginava ouvir histórias tão preciosas. Ao iniciar a entrevista foi observada a afeição que a interlocutora, Maria Shirley, tem por este lugar e pela atividade produtiva que exerce, artesã. A entrevista foi realizada no dia 08 do mês de outubro de 2018 e durou 01h30. Quando a entrevista acabou foram feitos agradecimentos pela contribuição no estudo.

A segunda entrevista foi com a Senhora Helia da Silva, previamente agendada para as 16h00 no dia 16 de outubro de 2018, em sua residência. Ao chegar no horário combinado a depoente estava ocupada com alguns afazeres domésticos e logo em seguida recebeu a visita de alguns amigos de outra comunidade. Por este motivo, remarcamos para o dia seguinte na sede da associação, no mesmo horário. No segundo dia, chegando ao local, Helia já se encontrava a minha espera e iniciamos a entrevista. Que foi pautada por vários momentos de choro, principalmente ao lembrar-se do período de sua infância, das dificuldades que enfrentou com os filhos. Após duas horas de conversa encerramos a entrevista, e mais uma vez os agradecimentos por sua contribuição.

O terceiro encontro aconteceu na residência da Senhora Maria José, às 17h00 no dia 18 de outubro de 2018. Iniciamos a entrevista bastante emocionada, foi um momento de muita emoção. Maria José tinha perdido seu esposo recentemente, e eu o meu pai, e toda sua trajetória de vida, trabalho e afetividade foi ao lado do seu companheiro. Foram relatos importantes sobre a história do lugar, das pessoas e das atividades produtivas que tiveram muita influência na vida das pessoas do povoado Salgado, que é agricultura, a pesca e principalmente a tecelagem. Ao ouvir os relatos, muitas vezes me via envolvida em momentos que foram marcantes para compor a história local, pois sempre estive ao lado da minha mãe e com ela aprendi a ser determinada, mobilizadora e voluntária. Maria José é professora e conhecedora de muitas informações, gosta muito de falar sobre os mais velhos, as belezas naturais e os modos de sobrevivência local. A entrevista durou mais que o esperado, 3h40, finalizamos com os agradecimentos.

A última entrevista aconteceu em minha residência, a pedido de Ione Correia de Araújo, pois em sua residência tem muito movimento, e se sentiria confortável em ter um pouco de privacidade. Ao iniciar a entrevista com Ione, percebi que a mesma estava envolvida e disposta a conversar sobre a vida de muito trabalho que teve nesta comunidade, que segundo ela adora viver aqui. Foi a entrevista mais demorada, das 8h30 às 11h45, no dia 19 de outubro

de 2018. Muito agradecida, nos despedimos e a mesma pediu para que eu lesse o trabalho para ela quando estivesse pronto.

Gostaria de ressaltar a intencionalidade de uma quinta entrevistada, que era a Doutora Maria Ângela Feitosa, psicóloga e técnica agrícola, mas que por motivos maiores não foi possível. Não conseguimos ajustar os horários e houve a impossibilidade do encontro, pois ela trabalha em outro Estado e nos dias de folga vai à Maceió, realizar outra atividade. Mas, quero registrar aqui os relatos de todas as entrevistadas sobre o trabalho que ela realizou na comunidade e o quanto isso influenciou na vida de todas.

O primeiro relato é da senhora Ione Correia de Araújo (2018);

Ângela foi uma pessoa muito boa, com ela aprendi muitas coisas. Aprendi a trabalhar no tear novo, através dela que foi que veio o desenvolvimento na associação, aprendi a falar no meio das pessoas porque eu tinha vergonha e tinha medo. Ângela é como uma irmã, me aconselhou muito, me ensinou a ter paciência e fé. Ela também trouxe o projeto de criação das cabras, através da Emater¹², que nos ajudou no sustento da família. Tenho muito que agradecer a ela, porque foi ela que me fez o convite para participar da associação e foi lá que eu aprendi a me valorizar. É uma pena que a Ângela tenha saído da associação, mas o que ela fez a gente nunca esquecerá.

Helia da Silva (2018) ressalta;

Ângela é uma pessoa de Deus, quando eu não tinha esperança ela chegou à comunidade com aquela alegria e ensinamentos. Depois formou a associação, e nas reuniões que tinha ouvia as palestras e ficava pensando em minha vida, o que tinha passado e o que eu queria para mim e para os meus filhos. Sempre gostei muito de trabalhar e fiquei muito feliz quando soube que a tecelagem ia voltar novamente. Ângela era muito boa, trazia lanche, ensinava a gente a se alimentar direito, com as frutas dos quintais, ensinou várias receitas, a fazer exercícios antes de ir pro tear, ela cuidava da gente. E tudo que ela ensinou, eu tentei desenvolver e mudar minha vida. O que eu tenho a dizer é que a Ângela trouxe muita coisa boa para comunidade e até hoje quando a gente se encontra ela nos ajuda, com algum conselho ou alguma outra coisa que a gente precisa.

Maria Shirley Gonzaga (2018) relata com muita emoção;

À Ângela devo tudo que eu sou. Com ela aprendi a não ter medo e a enfrentar as dificuldades da vida, aprendi a gostar de participar de palestras e cursos, de estar envolvida na igreja porque ela é uma pessoa muito católica e de muita fé. Ela foi inspiração em minha vida continua sendo, pois é uma grande amiga. Ela me mostrou

¹²Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Alagoas- EMATER –AL.

muitas possibilidades que a vida tem da gente seguir em frente, apesar das minhas limitações com meus problemas de saúde, eu nunca desisti diante das dificuldades e isso eu devo a ela, que sempre me incentivou mostrou meu potencial e me ajudou com suas orientações nos momentos difíceis. Hoje eu estou na associação graças a ela, tudo que eu sei referente ao trabalho com tear, as relações no trabalho coletivo, e a dialogar com outras instituições eu aprendi com ela, não tenho palavras para agradecer ela é minha referência.

Maria José Rodrigues Pereira (2018) diz;

Maria Ângela Feitosa dos Santos veio para comunidade através da Emater, com o trabalho de extensão rural e através deste, ela conseguiu projetos como: a criação de caprinos, o banco de sementes para os agricultores plantarem, reuniu os moradores na associação, ensinou a cuidar do meio ambiente, evangelizou e fez o resgate de muitas mulheres para igreja, desenvolveu o trabalho com crianças e jovens e tantas outras coisas que ela fez. A vinda dela para o Salgado foi muito importante, e foi em nossa casa que ela sempre foi acolhida, e através de sua orientação, ela despertou o gosto de trabalhar com a terra em muitas pessoas e o principal foi resgate de nossa Cultura, através do resgate da tecelagem. Ângela é uma pessoa muito inteligente e grande amiga de nossa família, foi através dela e nesse trabalho com os agricultores rurais que me dediquei mais ainda com o trabalho voluntário na comunidade. O que aprendi com ela, me serviu até para resolver algumas questões em um concurso que fiz, ela também me encorajou nos trabalhos da igreja, meu sentimento por Ângela é de amor e gratidão.

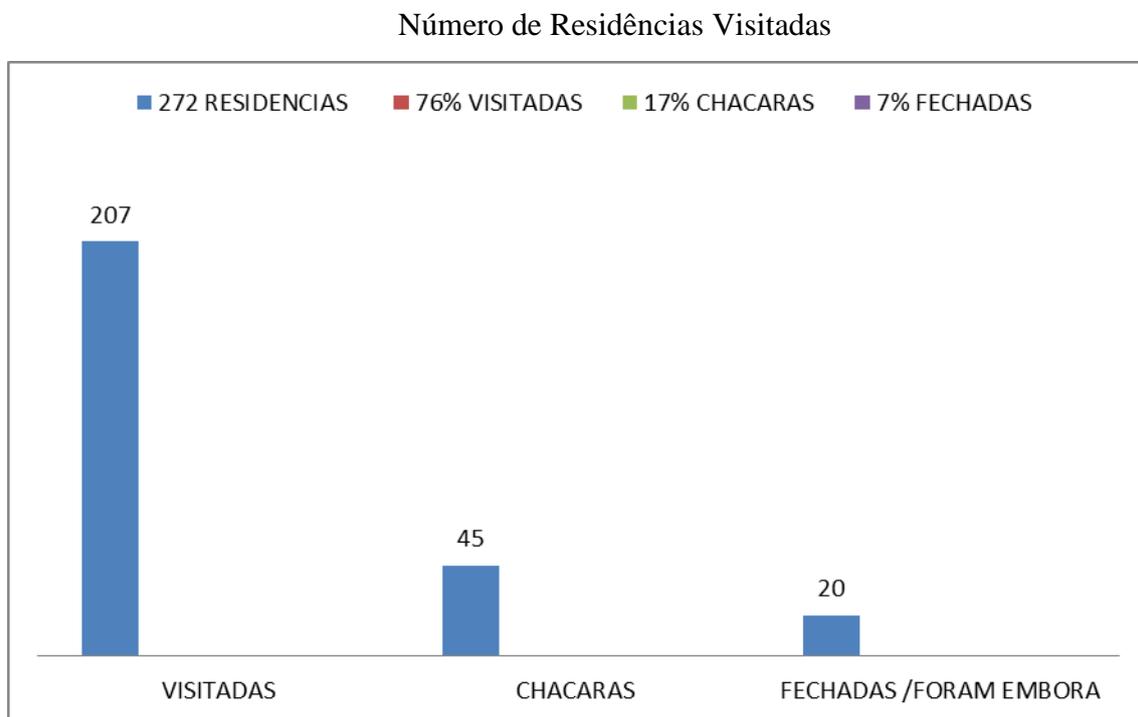
Alessandra Rodrigues Pereira (2018) relata:

Conheci Ângela quando ela veio desenvolver um trabalho na comunidade através da EMATER-AL, e ficamos muito próximas, por que toda atividade que ela desenvolvia eu estava junto, minha mãe me levava e ela sempre ficou hospedada na minha casa. Devo muito a ela, pois foi um dos maiores exemplos de fé, amor, amizade, profissionalismo, conhecimento e honestidade. A ela devo meu ingresso na Universidade, foi quem pagou minha inscrição me motivou abrir as portas de sua casa para que eu pudesse fazer meus trabalhos. Despertou-me para o trabalho coletivo, solidário e missionário, me proporcionando momentos de intensos de encontro com Deus e reflexão de minhas ações. É uma relação de amor de confiança, amizade e cuidado, sei que mesmo estando distantes uma da outra, uma reza pela outra e isso nos fortalece. Teria muito que falar dela e de seu esposo Antônio Sandes, mas seria repetitiva, pois basta saber que o que nos une é o amor de amigos e irmãos e tudo que aprendi com eles eu tento compartilhar e para o bem comum de todos. Até mesmo este trabalho, segue norteado pelos relatos de Angela.

Todos os relatos apresentam Ângela como a pessoa que norteou e foi muito importante no desenvolvimento de ações que trouxeram melhorias na agricultura, educação, religião, saúde, social e pessoal, dando um direcionamento na vida dos envolvidos. Há um sentimento muito forte de gratidão, por tudo que foi implantado através do trabalho que ela desenvolveu que foi além do programado.

As conversas foram realizadas na própria comunidade do Salgado, onde elas residem, município de Delmiro Gouveia, no estado de Alagoas. O registro das falas foi realizado pela transcrição do áudio e a partir dela se iniciou a análise. A partir da análise e discussões da entrevista abordaremos as categorias de lugar, memória, história oral.

Como instrumento, utilizamos o levantamento de dados para descobrir a população residente na comunidade, a renda dos moradores, a quantidade de moradias ocupadas e vazias e temporárias, e o número de pessoas que viajam para buscar renda fora da comunidade. Os resultados estão à mostra no gráfico abaixo e no decorrer do trabalho.



Fonte: Material produzido

O levantamento de dados, com relação a população residente na comunidade, foi feito através de uma visita rápida em todas as moradias. Foram visitadas duzentas e setenta e duas casas, destas, duzentas e sete estão habitadas, quarenta e cinco são chácaras que na sua maioria são visitadas aos finais de semana, e vinte estão fechadas, seus moradores estão morando em outro local.

Ressalto ainda que há um número considerável de residências sendo construídas e de famílias que foram embora da comunidade nas décadas de 80 e 90, e que constituíram outras famílias, voltando à comunidade apenas a passeio. Ao escrever sobre o contexto histórico do

lugar, em alguns momentos apresentarei os motivos que levaram a população a migrar para outros estados serão descritos.

2.2 Instrumentos e Procedimentos

O objetivo que norteou a pesquisa foi: fazer o resgate da memória de moradores do Povoado de Salgado, em especial analisando a sua relação com o lugar de suas vivências, através de sua participação em instituições existentes na comunidade, abordando aspectos sociais, educacionais, culturais, religiosos afetivos.

Este trabalho apresenta a história oral como metodologia de pesquisa, que irá nos permitir conhecer e aprofundar aspectos da realidade, como também consolidar a história oral na sua capacidade de reconstruir a memória das pessoas envolvidas, percorrendo alguns autores que fortalecem esses aspectos.

Através da metodologia de pesquisa pretende-se construir e recuperar a imagem do passado, que reflete no presente e permitirá uma abordagem abrangente. Para isto as técnicas utilizadas foram a de coleta de dados, entrevista semiestruturada e o levantamento histórico através da busca de documentos antigos referentes a história do povoado Salgado, encontrados em livros, relatórios, escrituras de terra e outros.

Neste sentido Delgado (2010, p. 43) afirma que;

as narrativas sobre a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar a arte de contar traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão de geração para geração das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que narram à história da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.

Através da aplicação dos questionários, foi possível descrever o passado o e reflexo dele no presente, fazendo o resgate das memórias individuais e coletivas de suas vidas e da relação com o lugar. Podemos fazer uma viagem no tempo, ouvindo os relatos que servirão como fonte para construção de um conhecimento científico em torno da história da vida das pessoas. Delgado (2010, p.44) reafirma que;

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas contém a força da tradição e muitas vezes relatam poder das transformações. História e Narrativa, tal qual a história e a memória alimentam-se. [...] é a humanidade em movimento. São

olhares que permeiam tempos heterogêneos é a história em construção, são memórias que falam.

A utilização de fontes orais tem fomentado muitos debates a respeito de sua credibilidade. Mas os relatos contidos no terceiro capítulo deste trabalho podem ser comparados a outros documentos que sejam também ricos em informações e significados, a exemplo temos: as fotografias e documentos que foram analisadas neste estudo.

É no exercício de pesquisar e complementar as fontes, que alcançaremos uma maior legitimidade histórica, aliado à análise crítica dos estudiosos por parte do pesquisador. Para Duobois (2009, p. 30), “[...] o papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor compreensão da realidade do mundo, tendo, portanto, uma função documental”.

Nota-se que todas as narrativas são respaldadas, não só com os relatos, mas através de outros instrumentos que comprovam a veracidade dos fatos. Neste contexto Bosi (2003, p. 26-27) reafirma que,

O registro da vida vivida, por meio de fonte orais podem ser estimulado pela apresentação de referências documentais, que auxiliam a expressão das lembranças. São chamados os documentos significativos, que, muitas vezes funcionam como âncoras no decorrer do processo narrativo. Ecléia Bosi conceitua esse tipo de fonte carregada de passado e de significado do passado, reporta-se a Violette Morin, e a defini como “objetos biográficos” incorporados a trajetória de vida de determinado personagem. Podem ser cartas, cartões-postais, retratos, recorte velhos de jornais, medalhas, diplomas, bilhetes, anotações, livros, quadros, peças dos vestuários e botons. Expressam identidades que representam referências enraizamento, inúmeras vezes vital ao ato de recordar.

Portanto, percebe-se que a história e memória estão presentes na produção de fontes orais e que existem diversos instrumentos que comprovem sua legalidade. Apesar de que, Bosi (2003, p.18) ainda prossegue sua reflexão sobre a memória oral, afirmando que “a mesma também tem seus desvios, seus preconceitos, sua autenticidade”. Assim, percebemos que os fatos lembrados nas narrativas passam pela interpretação e significados que são constituídas pelo indivíduo que narra sua história, o que não invalida a história oral, mas que alerta a necessidade de ampliar as pesquisas e fundamenta-las utilizando os meios possíveis. “A história oral e a pesquisa documental, muitas vezes devem caminhar juntas e se auxiliam de forma mútua” (DELGADO, 2010, p. 24).

Aspecto importante neste estudo é a forma de como são feitas as narrativas das lembranças do passado, dos ancestrais e dos espaços vividos. Segundo Bosi (2003, p. 53-54),

na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A lembrança e a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, a flora a consciência na forma de imagens e lembranças.

No entanto, é preciso que estas lembranças sejam preservadas e transmitidas a outras gerações de alguma forma. Assim, Bosi (2003, p. 63) afirma que há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. E assim percebe-se que

um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la e desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem, criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 2003, p.82).

Diante desta afirmação, percebemos a importância dos relatos nas entrevistadas, que de forma simbólica apresentam características e fatos que se mantiveram em suas memórias até agora, como objetos de vivências individuais, que refletiram na vida coletiva da comunidade. Para Bosi (2003, p. 418), “cada geração tem de sua ‘idade’, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”.

Neste contexto, é preciso compreender de que forma cada um apresenta o lugar. O conceito de lugar é fundamental nesta pesquisa, pois na comunidade Salgado evidencia-se o apego e sentimento de pertencimento das pessoas com o lugar, expresso em suas práticas e modo de vida.

Os lugares que estão às referências, os valores, e os laços afetivos, são onde houve um profundo envolvimento com o local e com os outros. Segundo Santos (1999, p. 65), “[...] o sentimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”. E assim, a categoria *Lugar* é apresentada de forma diversificada pelas entrevistadas.

Callai (2000, s.p.), afirma que o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois o mundo é global, as coisas da vida e as relações sociais se concretizam em

lugares específicos ao mesmo tempo. Cada um que fala do seu lugar, enxerga-o de um modo, mas que não se distancia quando se refere ao sentimento que sentem por este lugar.

O povoado Salgado é um lugar cheio de pessoas, objetos, lugares e paisagens que tem significados para seus moradores. Reafirma Tuan (1983, s.p.), “lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes”. Assim, em sua trajetória de vida, os objetos e lugares têm significados pois fazem parte de momentos vividos que são importantes para muitas pessoas.

Neste pressuposto, Carlos (2007, p. 22) reflete que;

o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida. “No lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social”.

O lugar passa a ser compreendido através das relações e vivência que se estabelecem com o meio e tudo que há no local, assim, constroem-se a identidade dos moradores e fortalece o sentimento de pertencimento das pessoas com o lugar. Carlos (2007, p. 17), ressalta que “o lugar é à base da reprodução da vida”.

Nesse sentido, faz-se necessário compreender a vida que há neste lugar, as histórias, as transformações, os modos de produção, os conflitos e realizações. Para Milton Santos (1995, s.p), o lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao se realizar muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força da presença do homem.

Abordar a forma como era e é o lugar através das lembranças e do resgate memórias das pessoas, tem um sentimento de muita emoção, por me ver em muitos momentos neste lugar, vivendo minha infância. E reafirma Halbwachs (2004, s.p.), “para que a memória do outro passe a complementar a nossa, é necessário que os eventos do passado tenham alguma relação de proximidade E é através dos registros dessa lembrança, que faremos a reconstrução do passado”.

A memória nos dá a possibilidade do resgate do lugar, revelando-o e dando outra dimensão para o tempo. Nas palavras de Saramago (1991, p. 79), “foi ontem, e é o mesmo

que dizemos foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”. Ao ouvir os relatos vem à imagem de muitas mulheres realizando suas atividades, e parece que o tempo não passou ou passou rápido demais, em alguns casos o modo de vida continua o mesmo, em outros há algumas transformações, mas tudo depende da maneira como cada um assimila o lugar.

Para Tuan (1975, s.p.),

O lugar tem muitos significados que são atribuídos pelas pessoas e traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos que racionais e objetivos: uma praça ou uma rua onde se brinca desde a sua infância, o alto de um morro de onde se observa a cidade. Essa compreensão de lugar é também compartilhada por Ferreira (2000) onde o lugar está ligado ao contexto das ações e a eventos humanos, está muito mais ligado ao subjetivo que ao objetivo.

Assim, cada um vivencia o lugar a sua maneira, as relações afetivas, as mudanças e transformações que acontecem neste ambiente, é uma particularidade de cada um. Neste contexto Leite (1998, p. 10) ressalta:

[...] essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade. Como afirma Relph (1979), os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

Percebe-se que houve muitas mudanças significativas no povoado Salgado, devido as influências vindas do processo de globalização, mas, as relações e transformações podem ou não influenciar no modo de vida das pessoas, depende muito do desejo individual ou coletivo dos mesmos. Nas palavras de Carlos (1996, s.p),

[...] a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso se eliminar as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos.

Identifica-se que a categoria lugar aqui discutida, é bem complexa e singular. O lugar é sentido de forma individual ou coletiva, recebe influências ou não do mundo globalizado, depende do desejo de cada uma e a forma de viver o lugar. É cheio de lembranças, mudanças

e transformações, mas segundo Santos apud Arroyo (1996, p. 59), “O lugar é onde estão os homens juntos, sentidos, vivendo, pensando, emocionando-se”.

Deste modo, a pesquisa é contemplada com um misto de concepções sobre o lugar e a forma como cada um vivencia-o, sendo que, as protagonistas em viver este lugar de maneiras expressivas são as mulheres. Nota-se que o Povoado Salgado é um lugar de *mulheres*, de acordo com os relatos e fotografias, a mulher surge como trabalhadora que também promove o sustento da família, quando o homem tem que se ausentar em busca de alternativas de emprego. Como afirma Izaura Fisher (2006), O trabalho da mulher rural, principalmente na região Nordeste, ganha visibilidade em momentos de crise, como nos períodos de seca, nos quais os homens recorrem a trabalhos de pedreiro, e outras funções na cidade e deixam as suas famílias na zona rural.

Mesmo ela sendo estereotipada, discriminada, desvalorizada, pelos parceiros e sociedade, nesta comunidade ela ocupa em sua maioria o papel principal em gerir o lar, o trabalho e a família. Ainda encontram barreira no contexto atual, mas a mulher tem uma participação ativa, nos acontecimentos importantes, na história da comunidade e na vida de todos.

Durante décadas as mulheres vêm assumindo papéis fundamentais na sociedade, porém a história enfatiza somente o sexo masculino, e priva a mulher de assumir o protagonismo enquanto personagens ativas. Sarda (1987) afirma que, durante muito tempo, os historiadores silenciaram sobre a participação das mulheres na História. O homem ao longo da história vem sendo abordado com um exemplo de força e coragem, aquele que sustenta a família, e a mulher vista simplesmente como aquela que cuida do lar.

Ressaltamos que a luta e reconhecimento por direitos é constante, mas houve avanços, e aos poucos a mulher vem ocupando espaços de destaque, na família, no mercado de trabalho, na política, nos campos educativos, de modo geral, na sociedade como um todo. É nesta perspectiva que este trabalho aborda a vida de quatro artesãs que fizeram a diferença na organização e vivências da comunidade, cada uma a seu modo.

CAP. III. A HISTÓRIA E MEMÓRIA DO POVOADO SALGADO

3.1 A Formação do Lugar

Desde que nascemos nos relacionamos com o lugar em que vivemos, as pessoas que ali vivem, com seus símbolos, aspectos e características que são próprias deste lugar, e assim, estabelecemos um vínculo afetivo. Se um dia, por acaso, for preciso ir embora deste lugar, o sentimento de pertencimento ao primeiro lugar permanecerá, até que consigamos construir uma nova relação com o novo lugar, ou talvez, nem consigamos construir esse sentimento. É com esses sentimentos de amor, que se encontram enraizados neste lugar, que iremos abordar o contexto histórico da comunidade Salgado.

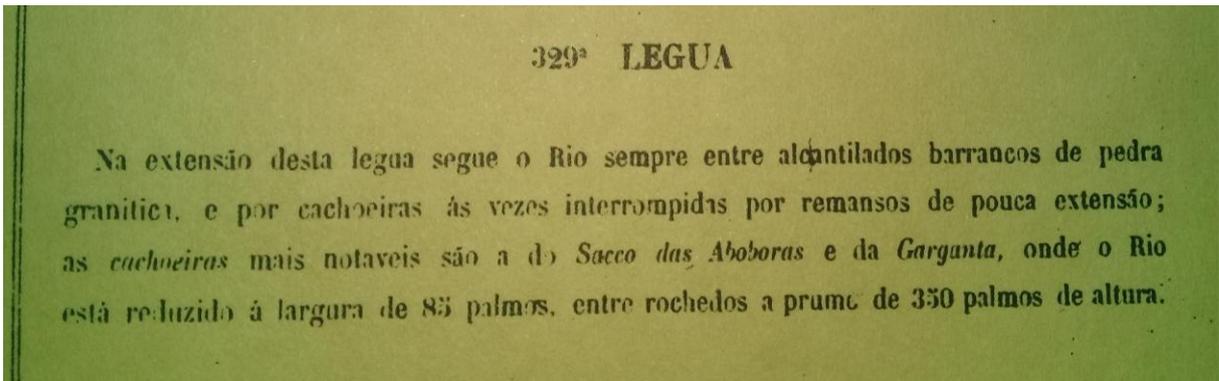
Registros históricos apontam para o surgimento da comunidade Salgado no início do século XIX, 1801 a 1900, alguns documentos e registros serão apresentados no decorrer deste trabalho que comprovam este fato. O primeiro que irei apresentar são trechos do livro: *Atlas e relatório Concernente a Exploração do Rio São Francisco desde a Cachoeira do Pirapora ao Oceano Atlântico*, de autoria do Engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfeld¹³, executado entre 1850 e 1854 e publicado em 1860.

Em seu trabalho de campo, o Engenheiro Halfeld (1860) descreve alguns dos pontos importantes e de referência, utilizado pelos pescadores e moradores da comunidade. Eles pescavam, as mulheres lavavam roupa, buscavam água para beber, em locais mais acessíveis, e com lindas praias de areia fininha, que chegava a escorregar feito seda por entre os dedos como: a cachoeira das Tubaranas, do Porto Velho do Salgado e a exuberante e perigosa cachoeira da Garganta.

Vejam recortes do livro:

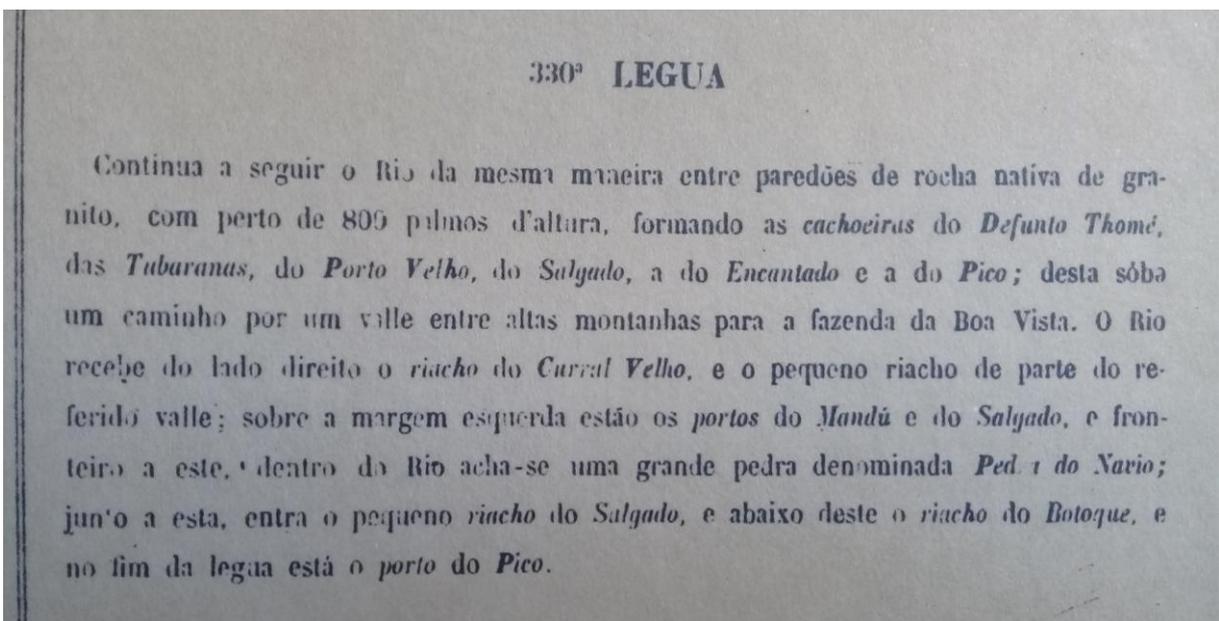
¹³Nomeado pelo Governo Imperial para chefiar a exploração do Rio São Francisco e seus afluentes, brilhante trabalho conhecido sob o nome de balizamento, o que foi feito desde a cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico. O trabalho de campo foi realizado no período de 1850 a 1854 e seu relatório foi entregue ao Governo no dia 20 de julho de 1860 e em anexo o atlas do Rio São Francisco. In *Atlas e Relatório Concernente à Exploração do Rio de S. Francisco, desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico* durante os anos de 1852 a 1854. Rio de Janeiro.

Trecho que Fala da Cachoeira da Garganta



Fonte: Atlas e relatório Concernente a Exploração do Rio São Francisco desde a Cachoeira do Pirapora ao Oceano Atlântico.

Trecho que Fala da Cachoeira da Tubarana, Porto Velho e Pedra do Navio



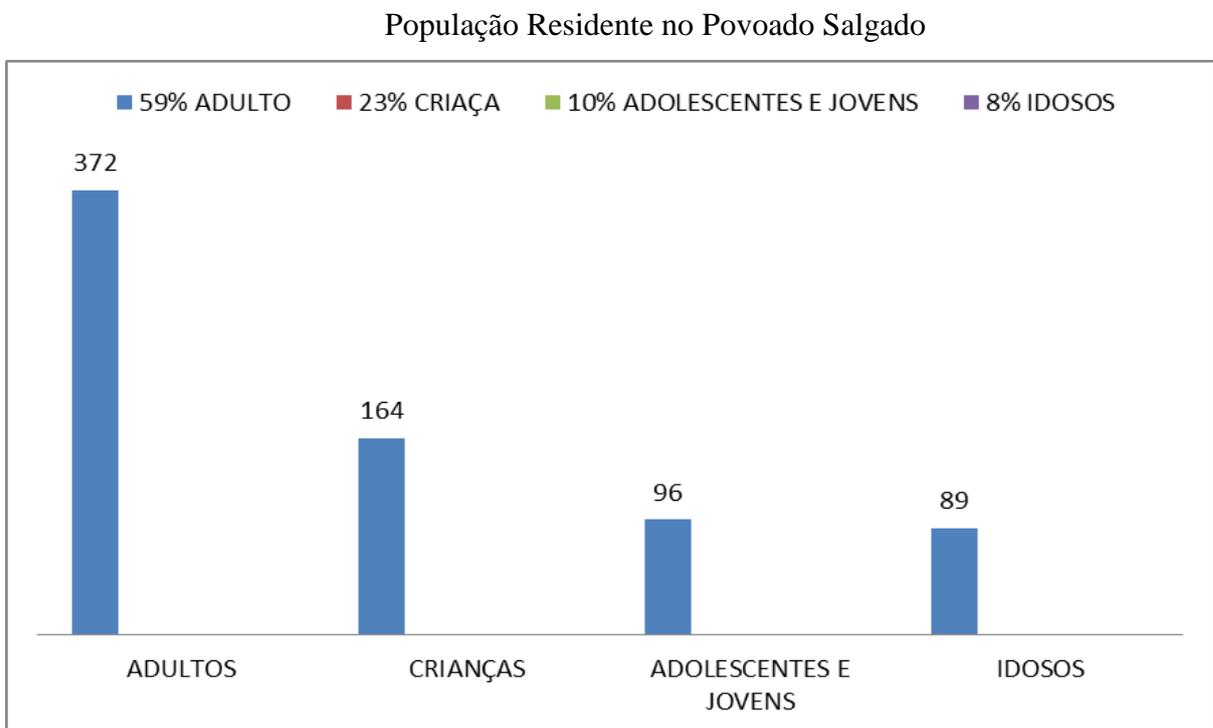
Fonte: Atlas e relatório Concernente a Exploração do Rio São Francisco desde a Cachoeira do Pirapora ao Oceano Atlântico.

Outro documento importante é a Carta Corográfica do Estado de Alagoas¹⁴.

¹⁴Mapa histórico; organizado pela Comissão de Propaganda de Imigração e Colonização. De ordem de seu chefe Excelentíssimo Governador Major Doutor Gabino Besouro. Carta reconstruída pelo arquivo público do gabinete civil do Estado de Alagoas no ano de 2016. <https://www.alagoas200.com.br/mapas>

Um documento organizado pela Comissão de Propaganda de Imigração e Colonização no ano de 1893. Em destaque está o nome Salgado, as margens do Rio São Francisco e estando localizado ao sul do município de Delmiro Gouveia, alto sertão do Estado de Alagoas.

O aspecto físico da região de Salgado é planície¹⁵, com vegetação típica da caatinga e com população hoje residente de setecentos e vinte e um habitante, destes, trezentos e setenta e dois são adultos, cento e sessenta e quatro são crianças e oitenta e nove são idosos. Como mostra o gráfico abaixo:

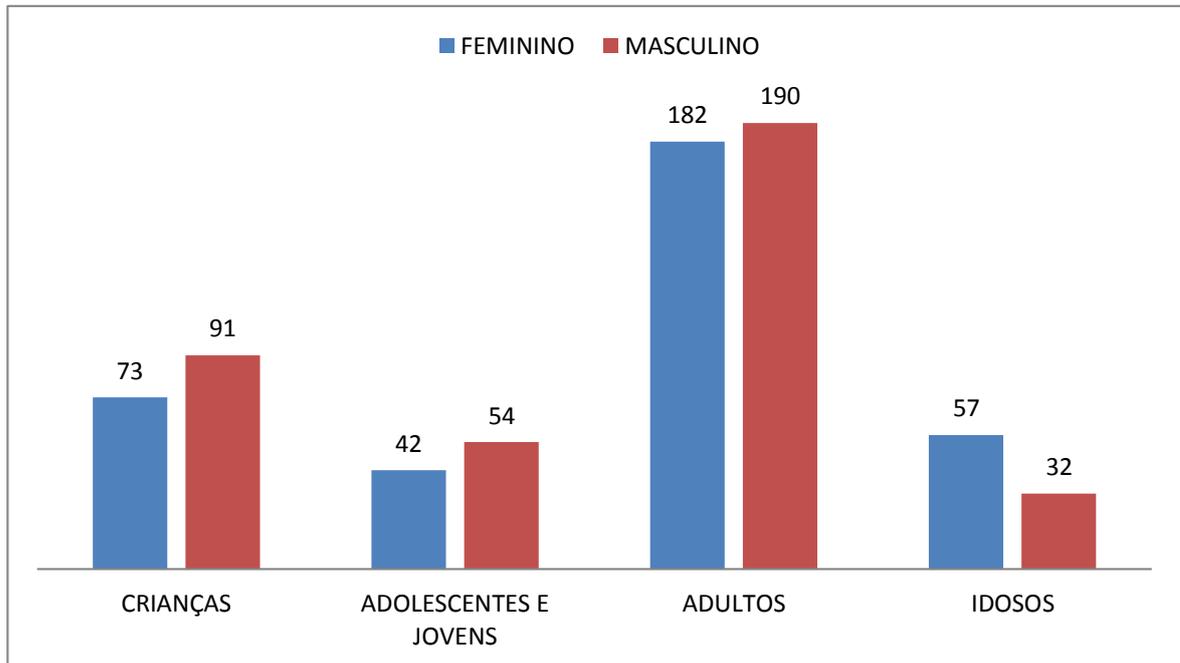


Fonte: Construído a partir da pesquisa

De acordo com os dados apresentados no gráfico acima, a população residente em salgado é majoritariamente de adultos, sendo distribuídos da seguinte forma:

¹⁵ Planícies são formas de relevo normalmente planas que constituem áreas onde se acumulam sedimentos. Encontram-se em regiões de baixa altitude, a poucos metros do nível do mar.

Gráfico de Gênero



Fonte: Construído a partir da pesquisa

Os dados apontam para um número maior de homens, totalizando trezentos e sessenta e sete, e as mulheres seguem com uma diferença mínima de treze a menos, sendo então, trezentos e cinquenta e quatro. Mas, este resultado não descaracteriza a presença forte da mulher no Povoado.

A arquitetura natural dos Cânions do Rio São Francisco, chama atenção e está localizada a aproximadamente 2km de distância das residências da comunidade. Caminhos percorridos por pescadores, agricultores e mulheres com suas enormes trouxas de roupas na cabeça para serem lavadas nos lajeiros as margens do rio, e com os potes de água na cabeça ou trepados em animais, que serviam para abastecer suas residências com água para o consumo humano. Segundo relatos no livro *Viagens Província das Alagoas* de Figueiredo Junior (1969, p. 121), diz o seguinte:

No Salgado, divisam-se, a algumas 800 braças de distância, as barracas do S. Francisco, [...] Das fazendas intermedieras de Piranhas à Cachoeira é este o lugar onde se pode beber melhor água, vinda do rio, havendo cuidado em busca-la. A fazenda do Salgado, composta de algumas casas de moradores e vaqueiro, jaz em linda situação, vantajosa por ser muito arejada e em planície, por não ter muito longe o benefício da água potável do rio.

Atualmente já não existe a prática de lavar roupa ou carregar água como antes, feito pelas mulheres e pescadores, pois, na comunidade Salgado existe água encanada própria para o consumo humano e animal. A comunidade provém também de energia elétrica, um posto de saúde com atendimento semanal por um médico e uma enfermeira, um cemitério, uma escola que atende crianças a partir dos três anos de idade, contemplando desde a Educação Infantil até o nono ano do Ensino Fundamental II, e recebendo alunos não só da comunidade Salgado, mas também do Povoado Cruz e do Povoado Rabeca. A estrutura física da comunidade também conta com: uma quadra de esportes e eventos culturais, igrejas católica e evangélica, um campo de futebol, um campo socyte, e uma lavanderia pública, que foi construída para atender as necessidades das pessoas que não tinham água encanada, mas hoje seu espaço só atende como ponto de apoio para eventos.

As primeiras famílias de sobrenomes, Gonzaga, Honório, Oliveira, Vieira e Pereira que aqui chegaram, tinham como base a pescaria, a agricultura, a caça, a tecelagem e a pecuária. Na agricultura o cultivo: do milho, feijão e algodão; na pecuária o manejo do bovino, ovino e caprino. Os produtos eram para o consumo próprio e vendido na região. Mas a pesca e as atividades agrícolas, já não são mais atividades principais, poucas são as famílias que sobrevivem através da agricultura e da pesca artesanal, que foram substituídas por criatório de peixes em tanques rede, da tecelagem manual.

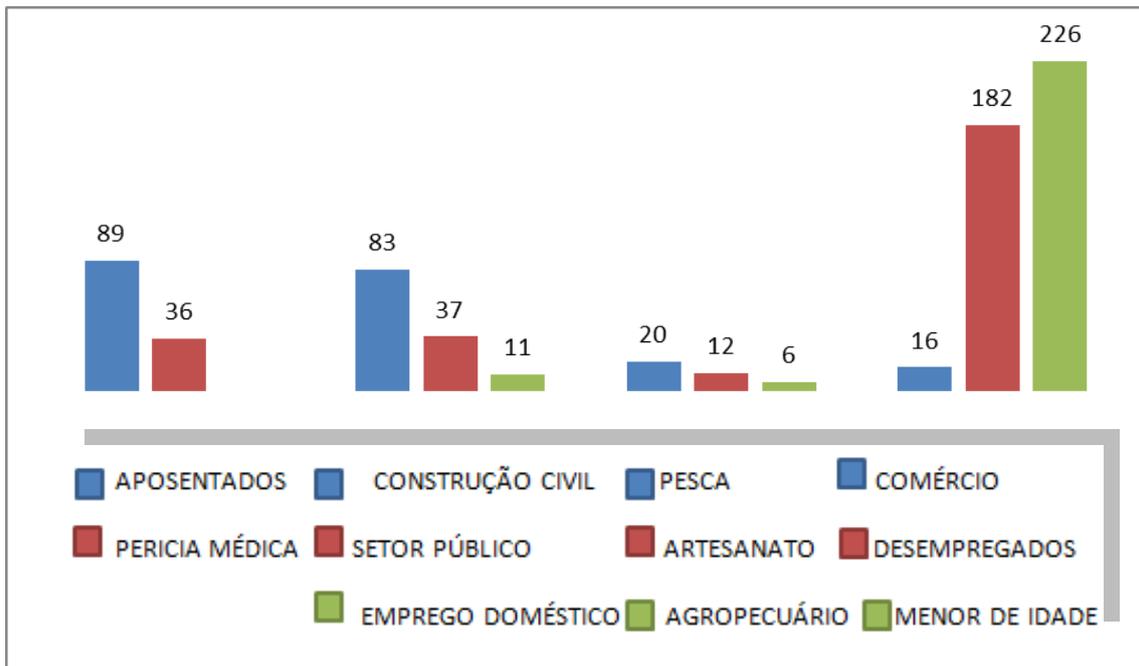
Para sobreviverem, as pessoas ao longo de sua existência neste lugar, tiveram que se adaptarem aos novos modos de sobreviverem. O trabalho dos pescadores, agricultores e artesãos, que era individual, hoje é organizado através das associações¹⁶. Essas modificações foram necessárias para acompanhar o desenvolvimento local e global, mas, não fizeram com que as pessoas perdessem o sentimento de pertencimento e de identidade existente do lugar, que segundo Tuan (1983, p. 163);

o sentimento de lugar resulta de experiências e esse sentimento de pertencimento de uma pessoa por uma localidade, dificilmente se adquire só pelo fato de se passar pelo lugar, mas sim no cotidiano no espaço vivido. Os símbolos e lugares podem ser percebidos pelo indivíduo ou pelo grupo de indivíduos que compartilham dos mesmos costumes, então “as experiências dentro de um grupo humano se sobrepõem o suficiente para que vínculos individuais não pareçam notórios e incompreensíveis para seus pares”.

¹⁶Associação Descanso de Rei do Povoado Salgado; Associação de Agricultores e Produtores do Povoado Salgado; Associação dos piscicultores do Povoado Salgado.

Nessa perspectiva, se faz necessário relatar que as práticas produtivas e de sobrevivência dos moradores do povoado Salgado, tiveram que se adequar aos modos de produções modernos, buscando assim, meios para sobreviver em diversos setores. As dificuldades que enfrentam com a falta de emprego, a escassez de chuva na região que dificulta o cultivo de alimentos e criação de animais, são muitas. A renda dos moradores vem de diversas fontes, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico de Emprego e Renda



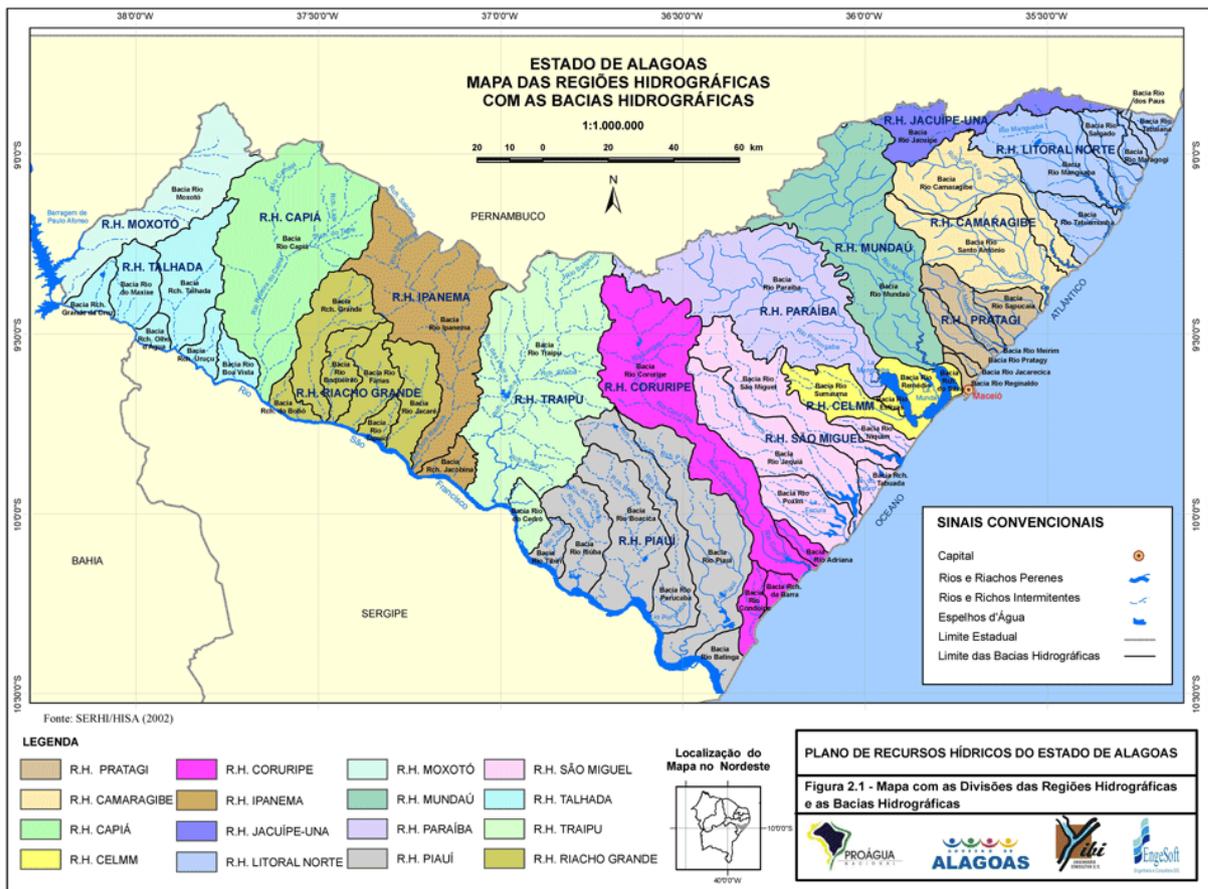
Fonte: Construído a partir da pesquisa.

O gráfico aponta que a maior renda das famílias do Povoado Salgado é resultante de um número significativo de aposentados.

Estes dados e afirmações são fatores que não influenciam para que a grande maioria queira abandonar seus lares. Boa parte viaja na busca de recursos em outros Estados e retornam reafirmando o desejo de continuarem no povoado, criarem os filhos e permanecerem até o último dia de suas vidas. Percebe-se o conceito que se tem do lugar e o sentimento de pertencimento. Segundo Tuan (1983), o conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço, e para adquirir esse pertencimento faz-se necessário um profundo envolvimento o lugar.

De acordo com o resultado do trabalho de pesquisa feito pela Doutora Maria Ângela Feitosa¹⁷, em 02 de novembro de 2001, que vem norteando os caminhos que percorri em busca de registros históricos e através de entrevistas aos moradores mais antigos, a origem do nome da comunidade recebe esta denominação porque é cortada por riachos intermitentes de água salobra, chamados riacho grande da Cruz e rio do Maxixe, localizados na região hidrográfica Talhada, como mostra o Mapa Hidrográfico de Alagoas, logo abaixo. Muitas pessoas presenciaram pequenas pedras de sal nas mediações da nascente. Segundo o Analista Ambiental Helaelson de Almeida (2015) em seu trabalho de pesquisa sobre a leitura da realidade local, esse fenômeno acontece na estação seca com a grande evapotranspiração provocada pelas altas temperaturas e baixa umidade do clima semiárido, onde os riachos secavam, e deixavam em seu leito pedras de sal.

Mapa das Regiões Hidrográficas de Alagoas



Fonte: semarh.al.gov.br

¹⁷ Psicóloga, Técnica Agrícola e Psicoterapeuta.

no estado da Bahia. O mesmo relata que sempre ouviu dizer que as primeiras famílias que aqui chegaram eram dos Estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco, alguns em busca de melhor sobrevivência, por existir o Rio São Francisco e terras propícias ao plantio, e outros fugindo de Lampião e seu bando que amedrontava a região, na década de 30¹⁸.

Segundo ele, as dificuldades existentes naquela época, eram muitas, pois não tinha energia elétrica, água encanada, posto de saúde e nem escolas. Os meios de transportes utilizados na época eram os animais como: cavalos, burros, jegues, bem como, a utilização de carroças e carros de boi ou andar a pé. Ainda comentou seu Eduardo Pereira (2017);

Desde que cheguei nesse lugar eu gosto de viver aqui. Nunca nos faltou o que comer, as mesas das famílias eram fartas, o pescado do rio São Francisco, era abundante, a caça permitida, era muito diversificada, a agricultura abundante e a mata “caatinga” eram preservadas e não havia disputa pelos recursos naturais, tínhamos mais cuidado com a natureza, respeito uns com os outros e com nossa religião.

De acordo com Carlos (1996), onde o homem está em contato com a natureza, com significados históricos, culturais e religiosos. Ela destaca que

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida (CARLOS, 1996, p.29).

Hoje tudo é escasso por conta das condições climáticas e das intervenções destrutivas do homem na natureza, algumas espécies de plantas e animais encontram-se em extinção, a produção agrícola também é precária e o que nos compete é preservar o pouco que nos resta, para as gerações futuras.

Nos relatos de alguns moradores, e escritos encontrados nos livros: *Pedro II Viagens pelo Brasil, Bahia, Sergipe e Alagoas (1859)* e *Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina na Alagoas* de Duarte (2010), “ouve-se falar com orgulho da passagem de Dom Pedro II, em outubro de 1859, quando veio visitar Cachoeira de Paulo Afonso. Descreve o Imperador em seu diário, que ao chegarem ao Salgado, na residência de um Gomes às 7 horas [...] e perto do

¹⁸ Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião, Em 28 de Julho de 1938 chegava ao fim da sua trajetória, o líder cangaceiro mais polêmico, temido e influente na história do cangaço.

Salgado começou a choviscar” (DUARTE, 2010, p. 134). Dando continuidade com os relatos do diário do imperador, complementa dizendo;

Quando entrei em casa havia aí muitos homens e ainda mais mulheres, como sempre, que queriam [ver], e tive de ficar em exposição dando o *beija mão porque todos gritavam –Queremos vê-lo – traze luz –acende o facheiro!* Já estou escrevendo em minha cama, que é boa, e a hospedagem em geral é muito superior à de Olhos D’água; bebe-se água do rio, e parece tão boa como a de Penedo e outros lugares. Espero um Caldo com galinha e biscoitos, pois não há arroz nem pão, para, depois de comer, tratar de desenhar (DUARTE, 2010, p.135).

Outro registro da passagem do Imperador encontra-se no livro *Dom Pedro II e Dona Cristina nas Alagoas*, onde Abelardo Duarte (2010, p. 53) afirma que, “a caravana imperial atingiu o Salgado às 8 horas da noite de 19 ainda. O tempo estava ameaçador com fortes relâmpagos. Pela madrugada de 20 partiu o Imperador, afrontando a temporal, para a cachoeira de Paulo Afonso”.

Percebe-se nos escritos que o descanso noturno do imperador foi nesta localidade e o quanto os moradores foram receptivos e acolhedores, características que são presentes nos dias atuais.

Outro relato importante sobre a existência do Povoado Salgado, é do Alemão Robert Avé-Lallemant (1980), encontrado no livro *Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe em 1859*, quando ele diz; “Na tarde de 04 de maio, porém, chegamos a uma espécie de aldeia, chamada Salgado; um conjunto de habitações de cerca de sete famílias. Aí encontramos pousada para pelo menos secar nossas roupas” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.317).

Os registros encontrados em livros e documentos apresentados nesta pesquisa, evidenciam que a comunidade é um lugarejo, povoada por uma gente acolhedora, trabalhadora e que sempre lutaram para sobreviver. Uma comunidade que quer preservar suas histórias, mas que não se fechou as mudanças trazidas pela modernidade, e diante da necessidade se organizou ao longo desses anos para trazer melhorias para todos, através de suas instituições.

A comunidade dispõe das seguintes instituições e instalações para o cumprimento dos seus direitos/necessidades para com cidadãos: A Escola Municipal de Educação Básica São José; o Posto de Saúde Luísa Gomes; a Igreja Católica São João Batista; as Associações de Produtores e Agricultores Rurais São João Batista e dos Artesãos Descanso de Rei do

Povoado Salgado; um Centro de Artes Integradas e Convivência de Jovem Maria Carolina; quadra de esportes; um campo de futebol; a Sede da Infância e adolescência Missionária onde funciona uma pequena Biblioteca; a sede da Tecelagem Manual e uma Igreja Assembleia de Deus.

Cada instituição desenvolve um papel importante e fazem parte da logística de atendimento e desenvolvimento coletivo para o bem-estar de todos. Entendemos que se faz necessário a existência e atuação de todas, no que diz respeito a luta por direitos, em manter a cultura e a história viva, explorando suas potencialidades de maneira sustentável e sem descaracterizar o cotidiano.

Percebemos que ao longo do tempo ocorreram muitas mudanças, através dos meios de comunicação, tecnológicos, a correria do trabalho e etc. O lugar acaba sendo esquecido e adquirindo outro sentido, não sendo enxergado como parte da história de cada um. Assim, Delgado (2010, p. 43) ressalta,

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças convertidas em casos lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade inculcida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber.

Nesta perspectiva, é de suma importância o registro das memórias do lugar. As histórias das pessoas que o construíram. Nesse sentido, Callai (2004, s.p.) reforça que, “o lugar onde se vive deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois, conhecer o espaço para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir significa conseguir reproduzir-se também a si próprio como sujeito”.

Para isso, se faz necessário o entendimento e participação de cada instituição existente e de cada cidadão inserido neste lugar, para fazer o resgate de suas memórias, buscando as narrativas e saberes dos mais velhos, e assim, fortalecer o sentimento de pertencimento. É a partir deste ponto que retrato a organização de uma comunidade e o papel fundamental da mulher, quanto mãe, agricultora, professora, parteira, pescadora, artesã e guerreira.

3.2 O Perfil Biográfico das Mulheres.

Ao longo da história em nosso país, a presença da mulher sempre foi marcada por opressão, discriminação e violência. Mas, desde o surgimento do movimento feminista¹⁹, a mulher começou a ser evidenciada, ouvida e atuante na luta por direitos, dentre eles o direito ao voto²⁰. Partindo deste ponto, a luta das mulheres por direitos e igualdade, continua até os dias atuais.

Mesmo com muitas conquistas de espaço em debates, direitos, leis em defesa das mulheres e cargos importantes como: o comando de empresas, escolas, hospitais, o país entre outros. ainda são vistas como inferiores aos homens, e ficam muitas vezes restritas ao lar, como donas de casa. Com o acúmulo de funções, sendo ofuscadas pelo domínio do mundo machista, estas mulheres continuam reconstruindo histórias e vidas.

As mulheres que iremos abordar neste trabalho, mesmo passando por momentos de sofrimentos, abandonos e discriminação, por parte de seus parceiros e da sociedade, não assumiram a condição de vítimas, mas, sobretudo, seguiram lutando pela sobrevivência e por dias melhores. Buscaram atuar através da participação na associação comunitária, interferindo em questões socioeconômicas da comunidade, e assim, conseqüentemente, favorecendo a melhoria em suas vidas e na construção de uma nova história.

Escrever sobre as mulheres da minha comunidade, tem sido um desafio e ao mesmo tempo um misto de emoção e resgate das minhas memórias. Pois, fiz parte como filha, amiga, presidente da associação, e companheira de luta. Iniciemos essa leitura com a história biográfica das protagonistas do Povoado Salgado.

¹⁹O movimento feminista é um movimento social, político e econômico que tem o objetivo de *discutir e lutar por direitos das mulheres*. O movimento feminista luta para que as mulheres deixem de ser vítimas de diversas formas de opressão social para levar a sociedade à estruturas mais justas. O movimento feminista teve seu início, ainda bem diferente do que é hoje, durante o século XIX. Uma das maiores influências para o movimento foi a Revolução Francesa e as alterações sociais que começaram a acontecer nesta época. Disponível em: <<https://www.todapolitica.com/movimento-feminista/>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2018.

²⁰O dia 24 de fevereiro foi um marco na história da mulher brasileira. No código eleitoral Provisório (Decreto 21.076), de 24 de fevereiro de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, o voto feminino no Brasil foi assegurado, após intensa campanha. Sendo apenas em 1946, a obrigatoriedade do voto estendida às mulheres. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/historia/a-conquista-do-voto-feminino-em-1932/>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2019.

Maria José Rodrigues Pereira



Fonte: Acervo pessoal

Maria José Rodrigues Pereira, nasceu no dia 12 de fevereiro do ano de 1952, no sítio Várzea Verde, município de Japaratuba, e registrada em Japotá, Sergipe/SE. Filha de Nair Rodrigues da Rocha e Otacílio Pereira, residente no Povoado Várzea Verde. A família era humilde, sua residência era de taipa, e aos seis anos de idade, sua mãe faleceu de morte natural, deixando oito filhos, quatro mulheres e quatro homens, todos pequenos.

Iniciou-se um período de muitas dificuldades, mesmo com o pai trabalhando e com a ajuda dos vizinhos e amigos, a família passava muitas necessidades, e Maria, sendo a mais nova, nada podia fazer para ajudar, a não ser executar algumas tarefas domésticas com as irmãs, além de brincar. Seu pai bebia muito, e logo após o falecimento de sua esposa começou com novos relacionamentos, as companheiras que encontrava não tinham cuidado com os filhos, e dessa forma, houve o abandono das crianças pelo próprio pai, que já não se importava em alimentá-los e dar os mínimos cuidados necessários. Os irmãos mais velhos tentavam ajudar de toda forma, trabalhavam nas roças de vizinhos e todo trocado que arrumavam era para o sustento da família.

Ao completar sete anos de idade, Maria recebeu a visita de um casal, e uma proposta de ir morar com eles. O senhor Aurélio Rodrigues Oliveira, irmão da senhora Nair, e sua esposa Verônica Gonzaga, os dois tomaram conhecimento do falecimento de dona Nair e foram prestar condolências à família. Depararam-se com um cenário de extrema pobreza. Verônica muito compadecida e já com o intuito de adotar uma criança, solicitou a seu Otacílio a adoção de uma menina, que era a mais nova, a Maria José. O mesmo não fez objeção, somente perguntou a Maria se ela queria ir embora com os tios, e a menina com medo de passar fome aceitou o convite, segundo relatos da própria entrevistada.

No dia seguinte, partiu com destino ao Estado de Alagoas, deixando para trás, parte do seu coração, mas com a esperança de um dia voltar para rever seus irmãos, seu pai e amigos. Durante o percurso inteiro da viagem de Sergipe para Alagoas, a menina Maria não tirava do pensamento sua família, o que os irmãos poderiam sofrer, além da preocupação do que encontraria nesse novo lugar. Como era o lugar que ela iria morar? Como seria tratada? Muitas foram às indagações, até colocar os pés no povoado Salgado.

Inicialmente a saudade de casa falou mais alto, mas logo Maria foi se adaptando ao cotidiano do lugar que começou a amar. Seus tios, a tratavam com muito zelo e nada lhe deixavam faltar, comida, a mesa era farta, roupas limpas e novas, tinha um quarto só para ela, fez boas amizades, ajudava nos afazeres domésticos ao chegar da escola.

Segundo relatos da entrevistada, a educação era rígida, porém muito boa. A professora chamava-se dona Bernadete Lucena Gomes, uma mulher muito bonita e elegante, esposa do senhor Evangelista Gomes, um dos comerciantes (negociava com redes e chapéu de palha) do Povoado Salgado. Bernadete foi professora de Maria durante todo o primário, e muitos foram os momentos de aflição na hora da lição, por conta dos castigos, mas, os momentos de brincadeiras com os amigos na hora do intervalo eram gratificantes.

Com quatorze anos de idade, no ano de 1966, foi morar na cidade de Delmiro Gouveia, na residência de dona Maria Isabel Moreira, conhecida como Bezinha, para dar continuidade aos estudos. Na ocasião as dificuldades com transportes eram muitas e não tinha disponível todos os dias, uma das alternativas mais viáveis, era ficar em Delmiro de segunda à sexta, e aos finais de semana voltar para a comunidade.

Chegando à casa, Maria assumia as responsabilidades de ajudar nas funções domésticas, buscar lenha, lavar roupa na beira do Rio São Francisco e buscar água para beber. O que mais gostava de fazer nas horas livres era tomar banho nos tanques, riachos, andar na

caatinga a procura de umbu e outras frutas, e ouvir o canto dos passarinhos. Ficava tão encantada com a beleza da natureza que perdia a noção do tempo para voltar para casa, o que muitas vezes foi motivo para castigo por conta desses atrasos.

Maria e seus pais adotivos sempre que podiam, retornavam a sua terra natal, Sergipe/SE, para rever seu pai, seus irmãos, amigos e matar a saudade dos lugares que brincou em sua breve infância em Várzea Verde. Sentia saudades de tudo e todos, mas o amor pelo lugar que lhe acolheu tão bem, foi aumentando gradativamente. Na sua adolescência iniciou seus trabalhos na igreja católica da comunidade, seu tio era um dos responsáveis pelas festividades e momentos de orações, foram momentos muito significativos na vida de Maria, pois, foi nesse cenário que conheceu e ajudou muitas pessoas.

Na comunidade não tinha muitos atrativos, e a diversão dos jovens era ouvir histórias dos mais velhos a noite, brincar de se esconder, ir ao rio tomar banho e pescar piaba, andar na caatinga, ir à feira, e aos domingos ir ao jogo de futebol. Nessas horas aproveitavam para paquerar, mas nada sério, só diversão mesmo.

Maria era ativa e bem comunicativa. Certo dia, indo à cidade de Delmiro, deparou-se com um jovem bonito que tocou fundo o seu coração, foi amor à primeira vista. Ele se chamava Gerson Pereira Damião, morava com sua irmã por parte de pai, a senhora Arlene Figueredo, no povoado Lagoinha. Era um jovem bonito, com uma história de muito trabalho e sofrimento. Começaram a se conhecer, e os dois se encantaram, um pelo outro, a comunicação e os encontros eram escondidos, porque seu pai, Aurélio, não a deixava namorar. Mas o amor foi crescendo e já não dava mais para fingir, decidiram casar-se, sem que ninguém soubesse. E assim aconteceu, com a ajuda de algumas amigas, no dia 22 de fevereiro de 1974, uniram-se em matrimônio, e grande foi a surpresa dos pais adotivos. Aurélio até promessa de agressão fez a Gerson, atual esposo de Maria.

No início do casamento houve um período de adaptação das famílias, ambas não queriam a união dos dois. Foram morar em uma casinha pequena, cedida por uma amiga da família, a senhora Maria Gonzaga, e logo em seguida conseguiram comprar a pequena casa. Foi nesta residência que viveram uma linda história de muito amor, cumplicidade, companheirismo e momentos de aflição e tristeza, quando Gerson saía a noite para as festas e deixava Maria sozinha. Mas essa situação não durou muito tempo, pois, Maria se impôs e disse ao seu esposo que ele só iria para as festas a partir daquela data, se levasse-a junto com

ele, ou então ela iria embora. Com medo de perder a amada, mudou a postura e entendeu que ele tinha uma companheira.

Gerson era um homem muito trabalhador, não media esforços para proporcionar a Maria uma mesa farta e o mínimo de conforto. Sua primeira gravidez ocorreu no mesmo ano em que se casaram, mas aconteceu um aborto. A segunda gestação foi no ano seguinte, e no dia 29 de junho de 1975 nasceu a primeira filha do casal, que se chama Alessandra.

O cotidiano da família era corrido, Gerson tinha um automóvel, C 10 vermelha, que fazia transporte das pessoas da comunidade para Delmiro, mas amanhecia o dia no curral, tirando o leite das vacas para vender. Enquanto isso, Maria vivia na lida da casa, comida e cuidar da filha recém-nascida, logo em seguida ia para o tear, tecer e aprontar as redes para serem entregues na sexta-feira, ao senhor Francisco Fernandes. Aos poucos foram se organizando financeiramente e adquirindo algumas tarefas de terra. No período do inverno a atividade era na agricultura, e Maria via seu amado esposo dedicar-se ao que mais amava, depois da família, que era a lida com a Terra e os animais que criava. Quando o inverno era bom chegavam a colher mais de 100 sacos de feijão, milho e melancia tinham com fartura. Foi assim que Gerson e Maria, com o sustento tirado de sua roça, criaram seus quatro filhos, três mulheres e um homem, a custa do trabalho honesto, os ensinamentos de valores como a verdade, o respeito e exemplo de muito amor e união entre os dois.

Não conformada com sua situação estudantil, por não ter concluído os estudos, Maria resolveu concluir o ensino médio, aos 28 anos de idade, já sendo mãe de duas meninas, Alessandra e Geisa Maria. Determinada, e com o apoio de seu parceiro, voltou a estudar e tentar uma vaga de professora na escola da comunidade. Nesse período surgiu uma terceira gravidez, mas isso não a desmotivou, pois foi motivo de muita alegria. Concluiu o magistério na cidade de Água Branca no ano de 1982, com 30 anos de idade, no mesmo ano que nasceu sua terceira filha, a Ana Célia. No ano seguinte, nasce o único filho homem do casal, foi um momento de muita alegria para todos, principalmente para o pai, que a muito queria um filho homem, e a pedido do pai/avô Aurélio, recebeu o nome de Juscelino.

Não demorou muito tempo e Maria conseguiu a vaga que tanto desejava como professora da comunidade, servidora do Estado. E a situação econômica foi melhorando aos poucos. Como professora, Maria lecionou durante trinta e cinco anos, muitos foram os seus alunos e alunas, muitas alegrias e também os aborrecimentos, como o descaso com as escolas e a falta de pagamento do Governo do Estado por mais de 08 meses. A situação já não estava

tão boa, para manter a família, muitas dificuldades surgiram, a seca, a falta de pagamento, e isso a fez aderir ao programa de Demissão Voluntária- PDV²¹, em que mediante a situação, o servidor faria um acordo com o estado e receberiam em parcela única do valor estabelecido entre ambas as partes.

No ano de 1998, prestou concurso público municipal e passou, continuando com o ensino. Maria realizou-se enquanto esteve em sala de aula, pois sempre deu o seu melhor e tudo o que fez foi com amor, hoje se orgulha e se emociona em ver lindos frutos. Médicos, professores, advogados, enfermeiros, entre outros, passaram por suas mãos, é admirada e respeitada por muitos.

Através do seu envolvimento na igreja, seu trabalho na escola, e ações solidárias para com as pessoas da comunidade, fez de Maria uma líder respeitada, e procurada por todos para soluções de problemas, desabafos, conselhos, e até mesmo como mãe de alguns que se sentem solitários.

Foi a primeira presidente da associação, e em sua atuação fez o resgate da tecelagem e reivindicações de melhorias para a comunidade, como a reforma da escola, do chafariz, posto de saúde, água encanada, entre outras. Sempre se manteve à frente de todas as ações na comunidade, principalmente no que se diz respeito a proteção dos menos favorecidos e da igreja católica, onde dedica seus dias de vida com amor. A associação tem muita importância na vida de quem se envolveu, pois, foi através dela, que houve o fortalecimento da união e o reconhecimento da força das mulheres como artesãs e cidadã.

Um ser humano de grande valor, um exemplo a ser seguida, com um coração enorme, honesta, verdadeira, bondosa, sem vaidades e de muita oração, Maria edificou sua vida nos ensinamentos bíblicos, e tudo que praticou até os dias atuais foi para o bem comum da comunidade e de sua família. Mulher destemida e de palavras sabias. Mas também, foi e é alvo de perseguições políticas e de olhos invejosos. Isso a fez passar por maus momentos, muitas vezes até desmotivando a sua permanência na luta pela justiça e igualdade.

Defende a educação como algo precioso, e até hoje, mesmo afastada da sala de aula, com sessenta e sete anos de idade, permanece em atividade como auxiliar de secretaria, e todos os dias passa nas salas para pegar algumas crianças que tem dificuldade de aprender a

²¹ Programa de Demissão Voluntária, implantado por Suruagy no final de dezembro de 1996.

ler, e alfabetiza-as do jeito dela. Sem chamar a atenção, aos poucos vai alimentando de esperança a vida de muitas crianças que não são enxergadas no ambiente familiar e na escola.

Os quatro filhos cresceram e os problemas foram surgindo no decorrer dos anos, receberam ensinamento e amor na mesma medida, tudo que adquiriram foi dedicado ao bem-estar e educação dos filhos. Todos se casaram, foram viver suas vidas cada um a sua maneira, e deram frutos, seis netos, dois meninos e quatro meninas, e dois bisnetos, (uma bisneta falecida no ano de 2016). O amor e cuidado com os filhos sempre foi prioridade para os pais, mesmo adultos e criados, a preocupação não deixa de existir, por que nem todos vivem bem. E quando existe amor numa família essa situação se torna uma, e isso é uma preocupação para toda família.

Muitos foram os momentos de alegria e conquistas, mas também de percas e dor. A primeira delas foi a perda do pai de Maria, Otacílio, depois a mãe e o pai de Gerson, Hortêncio Ramalho e Maria das Dores de Jesus, logo após, mas uma perda, o falecimento de Verônica em 2008, a mãe adotiva de Maria, e em seguida seu pai adotivo perdeu a visão, até vir a óbito em 2012. No ano de 2016, morre uma bisneta aos 11 meses de idade, e a última separação foi à morte de seu esposo, no dia 18 de agosto de 2018, e em seguida minha irmã. Uma das piores dores para toda família, foi à morte de Gerson. Compreende-se que esta, é a lei da vida, que nascemos, crescemos e teremos que partir. Mas, quando você tem um companheiro, que dedicou a vida para amar e cuidar da família, é uma perda incomparável, um vazio que nada preenche, só Deus conforta o coração dos que o amaram.

Gerson e Maria envelheceram um cuidando do outro, e juntos estiveram como prometeram no altar diante de Deus. Discussões e aborrecimentos existiram, mas com o diálogo e paciência foram resolvidos, sem que nada abalasse a vida conjugal dos dois. Os melhores momentos viveram na propriedade que adquiriram próximo ao Rio São Francisco, de lá saiu muita fartura e momentos de muita alegria, onde toda família sempre se reúne.

Continua sua caminhada sem o seu companheiro, dedicada aos enfrentamentos e a motivar outras mulheres, deixando seu legado para seus filhos e netos, mesmo com as limitações que a idade permite, com os muitos problemas de saúde. Mas, com todo amor e coragem que sempre teve.

Maria Pereira (2019) relata que;

O que vivi nesta comunidade e na família, não tem palavra que defina o quanto foi importante e bom. Faria tudo novamente, sem arrependimentos, continuarei lutando por nossa comunidade, enfrentando as perseguições como sempre o fiz, para que tenhamos dias mais prósperos, sonho ainda em ver esses jovens vivendo bem, sem o

uso de drogas e álcool, sem se prostituírem, em um mundo em que haja paz e muito amor. Sou grata a tudo que Deus me deu e tudo que quero é ver meus filhos, netos e bisnetos sendo homens e mulheres de bem, como nós seus pais e seus avós um dia foram.

Em sua fala, Maria deixa claro que mesmo não tendo nascido nesta comunidade, criou raízes e laços afetivos com a família, amigos, igreja, espaços sociais que fazem sentir-se parte deste lugar, e é muito forte a forma como faz o resgate de suas memórias. Segundo Halbwachs apud Bosi (1994, p. 54), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo”.

Atualmente Maria José, com dificuldades e problemas de visão, não atua como gostaria na educação, alfabetizando crianças, adolescentes e jovens, mas ainda contribui sendo conselheira e motivadora de muitos. Sem a presença física de seu esposo, mas confiante de que tudo que fizeram juntos valeu a pena, e o amor que os uniu é o amor que ela também dedica aos filhos, netos, bisnetos, amigos, a Missão de ser professora e da igreja e aos amigos que vivem nesta comunidade.

Maria Shirley Gonzaga dos Anjos



Fonte: Acervo pessoal.

Maria Shirley Gonzaga dos Anjos nasceu no município de Delmiro Gouveia/AL, em 24 de setembro de 1981. Filha de José Gonzaga Folha e de Maria José Gonzaga, descendente de uma família humilde, Maria Shirley passou toda sua infância no povoado Salgado e estudou até o quinto ano do ensino fundamental I na Escola Municipal São José, localizada na comunidade em que vive, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II na Escola Padre Anchieta, no povoado vizinho Lagoinha, e o ensino Médio concluiu na Escola Estadual Francisca Rosa da Costa no município Delmiro Gouveia.

Como toda criança, sua infância foi marcada pelas brincadeiras na rua, na beira dos riachos e na caatinga. Não desfrutava de boas condições e sempre teve uma vida muito limitada de alimentação e vestimentas. O pai trabalhava na roça e caçava, a mãe cuidava dos filhos, dos afazeres domésticos, tirava lenha para cozinhar, lavava roupa no rio, e ajudava sua mãe, avó de Maria Shirley no tear, tecendo. Sendo a mais velha dos seis irmãos, era quem tomava conta dos menores e ajudava a mãe nos afazeres domésticos. Aos 14 anos já trabalhava para ajudar a família, participava dos encontros de catequese e do grupo de jovens na igreja católica. Foi nesse período que iniciou também as atividades como jovem aprendiz na associação.

Recebeu um convite feito por Maria Ângela, e incentivo das outras amigas para fazer parte da associação. Foi a partir desse chamado que sua vida tomou um rumo diferente, de uma simples estudante, teve que aprender a lidar com negócios, e acabou gostando da ideia e dos desafios. Participando das oficinas, reuniões, seminários e feiras, foi se aprimorando na arte de tecer, embora tendo crescido vendo a mãe trabalhar e brincando com os fios, não dominava a técnica, mas passou a dominar com os treinamentos.

A partir daí, foi se apaixonando pelas tramas da profissão e cada vez mais idealizando sonhos de ver a tecelagem manual, cultura de tradição da comunidade, que havia sido extinta, renascer, cultivando o modo tradicional de produção, mas implantando novas técnicas, tendo como resultado belíssimas peças. Foi assim que Shirley viu sua primeira peça pronta e teve a certeza que queria ser artesã.

Assim, ingressou na associação e foi surgindo às primeiras viagens e feiras. Por estar mais envolvida, ter conhecimento, disposição de tempo e a confiança da coordenadora do projeto, a Ângela, era sempre a escolhida por todos para as viagens. Muitos foram os momentos de oficinas com vários profissionais na área de comercialização, designer e

associativismo. Muitos parceiros passaram pela associação como: EMATER-AL, SEBRAE, Artesanato Solidário e Instituto Xingó, que contribuíram muito na qualidade do produto e na comercialização. Mas, houve tempo ruim também, quando muitas artesãs deixaram a comunidade, perdemos nossos melhores clientes, mas nunca perdemos a esperança de dias melhores.

Com toda essa crise de recursos e mão de obra, as poucas artesãs permaneceram por que acreditam na arte. Para ampliar o grupo convidamos outras mulheres, e assim conseguimos reunir uma nova corporação, no ano de 2001, que uma vez fortalecido, continuaram o trabalho. Foram surgindo as feiras, fizemos uma divulgação maior do nosso trabalho, e assim começamos a produzir novamente. Foi uma boa fase, mas que também sofremos algumas percas, nossa amiga Ângela se afastou da associação. Esses momentos proporcionavam novas experiências e conhecimentos que a fizeram evoluir, até chegar a ser eleita, por unanimidade, à presidente da associação, no ano de 2003, cargo de grande responsabilidade.

No ano de 2003, sua prima Nadja casou-se e foi embora para São Paulo, acarretando à associação a perda de uma tecelã. No ano seguinte, 2004, Shirley realiza o sonho de casar-se também, e conseguiu um emprego na prefeitura como professora de Ensino Fundamental I, mas não deixou de frequentar a sede da tecelagem e de participar das atividades da comunidade.

Um dos momentos mais difíceis da vida de Shirley estava para acontecer, ela engravidou e muitas complicações de saúde surgiram. Primeiro teve uma parada cardíaca e entrou em coma, ficando entre a vida e a morte, perdeu a criança e passou nove dias ainda em coma. Após sair do coma, e recuperada, enfrentou sua primeira cirurgia de coração e um tratamento sério que dura até os dias atuais.

Recuperando-se da cirurgia, fazendo um tratamento intenso, se depara com uma traição do marido e muitos conflitos familiares. Separou-se em 2009. Fortalecida pela oração, a fé em Deus e a companhia de alguns amigos, conseguiu superar esse momento difícil.

Sentindo coragem e melhor dos problemas de saúde, Shirley retoma suas atividades aos poucos na associação, voltando a participar das ações na comunidade, fazendo cursos, participando de feiras e eventos, tentando comercializar os produtos. E assim, conheceu muitas pessoas, viajou para outros estados, como: Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Recife e outras cidades mais próximas.

Tudo estava indo bem, aos poucos retomando os clientes, a vida voltando ao normal e mais uma vez, teve complicações na saúde e fez a segunda cirurgia de coração, trocou uma válvula, em fevereiro de 2014. Após a recuperação e com algumas limitações retorna à associação.

Diante de tudo que passou, conseguiu reconstruir sua vida, começou um relacionamento em 2015, com um rapaz que foi amigo de infância e vizinho, hoje é seu segundo marido. Resolveram morar juntos, e logo em seguida viajaram, pela primeira vez saiu de sua comunidade para morar em outro estado, no Paraná. Seu cônjuge foi trabalhar, e ela o acompanhou, passaram exatamente um ano na cidade de Capitão Leônidas Marquês e quando a obra acabou, voltaram para casa. Nesse período a sede da Tecelagem praticamente fechou, ficou funcionando com três artesãs, mas as reuniões e as ações de reivindicações continuaram com um grupo e um número maior de participantes²².

Hoje Shirley leva uma vida simples, com muitas responsabilidades, em ajudar a família a solucionar os problemas pessoais, a serviço da Igreja Católica, e da associação. Junto com algumas amigas e parceiros, continuam a luta de disseminar a arte de tecer, trazer meios de melhorar a qualidade de vida de todos os cidadãos da comunidade que nasceu, cresceu e vive até os dias atuais.

²² Temos 22 Associados, mas nem todos os sócios da associação são artesãos e trabalha na tecelagem.

Hélia da Silva



Fonte: Acervo da associação.

Hélia da Silva nasceu no dia 20 de novembro de 1953, no povoado Rabeca, filha de Acidalia Rosa da Silva e José Francisco Gonzaga, a quarta na ordem dos sete filhos do casal. Nascida no povoado Rabeca, comunidade de origem da mãe, e criada a partir nos seis anos de idade no povoado Salgado. Teve uma infância muito sofrida, como a de tantas crianças que morou na comunidade, pois não tinha muito trabalho, e o que tinha para comer vinha da roça e da pesca, trazida pelo pai e os irmãos mais velhos, a mãe trabalhava no tear para ajudar na renda e sustento da família.

Todos em sua casa trabalhavam, aos oito anos de idade já ajudava a mãe enchendo as canelas²³ para tecer as redes, seus irmãos iam para a roça com o pai, além de pescar. As outras meninas da família ajudavam nos trabalhos domésticos e depois no tear, era assim a rotina de domingo a domingo.

Não tendo oportunidade de concluir o primário, Hélia ainda tentou frequentar a escola. Para isso tinha que acordar cedo com o cantar do galo e adiantar as tarefas. Com um único vestido, que nem sempre dava nem tempo de secar, seguia para assistir sua aula com todo prazer do mundo. Mas sua rotina era sempre interrompida por conta do trabalho, mesmo com toda dificuldade e ausências nas aulas conseguiu concluir a antiga 3ª série do Ensino Primário²⁴, aprendendo a ler e escrever pouco.

A diversão na época era nas tardes de domingos, aproveitavam o pouco tempo de folga para brincar com as amigas, passear no mato, ir ao rio tomar banho e às vezes assistir o jogo de futebol. Não tinha muito tempo por trabalhar muito para ajudar a mãe na fabricação de redes e entregar a produção na sexta-feira, pois, tinha que entregar a produção para poder ganhar o dinheiro da feira.

Na época de 1963, toda casa tinha um tear e a média de produção era de 05 a 06 redes por dia. Todo dinheiro que a família ganhava era só para comer. Era uma vida de muito trabalho, mas sentiam alegria, por que Salgado era um lugar de muita paz e respeito, todo mundo se ajudava, quando havia necessidade. Eram conformados com aquela rotina.

Na adolescência o trabalho duplicou, não foi mais à escola, logo teve o primeiro relacionamento, e aos 17 anos teve sua primeira gravidez. Teve cinco filhos, sendo duas mulheres e três homens. Seu esposo Raimundo dos Santos, trabalhava como servente de pedreiro e passava de semana fora da comunidade, em outros lugares à procura de trabalho, e de todo dinheiro que ganhava uma boa parte gastava com bebida. A vida conjugal não foi fácil, muitas discórdias, abandono e sofrimento ao ver os filhos passarem necessidades, nem uma casa tinha para morar. Morou muito tempo em uma casa cedida, cuidando da senhora Maria Honório, vizinha do pai de seu esposo.

²³Canela: pedaço de madeira com superfície aberta, como se fosse um cano, retirado de um tipo de cacto conhecido como facheiro.

²⁴LEI N.8.529 - de 2 de janeiro de 1946 - Lei Orgânica do Ensino Primário; Ensino Primário: oferecer de modo especial, às crianças de sete à doze anos, as condições de equilibrada formação e desenvolvimento da personalidade.

Ao nascer o quinto filho do casal, no ano de 1980 construíram a primeira casa do casal, que era de taipa, com a ajuda dos pais e amigos. No mesmo ano casaram no civil. Mas o sofrimento só aumentou, Hélia já não aguentava mais a bebedeira de seu esposo, até que certo dia pediu para ele escolher entre a família e a bebida, e no dia seguinte Raimundo foi embora, deixando-a com cinco crianças pequenas. A jornada de trabalho triplicou, além do tear e os afazeres domésticos, ainda conseguiu arrumar umas residências para lavar e passar, para complementar a renda da família.

Os filhos foram crescendo sem saber notícias do pai. Após cinco anos de desaparecido, reapareceu e quis reatar o casamento, mas não deu certo, ele continuava com o vício da bebida, e estando acostumada com a rotina de trabalho, Hélia manteve-se firme e não aceitou mais o retorno do Esposo. Raimundo vai embora mais uma vez, após dois anos longe, escreveu uma carta para sua esposa pedindo para ela e os filhos irem para São Paulo ao encontro dele. A decisão de não ir foi tomada por todos, e até os dias atuais nunca mais souberam notícias dele.

Nas idas para lavar roupas em Delmiro Gouveia, Hélia acabou tendo um breve relacionamento com um homem comprometido, e desse romance proibido nasceu o seu filho mais novo no ano de 1995. O pai não o assumiu, e mais uma vez o filho foi sustentado e educado pela mãe. Um ano antes, seus dois filhos mais velhos, já maiores de idade, estavam em São Paulo trabalhando, e ajudavam com o que podiam.

Nesse mesmo ano foi trabalhar na associação de tecelagem, em um período já fazia parte das reuniões e palestras que tinham desde o ano de 1988. E foi na tecelagem que aprendeu a confeccionar outras peças feitas no tear, participou de feiras, muitas palestras e oficinas. Sempre com muita dificuldade por não ter uma renda fixa, mas nunca lhe faltou coragem de lutar para conseguir o pão de cada dia e de ver a comunidade crescer.

A associação passava por períodos que tinha produção e outros não, as artesãs foram saindo, apareceram problemas de saúde, e Hélia teve que viajar para São Paulo, onde mora a filha mais velha, Eunice, para fazer tratamento. Foi a primeira vez que saiu do povoado, passando seis meses em outro estado. Houve um tempo que todos os filhos foram embora à procura de emprego, entre São Paulo e Santa Catarina, ficando sozinha, ocupava assim, o tempo na associação.

No ano de 2017, adquiriu sua aposentadoria, mas continuou desenvolvendo seu trabalho na tecelagem. Ao amanhecer o dia faz seus afazeres domésticos e vai para a sede que

fica localizada a 20 metros de distância de sua casa. Às vezes tem recordações do tempo em que muitas artesãs trabalhavam juntas. Ângela com seu amor por esse trabalho e por saber que passavam necessidade, levava o lanche, que era vitamina, uma papa de uma massa que tinha vários ingredientes que as deixavam fortalecidas para o trabalho no tear. Hélia se diz muito grata a tudo que aprendeu na associação, e pelas vezes que ganhou seu sustento e dos seus filhos com o trabalho no tear, adora o que faz.

Ione Correia de Araújo



Fonte: Acervo pessoal.

Ione Correia de Araújo, nasceu no povoado Salgado, no dia 25 de fevereiro de 1965, filha de Maria Carolina Correia de Araújo e Moacir Correia de Araújo. Sua mãe teve dezesseis filhos, entre estes dez mulheres e seis homens, hoje apenas quatorze se encontram vivos, Ione na ordem de nascidos é a terceira filha do casal.

Criada com muita dificuldade, as condições financeiras da família eram precárias, sua mãe sempre assumiu o papel de pai e mãe, pois, a figura paterna sempre foi ausente. Por este motivo iniciou sua vida de trabalho árduo aos nove anos de idade, quando teve que assumir junto com irmãs mais velhas a administração e as tarefas domésticas da casa, pois sua mãe ficou internada com problemas de saúde. Na ocasião, Ione enfrentou com coragem as dificuldades que surgiram e sempre tomava as iniciativas para solucioná-las.

Um fato marcante que aconteceu em sua vida, foi o primeiro dinheiro que ganhou por ter executado uma tarefa. Certo dia, vendo que em sua casa faltava comida, tomou a iniciativa de tecer uma rede sozinha e ir na comunidade vizinha vendê-la para comprar alimentos. Ao chegar ao local na companhia de uma de suas irmãs, montadas em um jegue²⁵, o comprador tinha ido à cidade e as duas resolveram esperar seu retorno, essa espera foi o dia inteiro, sem comida e água, sua irmã mais nova, a Maraiza, chegou a desmaiar de fome e foi socorrida por uma tia com um copo de garapa²⁶. Quando o Senhor José Preto chegou, Ione efetuou a venda e foi direto a mercearia²⁷ comprar comida. Ione Araújo (2019) relata que;

Esse foi um dia que nunca esqueci, quando estava a espera senti a esposa de Zé Pretinho fritando toicinho²⁸ e nunca esqueci do cheiro e também da falta de solidariedade daquela senhora, deixar duas crianças pequenas com fome e sede o dia inteiro. Mas eu não podia voltar para casa sem nada porque os outros irmãos estavam com fome esperando a comida. Com o dinheiro que ganhei comprei, pão, farinha, açúcar, arroz, feijão e ovo. O dono da mercearia organizou em um saco, colocamos no lombo do jegue e fomos embora.

Ao chegar em casa ao anoitecer, encontrou seus irmãos dormindo com fome, após preparar o jantar todos comeram e foram dormir alegres, e Ione com o sentimento de dever cumprido. Após dezesseis dias de internamento, sua mãe e companheira retorna do hospital e tudo foi se organizando novamente.

Momentos como estes marcaram a infância de Ione, mas o que mais lhe marcou e trás uma tristeza profunda foi o fato de não ter estudado, de não saber ler. A culpa ela atribui a mãe, que não deixava ela e os irmãos irem à escola, por que tinham que trabalhar, as meninas

²⁵ Quadrupede da família dos Equinos (*Equus asinus*).

²⁶ Qualquer bebida ou refresco de fruta, açucarado.

²⁷ Lugar dedicado à venda de produtos alimentícios, bebidas e artigos de uso doméstico; armazém venda.

²⁸ Toucinho, toicinho ou bacon é a gordura subcutânea do porco, usada em culinária.

<https://www.dicio.com.br/aurelio>

no tear e os meninos carregando lenha e na roça. A morte de sua mãe em julho de 2015, deixou marcas profundas de muita dor e saudade, sua mãe era sua companheira de trabalho, de conversa, apoio, passeios na caatinga para tirar mandacaru para as cabras, e etc. sua partida deixou um vazio enorme.

Aos poucos, as irmãs foram casando e saindo de casa, e Ione, no seu primeiro ano de namoro, engravidou, e com apenas dezesseis anos de idade iniciou um relacionamento mais sério, com o atual esposo, Bernardino da Silva. Nos dois primeiros anos que se amasiou²⁹ permaneceu morando com sua mãe, e com ajuda do seu avô construiu sua primeira casa de taipa. Anos depois, sua casa foi sendo modificada por paredes de tijolos. Finalizando a construção houve um desentendimento com o companheiro e dividiu a casa ao meio, ele acabou vendendo literalmente sua parte da casa, (telha, madeira, porta, janela e etc.) e saiu de casa deixando sua esposa com três filhos pequenos.

Alguns meses depois, o senhor Bernardino da Silva retornou a casa de Ione e ela engravidou do quarto filho. Todas às vezes que acontecia uma gravidez, iniciavam as brigas e acusações de que a criança não era fruto da relação dos dois, foi assim a gestação dos seis filhos de Ione. A bebida foi um fator que a fez sofrer muito e foi um dos motivos para tantas desavenças e desamor.

A vida era dedicada ao trabalho e ao cuidado com os filhos. Ao acordar ia buscar lenha para fazer o café das crianças e manda-las para escola, em seguida iniciava seu trabalho no tear e só saía a noite com a luz do candeeiro. Tecia cinco redes por dia e a noite ainda fazia o acabamento. Não tinham muito o que comer, mas os filhos dormiam limpos e alimentados.

A convivência com marido não foi boa, passou por muita humilhação e precariedade. Os filhos dormiam de rede, na casa só tinha: uma cama de mola com colchão de palha e poucos utensílios domésticos. A renda que entrava em casa era muito pouca, o esposo era pedreiro e o pouco que ganhava fazia a feira, mas muitas vezes chegava em casa sem comida, porque bebia e perdia os alimentos que comprava.

O trabalho sempre ocupou todo o tempo na vida de Ione, principalmente com o tear, onde passou mais de 30 anos dedicados a tecer. Houve uma época, especificamente em 1980, que a atividade fracassou, tecia-se pouco, a produção na roça, a caça e a pesca se tornaram a principal fonte de sobrevivência.

²⁹Juntar-se com alguém sem vínculo legal ou formal, em mancebia, estabelecido pelo casamento; amigar-se. <https://www.dicio.com.br/aurelio>

Com o surgimento da associação Ione se engajou como sócia e se envolveu com outras atividades produtivas, como a criação de cabras e galinhas, projetos trazidos pela EMATER-AL. Com a criação de animais, aos poucos a renda foi melhorando, os filhos na adolescência já ajudavam a manter a renda da família com o trabalho na roça, e as mulheres com atividades domésticas.

Recebeu o convite para participar da associação e ficou muito feliz, ouvia as pessoas falarem que a associação ia trazer mudanças e melhorias nas vidas delas. Acreditando nessa proposta, resolveu participar e continuar como sócia e artesã até os dias atuais. A associação chegou a um período em que as pessoas estavam passando por dificuldades e ela veio renovar as esperanças, mostrando alternativas de sobrevivência. Foi o começo de uma nova história.

Na associação, Ione participou de muitas palestras, cursos e viagens que refletiram em sua vida pessoal. Mais determinada e com coragem, resolveu que não sofreria mais humilhações e passou a ser dona de sua vida, a primeira decisão que tomou foi a de pedir a separação, Bernardino não aceitou. Diante da atitude dele, Ione resolveu sair de seu quarto e faz vinte e quatro anos que não tem contato físico com ele.

Após 10 anos de fundação da associação, conseguiu-se um recurso para implantar o projeto, e a tecelagem retomou ao seu lugar novamente com o trabalho no tear. Na tecelagem aprendeu a confeccionar novas peças, a aprimorar a técnica e apresentação do produto, participou de feiras e exposições em outros municípios e na capital, Maceió/AL, conheceu outras artesãs, perdeu o medo de falar em público e de viajar. Ensinou novas artesãs a bordar, urdir e tecer uma rede. Muitos momentos bons e ruins viveram na tecelagem, com as crises e falta de comercialização, mas tudo o que produziu foi com muita dedicação e coragem, suas peças são feitas com capricho e são as mais vendidas.

Atualmente moram em sua residência ela, o esposo que está doente e uma nora. A rotina de trabalho não mudou muito, continua com o trabalho na tecelagem em um ritmo menor, vai produzir quando tem encomendas, durante a semana toda quarta-feira ela lava e passa roupas para uma senhora em Delmiro Gouveia/AL. Na lida com os animais, a criação hoje é de ovelhas e continua indo à caatinga tirar mandacaru³⁰, arrancar brezo³¹ e pasturar ao

³⁰Mandacaru significa “cacto (*Cereus jamacaru*) nativo do Brasil, de porte arbóreo, ramificado, com flores grandes que se abrem à noite, típico da caatinga. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga.html>>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

³¹Bredo, conhecida por caruru e amaranta, é facilmente encontrada pelo território brasileiro. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga.html>>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

final do dia. Os filhos em sua maioria estão casados, têm quatro netos e seu filho mais novo está noivo.

Apesar de ter enfrentado muitas dificuldades, Ione diz ser uma mulher de coragem e com vontade de trabalhar. Não perdeu as esperanças de viver um grande amor e seu coração vibra quando chega o período junino, momento que trás consigo muitas lembranças boas, como o toque dos zabumbeiros³², as brincadeiras ao pé da fogueira, o balaio de cebo³³ e a alegria das pessoas. Segundo ela:

Costumava-se nos festejos juninos, colocar balaio com alimentos em cima de um tronco de árvore seca e tocar fogo, quem conseguisse pegar era o ganhador do balaio. Lembro-me como hoje que era nessa época que nossa mãe mandava fazer o único vestido durante o ano, nós o usávamos todos os dias da festa. Apesar de não saber dançar, mas amo a festa e com toda dificuldade, éramos muito alegres (ARAÚJO, 2019).

Período que marcou a vida de Ione e a de muitos moradores desta comunidade, os festejos juninos é um momento de encontro, de alegria, de lembranças e de partilha. Ione nasceu e se criou na comunidade, tudo que viveu neste lugar foi com muita intensidade, mas nunca desejou ir embora deste lugar.

A associação foi uma referência na vida dessas mulheres apresentadas e em outras que passaram por esta comunidade. Por este motivo, é um dos pontos importantes a ser discutidos nessa pesquisa, sua trajetória, influências e atividades desenvolvidas, são elementos que compõem este trabalho.

3.3 A Associação e Atuação da Mulher na Construção do Lugar

As organizações da sociedade civil, assim como são conhecidas, representam: “[...] um conjunto de organizações e iniciativas privadas que visam à produção de bens e serviços públicos” (FERNANDES, 1994, p. 21). Isto é, buscam corresponder às necessidades coletivas, enfrentando os problemas de ordem social e econômica existentes na localidade, e a

³² Tocadores de zabumba.

³³ Cesto ou balaio grande, feito de palha, usado antigamente para armazenar ou carregar mantimentos (milho na espiga, ração para o gado, etc.). Costumava-se nos festejos juninos, colocar balaio com alimentos em cima de um tronco de árvore seca e tocar fogo, quem conseguisse pegar era o ganhador.

participação dos cidadãos é essencial para que a democracia e o fortalecimento da sociedade civil aconteçam.

A Associação Comunitária Rural São João Batista foi criada com objetivo de integrar as ações dos associados, trabalhadores rurais, em benefícios da melhoria do processo produtivo e da própria comunidade, na qual pertencem. Neste sentido, abordaremos a história de fundação, as mudanças que ocorreram a partir de sua fundação e a participação da mulher como liderança nesse espaço de tomada de decisão na comunidade.

No Povoado Salgado não existe indústrias, apenas uma pequena Associação Descanso de Rei, das artesãs. Em que a atividade desenvolvida é a tecelagem manual, com a produção de redes, tapetes, mantas e outros.

A tecelagem manual desde o início de fundação da comunidade era uma prática usada por todos, principalmente pelas mulheres, produção de tecidos de uso doméstico, saco para grãos, e redes para dormir. Na região, há indícios de que a arte da tecelagem surgiu com a cultura do plantio de algodão³⁴, e com o surgimento das indústrias têxteis em Alagoas³⁵, entre o século XIX e XX.

Com o passar dos anos, Delmiro Gouveia, empresário da indústria têxtil³⁶, homenageado pelo município que carrega o seu nome, ajudou no desenvolvimento da região, que chegou a ser um importante polo industrial e comercial na área de fios e linhas de algodão. Segundo relatos de moradores e alguns registros fotográficos, nesse período, percebeu-se o potencial da produção da tecelagem e que esta arte poderia ser utilizada como fonte de renda para ajudar no orçamento familiar.

Foi nessa perspectiva que iniciou o processo de produção de redes, mantas na comunidade. Para vender na região e exportar para outros estados do Sul, Nordeste e Sudeste do país, onde as mulheres produziam e os homens saíam para vender. Os meios utilizados eram em caminhões ou no lombo de animais de carga.

Os produtos foram ficando cada vez mais solicitados, e conseqüentemente a mão de obra na comunidade Salgado e comunidades vizinhas ampliou, como também, a ampliação dos compradores intermediários³⁷, assim intensificava a exploração do trabalho das mulheres,

³⁴ A ascensão da cultura do algodão durante quase todo o século XIX e sua presença significativa até a primeira metade do século XX, envolvendo amplas áreas dos atuais Sertão e Agreste.

³⁵ Após um primeiro momento de consolidação, vivido entre a última década do século XIX e as duas primeiras do século XX, a indústria têxtil alagoana chegou ao seu amadurecimento entre os anos 1930 e 1950.

³⁶ Fundada pelo pioneiro Delmiro Augusto da Cruz da Gouveia, em 5 de junho de 1914.

³⁷ Pessoa que interfere na venda de um produto, ficando entre o vendedor e o comprador.

que para poder ganhar um valor considerável, tinha que trabalhar incansavelmente, como relata uma das interlocutoras;

Ione Correia de Araújo (2018) diz;

Nós acordávamos com o tempo ainda escuro e não tinha hora para dormir. Em minha casa tinha três teres e eu sozinha tirava seis redes por dia. E quando chegava na quarta feira, a noite eu começava a fazer o acabamento, tinha dias que eu fazia 60 punhos de rede, para quando chegasse na sexta feira, colocar as redes nos sacos e entregar. O dinheiro que nós recebíamos mal dava para fazer uma feira. E além de tecer nos tinha que ir a lenha, buscar água pra beber e cuidar na comida, dar comida aos meninos. Lembro-me como hoje que desde os meus 09 anos quando comecei a trabalhar no tear a minha vida até hoje, foi de muito trabalho sofrido. Tinha hora que eu tinha raiva de mãe, porque quando eu aprendia a fazer qualquer coisa nas redes, ela me deixava fazendo sozinha. Mas tem horas que eu fico pensando, se não tivesse esse trabalho no tear, como agente ia sobreviver? Porque no inverno os teares ficavam molhados e nós íamos trabalhar nas rocas e no verão se não tivesse o trabalho no tear, acho que muita gente iria morrer de fome.

Na comunidade também existia essa espécie de comerciante, os mais conhecidos eram os senhores Francisco Fernandes e outros como Nelinho, Zequinha e Elizeu, eram os intermediários da cidade de Delmiro Gouveia, mas também forneciam matéria prima para as tecedeiras da comunidade. Em todas as casas tinha um ou mais de um tear, todas as famílias exerciam a atividade e de acordo com os relatos era o que mantinham muitas famílias.

Fotografia de Moradores da Comunidade que Viajavam para Vender Redes na Região Sul



Acervo Particular de Maria de Lurdes Nunes (minha sogra)

Fotografia de Moradores Vendendo Redes na Região Sul



Fonte: Acervo Particular de Veronica Oliveira (minha avó)

Na década de 80 aconteceu o fechamento temporário da Fábrica da Pedra³⁸, que fornecia o fio cru para produção das peças na comunidade, e por este motivo as famílias deixaram de tecer porque a fábrica era a única fonte de matéria prima de fácil acesso. Esse foi um dos principais motivos para que algumas famílias perdessem a renda vinda da produção da tecelagem.

A situação foi ficando cada vez mais difícil e a fome chegou à região e os meios utilizados para sobrevivência, foram à pesca, agricultura e aos poucos os programas emergenciais do governo foram sendo implantados, um deles era coordenado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste³⁹, onde uma das atividades eram as frentes de serviços que direcionavam as pessoas para cavar manualmente pequenas barragens, abrir estradas para ganhar alguns trocados de onde homens e mulheres trabalhavam. A tecelagem foi praticamente extinta e os teares foram esquecidos, alguns queimados, segundo relatos de moradores.

³⁸ 1986. Neste ano, a fábrica foi adquirida pelo grupo Cataguases Leopoldina do empresário mineiro Ivan Müller Botelho, passando a chamar-se Multi Fabril Nordeste S/A.

³⁹ SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

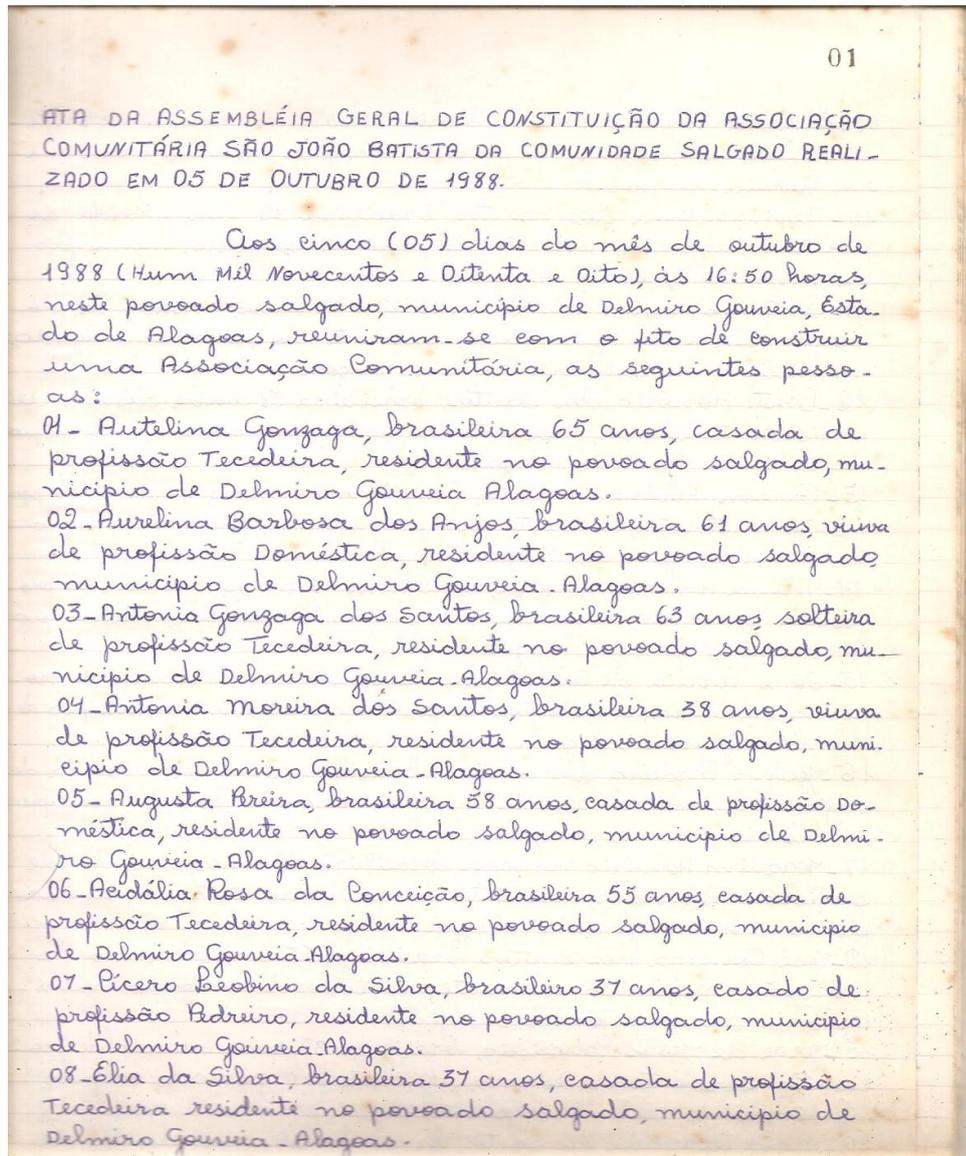
Outras instituições como, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Alagoas- EMATER-AL⁴⁰ iniciaram algumas ações de orientações e acompanhamento com os agricultores e produtores rurais. Uma de suas técnicas agrícola era a senhora Maria Ângela Feitosa dos Santos⁴¹, chegou ao povoado no ano de 1987 para coordenar atividades no meio rural, e logo percebeu a potencialidade cultural do lugar e a força das mulheres. Uma de suas primeiras ações significativas foi reunir os moradores da comunidade para fundar uma associação comunitária.

Com o surgimento de novas ideias, uma geração com vontade e determinação, que no dia 05 de outubro de 1988, às 16h50, na Escola Isolada do Salgado (assim era nomeada na ocasião), reuniram-se quarenta e três moradores, destes, seis eram homens e trinta e sete eram mulheres. Constituiu-se a Associação Comunitária São João Batista, assim foi denominada, como mostra a imagem da Ata de Constituição:

⁴⁰ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Alagoas- EMATER-AL.

⁴¹ Maria Ângela Feitosa dos Santos, técnica agrícola, psicoterapêutica e psicóloga, chegou ao povoado salgado na década de 1980.

Ata de eleição e Posse da Associação Rural São João Batista



Fonte: Acervo da associação.

Com o objetivo de discutir, lutar contra a discriminação, injustiça, desigualdade social, e resgatar a cultura e a história dos moradores do povoado Salgado, foi fundada a primeira associação comunitária, com quarenta e três sócios fundadores, momento muito significativo para todos os envolvidos. Um espaço de tomada de decisão, onde percebemos que é de suma importância estar associado e fazer parte das transformações proposta em plenária nas reuniões da instituição.

As organizações não governamentais, numa concepção moderna de políticas sociais, [...] Oferecem à comunidade melhores serviços, dados à proximidade do cidadão,

maior agilidade, melhor utilização de recursos, valorização de soluções da própria comunidade, rompimento com o assistencialismo e geração de emprego e renda. Assim, poder-se-á desenvolver diferentes papéis na sua relação com o Estado e a sociedade (TEODÓSIO, 2002, s.p.).

Assim, após alguns anos de reuniões, debates e intervenções em alguns problemas corriqueiros que foram surgindo e sendo resolvidos na comunidade. Após alguns anos surgiu a oportunidade de receber um recurso do Programa de Apoio ao Pequeno Produtor – PAPP, do Governo Federal⁴², para implantar um projeto de geração de renda de características comunitárias. E após uma pesquisa realizada na comunidade pela EPEAL - Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado de Alagoas S/a em parceria com a EMATER-AL, descobriu-se o desejo de reativar a tecelagem e sob a coordenação da senhora Maria Ângela Feitosa que conduziu novamente este momento, reunindo os associados no dia 30 de outubro de 1995, para decidirem que projeto seria implantado.

Estando presente, trinta e cinco sócios, cinco homens e trinta mulheres, e com grande vantagem na votação, decidiram fazer o resgate da tecelagem manual e construção do Centro Comunitário. Com essa perspectiva e enquanto não recebiam o recurso para implantação do projeto, Angela comprou um tear manual na cidade de Carabeiras-PE e linhas, com recurso próprio e instalou esse tear na Residência da Senhora Joana Cordeiro (em memória) e depois na residência da senhora Maria José Rodrigues. Iniciando um processo de preparação das mulheres, com oficinas e implementação de novas técnicas de tear, a partir destas oficinas foram criados novas peças como mantas, estolas, xales, saídas de praia, tecidos para roupas e no mês de junho de 1993, foi realizada uma feira de artesanato, com o objetivo de motivar a participação das mulheres no projeto e para mostrar a nova roupagem da tecelagem.

Um fato relevante que quero registrar é que, algumas das mulheres que estavam na associação e eram artesãs, não quiseram retornar a atividade. Com a justificativa era que o trabalho árduo no tear, tirou a oportunidade de estudar, aprender a ler ou seguir com outra profissão, viverem outros momentos na comunidade. Para algumas mulheres o trabalho no tear, mesmo sendo um meio de sobrevivência, é também algo que causa dor, angústia, sofrimento, porque elas tinham outras perspectivas.

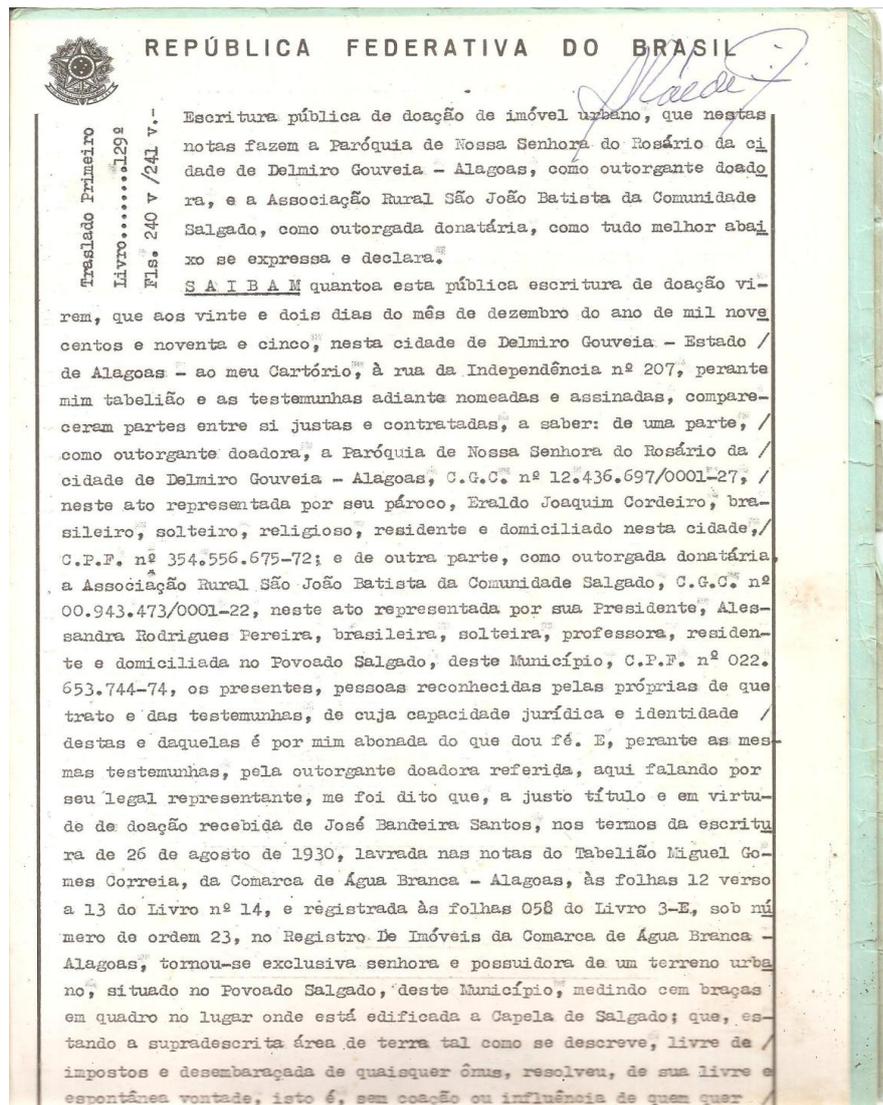
Para construir o centro comunitário, precisava de um terreno para construção do Centro Comunitário e solicitamos o apoio da Paróquia Nossa Senhora do Rosário,

⁴² Programa de Apoio ao Pequeno Produtor – PAPP, do Governo Federal- 1980.

representada pelo pároco Eraldo Joaquim Cordeiro, fez a doação de uma área para construção, no dia 22 de dezembro de 1995.

O terreno era de posse da Capela São João Batista, doado no dia 26 de agosto de 1930, pelo senhor José Bandeira dos Santos, em que se encontra registros da primeira escritura. Registrado no Cartório Tabelião Hamilton Santana Cardeal, no município de Delmiro Gouveia/Alagoas. Como mostra a imagem da escritura abaixo:

Escritura de Doação da Terra



Fonte: Acervo da Associação.

O recurso destinado ao projeto, só poderia ser gasto com material para construção de um galpão e equipamentos, como teres e fios, para iniciar o trabalho produtivo. Não disponibilizando recurso para pagamento de mão de obra, foi construído através da

contribuição dos associados pelo trabalho voluntário, todos concordaram sem nenhuma objeção, até as crianças, filhas dos associados contribuíram na construção do Centro Comunitário.

Foto da Construção do Centro Comunitário em Salgado



Fonte: Acervo pessoal

Montou-se um cronograma de atividades e horários para todos contribuírem com o trabalho braçal de maneira igualitária. E assim, foi construído o primeiro projeto desta organização, fazendo o resgate da cultura e história de uma comunidade, através do resgate da tecelagem, sem fins lucrativos e em prol do bem comum. Em síntese:

A participação da comunidade é vista como fundamental para o desenvolvimento local. O espaço participativo de uma associação é formado por diferentes visões de mundo e concepções de realidade. Sendo ainda, um dos acessos da comunidade aos acontecimentos políticos e econômicos; desempenhando um papel relevante, à medida que capacitam os participantes na tomada de decisão a partir das próprias experiências (TEODÓSIO, 2002, s.p.).

Do período de construção do Centro Comunitário, em 1995, ao início do processo de produção em 1996, foram marcados por um trabalho harmonioso, decisões coletivas e a participação da mulher sempre em maior número. Ressaltando a condução das atividades, das coordenadoras do projeto, a Doutora Maria Ângela Feitosa e a Senhora Maria José Rodrigues

Pereira, presidente fundadora da associação, atuante na época como secretária, e a presidente Alessandra Rodrigues Pereira, eleita em 08 de outubro de 1995, por unanimidade, foram fundamentais nesse processo, pois conduziram e organizaram as atividades de maneira que todos contribuíssem com o pouco de seu tempo e trabalho.

O envolvimento dos atores sociais, com recursos e capacidades específicos, é um fator central para a sustentabilidade de um projeto de desenvolvimento local; bem como o compromisso da organização. O processo deve agregar a atenção e reconhecimento dos participantes, envolvê-los como voluntários, assegurar fundos para implementação das ações criando um ambiente favorável ao desenvolvimento social (KISIL, 1997 s.p.).

E com um grupo unido e determinado, formado predominantemente por mulheres, foi concluído o processo de implantação, construção, compra de materiais e equipamentos, para iniciar as atividades produtivas, herdadas de suas avós e mães.

Com o intuito de fazer o resgate da história, de todos que um dia fizeram parte da comunidade e desenvolveram esta tradição, é que trouxemos de volta ao grupo algumas mestras mais idosas e experientes no ofício, para treinar as mais jovens. Com relação ao processo de produção Lima (2007, s.p.) faz referências às características específicas no processo de produção artesanal.

A produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração.

Na ocasião vinte e cinco artesãs trabalhavam juntas, umas foram ensinando as outras, e esse foi um momento muito significativo na Tecelagem, que posteriormente, ganhou o nome de “Descanso do Rei”. Logotipo escolhido para lembrar a passagem do imperador Dom Pedro II, em outubro de 1859 quando nesta comunidade com sua comitiva pernitoou e segundo os relatos de moradores fora em redes produzidas na comunidade. E ressalta a Senhora Maria Ângela Feitosa (1995) que:

Este nome escolhido tem com o objetivo de relembrar não só o fato histórico da passagem do Imperador D. Pedro II, em 1958 quando veio visitar a cachoeira de Paulo Afonso, mas para mostrar a mudança da preferência pelo produto, antes dormia de rede a pobreza, hoje descanso dos mais favorecidos.

Mesmo com as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, nos modos de vida e as influências da modernidade, o modo de produção permaneceu o manual, preservando a forma

mais tradicional do artesanato. Foi uma decisão coletiva em manter a produção artesanal com todo o contexto em que ele se originou, tudo feito manualmente.

Além de preservar esta característica, a expectativa também foi de fortalecer as tradições, os laços de pertencimento, e impulsionar a economia local, contribuindo assim, para a melhoria na qualidade de vida dos envolvidos, da comunidade e principalmente das mulheres. E reafirma uma de suas artesãs com relação a esse fato.

Percebo que;

A forma de produzir o produto, também é muito significativa para as mulheres que atuaram e atuam na Tecelagem Descanso de Rei. A produção manual também conta uma história. O contato direto com a peça que passa de mãos em mãos, recebendo a contribuição e o sentimento de cada artesã que nela trabalhou e para nós é essa arte que importa (PEREIRA, 2019).

. O processo de tecer funciona como uma linha de produção, exigindo do grupo uma organização para definição das etapas de trabalho, a contagem do tempo consumido, a divisão de funções e responsabilidades individuais. As tarefas de produção foram ordenadas, pela habilidade de cada uma, algumas dominavam as técnicas de tecer⁴³, urdir⁴⁴, outras faziam varandas⁴⁵, e a produção era diversa, entre esta se fazia redes, mantas, passadeiras e jogos americanos entre outros produtos.

Como qualquer trabalho em grupo, as relações de convivência são essenciais para o bom desempenho do grupo. Ressaltando que todos deveriam ter a compreensão de que no povoado Salgado, tecer é um processo coletivo, ainda que as funções sejam segmentadas.

⁴³ **Tecer;** produzir (tecido), manipulando fios pela urdidura e a trama.

⁴⁴ **Urdir;** dispor (os fios da urdidura) para depois tecer.

⁴⁵ **Varandas;** guarnição rendada ou franjada que se estende nos dois lados das redes de descansar ou dormir

Foto da Produção na Tecelagem



Fonte: Acervo Pessoal.

A produção foi aumentando, a tecelagem ficando reconhecida, e algumas instituições como: SEBRAE⁴⁶ e Instituto Xingó⁴⁷, contribuíram muito na formatação do produto, ofertando oficinas, cursos e na comercialização, viabilizando a participação em feiras Estaduais, Federais e Internacionais. Foram muitos os momentos de aprendizado, cada vez mais, aprimorando a técnica de tecer, de gerir a associação e fazer intervenções nos problemas sociais da comunidade. Assim reafirma o relato das envolvidas neste trabalho:

⁴⁶O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país. Desde 1972.

⁴⁷O Instituto de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Xingó foi criado em 1999. A instituição nasceu com o objetivo de ser um ente jurídico na forma de organização social, necessário à gestão das ações do Programa Xingó - criado em 1996 por iniciativa da Chesf, CNPq e Comunidade Solidária. Desde agosto de 2011 o Instituto Xingó, sediado em Piranhas, Alagoas-Al

Alessandra Rodrigues Pereira:

Quando eu iniciei minha participação nas atividades da associação eu tinha 13 anos, tinha uma vida ativa na comunidade, por conta de minha mãe que sempre foi muito dedicada à comunidade e eu sempre estava com ela em todos os lugares. Foi a partir de minha convivência na instituição que, abri os olhos para ver o mundo de maneira diferente criei coragem, iniciando de verdade meu trabalho voluntário, que continuam até os dias de hoje.

Ione Correia de Araújo:

Quando fui convidada a participar da Associação, eu me animei e criei a esperança de realizar meus sonhos. Sabia que iria aprender muita coisa e pra mim era uma alegria me reunir com D. Maria e Ângela. Duas mulheres sábias e que faziam muitas coisas boas na comunidade. E mesmo com todo sofrimento que passei eu gosto de tecer.

Muitos foram parceiros passaram pela associação, dando sua contribuição, e o processo de formação foi um fator muito importante e diversificado. Tivemos oficinas com vários profissionais na área de comercialização, designer, associativismo e etc. E nesses espaços fomos tomando consciência do nosso potencial, nos formando quanto lideranças e cidadãs, que despertaram para lutar por seus direitos e sonhos.

No ano seguinte, em 31 de outubro de 1996, a presidente em exercício, Alessandra Rodrigues Pereira, renunciou ao cargo em busca de dar continuidade aos estudos e na tentativa de melhores condições de vida. Outras artesãs deixaram a associação, no ano seguinte, com a justificativa de que não queriam ter a mesma vida que suas mães, uma vida de exploração e desvalorização do trabalho feminino, e assim viajaram para São Paulo.

No espaço rural as desigualdades de gênero se manifestam de diferentes formas: desvalorização do trabalho feminino na lavoura, considerado como ajuda; falta de autonomia feminina na tomada de decisões; exclusão das mulheres nos processos de herança da terra. Está última, afeta principalmente as jovens mulheres rurais, impondo a migração para a cidade como alternativa mais viável. (LEMOS, 2015, p. 2).

A migração para os centros urbanos se tornou uma alternativa para as mulheres, principalmente as solteiras, e hoje ressalta uma das sócias que foi embora;

Pesávamos que nas cidades existissem maiores oportunidades de trabalho formal, de acesso à educação, ou seja, oportunidades que possivelmente proporcionariam a realização de nossos sonhos e de ajudar nossos familiares que permaneciam na comunidade. Passei nove anos em São Paulo, nem sempre dava para vir visitar minha família, foram anos de muito trabalho. Mas esses anos que passei fora de minha comunidade, foram os anos mais longos e tristes de minha vida. Deixei de ver o nascer do sol, o cantar do galo, a batida do tear, o grito das crianças correndo no

meio do tempo, me banhar nas águas do rio, o bater do sino de minha capela, o cheiro e o sabor da caatinga e das gostosuras da feira no dia de sábado... Perdi anos da companhia de meus pais e isso não tem dinheiro que pague (PEREIRA, 2019).

Foi um período em que surgiram as dificuldades com a perda de alguns dos nossos clientes, a produção foi ficando estocada e a maioria das associadas foram em busca de outras fontes de renda na comunidade. E novamente a tecelagem ficou enfraquecida e praticamente fechada.

Essa foi uma situação que deixou algumas artesãs inquietas, e mesmo com toda dificuldade dez artesãs não desistiram. Uma delas, é a senhora Maria José Pereira (2019), que relata o seguinte;

Para nós, o sentimento de desistir da tecelagem era como se tivéssemos desistíssemos de nossa história, nossas lembranças, de tudo que conquistamos até agora. Trazer a tecelagem de volta a comunidade foi como trazer os nossos antepassados, que já não estão entre nós” e não podíamos perder isso novamente.

A associação continuou funcionando, aos poucos tinha uma boa quantidade de peças no estoque. Algumas técnicas eram desenvolvidas, mas, a comercialização praticamente parou, esse período durou cerca de três anos, de 1998 a 2000.

Diante dessa situação, o presidente atuante na época, o senhor Antônio Sandes, reuniu a diretoria, e fizeram um planejamento, foram em busca de parcerias para revitalizar a comercialização e desenvolver novos produtos. Em meio a esse recomeço, surgiu o Artesanato Solidário⁴⁸, um programa do Governo Federal, que atuou nos anos de 2001-2002, fazendo um diagnóstico da comunidade, e iniciando umas oficinas para melhorar a qualidade dos produtos e fomentar a comercialização, fazendo a articulação para venda dos produtos.

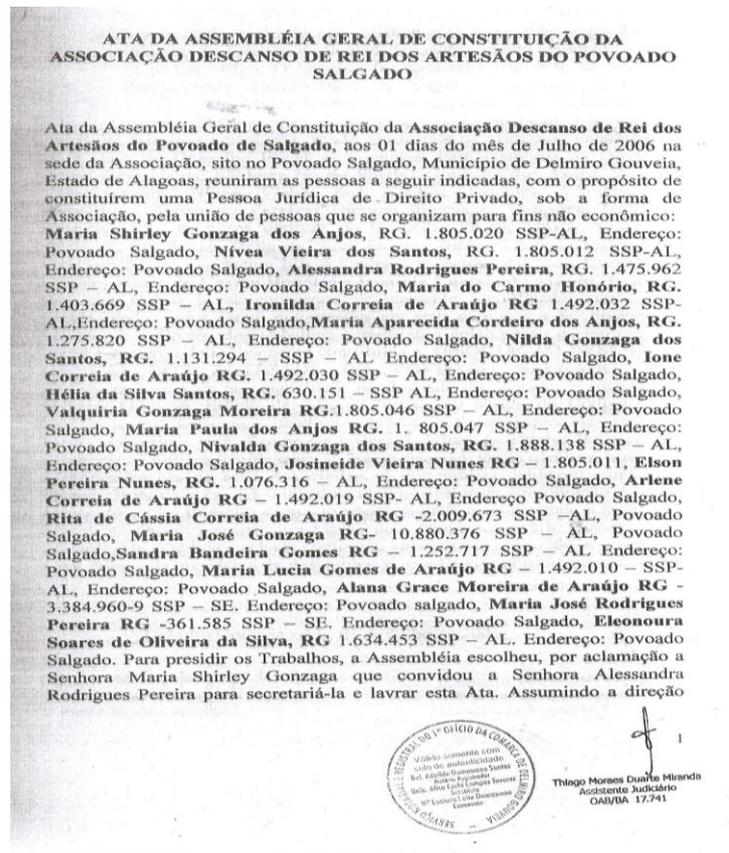
O trabalho desenvolvido pelos formadores foi muito produtivo, as técnicas ensinadas e aprendidas agregaram valor aos produtos, que foram vendidos em grande escala para novos fornecedores em Maceió/AL, Aracaju/SE e São Paulo/SP. O programa além de ofertar as oficinas, ter pontos de comercialização nos estados citados, também comprou algumas máquinas que facilitou o trabalho das artesãs. A situação econômica melhorou e o lucro de cada artesã também, que na ocasião eram somente treze mulheres.

⁴⁸ArteSol é uma organização sem fins lucrativos que atua há quase duas décadas investindo na valorização e promoção do artesanato tradicional brasileiro, através de estratégias focadas na sustentabilidade ambiental, econômica, social e cultural das comunidades.

A associação retomou suas atividades e resgatou algumas das artesãs que tinham se afastado. Foi nesse período que Maria Shirley Gonzaga assumiu como presidente da associação, no ano de 2003, e mais amadurecidas, as mulheres iniciaram uma nova etapa. Suas atividades não eram somente na produção do artesanato, mas na reivindicação das melhorias para a comunidade, perante os órgãos do governo Municipal, Estadual e Federal, e muitas coisas foram conquistadas nesse grupo até os dias atuais.

Em 01 de julho de 2006 houve um desmembramento da Associação Rural São João Batista, uma atitude necessária, mediante as exigências das políticas públicas voltado aos artesãos⁴⁹, gerando uma nova constituição, com abertura e registro de nova ata e nova diretoria da Associação Descanso de Rei dos Artesãos do Povoado Salgado, como mostra a imagem abaixo:

Ata de eleição e posse da Associação dos Artesãos



Fonte: Acervo da Associação.

⁴⁹Na esfera federal, destaca-se o Programa do Artesanato Brasileiro¹ — PAB —, que reúne políticas públicas com o objetivo de gerar trabalho e renda, valorizar o artesão brasileiro, melhorando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, capacitando-o para o mercado competitivo, bem como possibilitar a consolidação do artesanato brasileiro como setor econômico de forte impacto no desenvolvimento das comunidades.

Nesses trinta anos de existência, houve muitos altos e baixos, mas também muito aprendizado. A participação em feiras, conferências, reuniões, fóruns de debate e luta por direitos, nos ajudaram a perceber a importância de estarmos inseridas na associação. Fortalecendo nossos valores, enxergando nossa potencialidade, repensando nossa forma de produção, buscando alternativas de desenvolvimento com sustentabilidade, utilizando os recursos da terra, sem ter que ir a busca em outro lugar, e essa transformação devemos a atuação na associação.

As parcerias com segmentos da sociedade civil, organizada com o governo e outras instituições não governamentais, foram e são fundamentais. Em meio a tantos sócios fundadores, hoje dos quarenta e três, permanecem vivos apenas vinte e três, vinte mulheres e três homens, mas que ainda permanecem associadas somente cinco mulheres.

Atualmente a nova composição da associação é de quatorze mulheres. Já atuantes na produção do artesanato temos cinco, uma minoria que permanece firme, e diante das necessidades todas sempre se reúnem e unem forças para organizar e desenvolver alguma ação na comunidade seja de enfrentamento das lutas pelas causas comunitárias ou para festejar.

CAP IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções do lugar, observações que fazemos do cotidiano do lugar vivido, por essas personagens femininas, apresentadas neste trabalho, são as que consideramos relevantes. Com certeza devem existir outras abordagens diferentes, mas estas aqui descritas foram as que mais me tocaram e correspondem aos pensamentos dos autores que corroboram com estas análises que me proponho a fazer.

As entrevistas realizadas com as mulheres foi um dos mais importantes instrumentos que utilizei para abordar o tema deste trabalho e como afirma Tânia Gandon (2005), quando trabalhamos a oralidade é preciso ficarmos atentos para os pequenos detalhes das entrevistas, porque estes podem dizer muito mais sobre determinados acontecimentos do que os documentos escritos ou grandes discursos. Portanto, a metodologia oral nos trás grandes possibilidades de dialogar com as histórias e vivencias de cada uma.

Os questionários nos mostrou um panorama de quem são essas mulheres. Como, onde com quem vivem, como elas se auto identificam, qual sua fonte renda, religiosidade, sua participação na construção do lugar e por fim, sua atuação e por que surgiu a Associação, e é partir daí que faremos nossa análise.

Podemos dizer os principais objetivos para fundar uma Associação, foram; manter viva a cultura, unir as pessoas para falar sobre os problemas e melhorar as condições de vida. E neste contexto o papel de uma instituição como a Associação é de pensar no bem comum de todos, assim Ferrinho discute que:

O papel das associações tem grande importância para o desenvolvimento rural, pois através dessas organizações é possível aos agricultores a participação social na tomada de decisão e organização de mercados. Percebe-se assim, a necessidade do ser humano em se associar em grupos, unindo-se, no esforço de buscar a transformação da realidade. (FERRINHO 1978, s.p)

As respostas das interlocutoras nos fazem refletir a importância de uma Associação na comunidade, e faz-se necessário reconhecer que a participação de todos é fundamental, para alcançar os objetivos e as possíveis transformações que a mesma pode trazer para os envolvidos e a comunidade. Assim

Alessandra Rodrigues Pereira, afirma:

Foi na Associação que criamos possibilidades de tornar conhecida a tecelagem manual, a arte das mulheres, lutar por condições de vida melhores, dar visibilidade as potencialidades da comunidade, e desenvolver nos moradores através das ações o amor por tudo que existe neste lugar. A associação me possibilitou conhecer muitas pessoas, participar de muitos debates e viver bons momentos.

As Associações juntamente com suas sócias conseguiram realizar ações e projetos que promoveram a ampliação da renda, buscou de recurso no âmbito governamental, realizaram oficinas e cursos, projetos de sustentabilidade, que resultaram em um desenvolvimento local considerável. Para Ferrinho, (1978) O desenvolvimento rural sem associações voluntárias dificilmente seria possível. Na realidade atual, percebe-se claramente o grande fortalecimento dessas organizações, na participação nos espaços sociais, políticos e econômicos. (FERRINHO, 1978; GOHN, 2003). Importantes ferramentas que as instituições têm são a união, organização, articulação e interação com outras instituições, que contribuem na luta e na conquista dos direitos.

Ao longo dos anos as organizações foram conquistando credibilidade e espaços de debate e foram reconhecidas como, o terceiro setor⁵⁰ que tem desempenhado um papel cada vez mais significativo para o progresso econômico e social das comunidades. Foi nesse contexto que as mulheres aos poucos foram se moldando e trilhando caminhos que as ajudaram a tomar decisões e seguir na busca por direitos e dias melhores.

Observamos que a Associação da comunidade supracitada encontra-se em um cenário de desmotivação e desvalorização da atividade produtiva que é o artesanato (a tecelagem). Em alguns momentos o desânimo também parte das lideranças, que muitas vezes sentem-se cansadas do processo de mobilização e articulação com os diversos setores. Cada vez mais fica difícil manter a associação ativa, por falta de recursos, participação da população e as dificuldades no âmbito governamental. Mas são fatores que não levam as mulheres a pensarem em desistir, elas continuam numa luta incansável de preservar o que faz parte de suas histórias.

⁵⁰ Terceiro setor é formado por **associações e entidades sem fins lucrativos**, e é classificado como terceiro setor, em sociologia. O termo é de origem americana, *Third Sector*, muito utilizado nos Estados Unidos, e o Brasil utiliza a mesma classificação.

É importante ressaltar que em qualquer instituição ou outro setor de convivência coletiva, para que o trabalho prospere, as relações sejam harmoniosas. Os relatos apontam que os resultados da convivência com / ou no coletivo foram positivas e de grandes aprendizagens. Aspectos como; ouvir o outro, ter paciência, respeito coragem, conhecimento, para melhorá-la cada vez mais as técnicas de trabalho com o tear, foram fundamentais. Segundo Becker (1993) “O conhecimento surge da convivência de cada pessoa”. Ela vai aprendendo por tudo o que você vai vivenciando, por intermédio das pessoas de sua convivência, pelos meios de comunicação, de livros, daquilo que vê, percebe e capta (BECKER, p. 25). A atividade desenvolvida na Associação de maneira coletiva proporcionou a todos um conhecimento que reflete hoje na vida das mulheres e nos resultados que foram alcançados, através das lutas que foram travadas durante todos esses anos de existência da instituição.

As conquistas a partir da existência da instituição (31 anos), tendo somente um mandato de dois (02) anos coordenada por um homem e os demais por mulheres, foram significativas e as principais foram: a construção da sede, o resgate da tecelagem manual, conquista da água tratada, ampliação da criação de caprinos⁵¹ o desenvolvimento do PAS⁵² e seus resultados refletem na de maneira positiva na vida das pessoas e na organização da comunidade. Destaca (OLAK E NASCIMENTO, 2006) que as associações desenvolvem suas atividades, valendo-se de recursos oriundos do sistema econômico e social, [...], apresentando como resultados os seres humanos transformados. Apesar de ser uma instituição com poucos recursos, de modo geral ela tem cumprido seu papel em desenvolver suas ações exercendo a cidadania e promovendo ações que fortaleçam os traços culturais e históricos.

⁵¹ Considerada uma subfamília dos bovídeos, o grupo *caprinae* é representado por íbexes, ovelhas, cabras e bodes. É, na verdade, o grupo dos **caprinos**, animais bastante utilizados pelos seres humanos na caprinocultura (cabras) e na ovinocultura (ovelhas).

⁵² O PAS é um caminhar de respeito à vida. É um conjunto de ações com o objetivo de implantar uma nova maneira de tratar as questões socioambientais nas áreas de influência dos empreendimentos da CHESF, de geração e transição de energia elétrica. É um PLANO que promove não apenas o conhecimento da realidade ecossociológica, mas desencadeia junto à população processos de informação, conscientização, sensibilização e participação. Elementos fundamentais na construção da cidadania com responsabilidade.

Manter a cultura local e a história deste lugar viva é um dos objetivos e tem sido um grande desafio, pois depende muito do envolvimento e compreensão dos mais jovens e os mesmos não demonstram interesse em querer participar das ações da Associação. Porém percebemos que faltam motivação e desenvolver mais ações que levem os mais jovens a compreender a cultura local e a importância que ela tem para o lugar. Callai (2004) afirma que, conhecê-la, pode ser significativo para compreender o lugar, e entender por que as coisas acontecem do modo que estão acontecendo. Reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas (CALLAI, p. 122). Precisamos despertar e fortalecer nos jovens o sentimento de pertencimento com o lugar e tudo que o compõem.

Anseio que este trabalho seja visto como um instrumento de ensino para a instituição escolar, pois trás aspectos, culturais, históricos, geográficos, ambientais, econômicos e outros. Como também abordam temas importantes que contribuíram na formação humana, como; memória, patrimônios, (material e imaterial), sentimento de pertencimento, a categoria lugar e a forma como o homem interfere na transformação e etc. Discutir estes temas é de suma importância nos ambientes sociais (escolas, Associações, igrejas e outras instituições) em que os seres humanos estão inseridos.

Um dos momentos de muita emoção, durante as entrevistas foi ouvir as interlocutoras falando do sentimento que têm por este lugar. Pude sentir e perceber o amor e as boas lembranças que todas têm. O sentimento de que tudo que existe, fez e faz parte das vivências de cada uma de nós. “Portanto Tuan (1983), afirma; O sentimento de lugar resulta de experiências e esse sentimento de pertencimento de uma pessoa por uma localidade, dificilmente se adquire só pelo fato de se passar pelo lugar, mas sim no cotidiano no espaço vivido.” (TUAN, 1983 p. 163). Assim podemos afirmar que, somente quem vive este lugar sabe a dimensão do que é este lugar na vida de cada um.

Ressaltamos que é importante as pessoas sentirem-se integradas ao lugar, vivenciar o cotidiano, e a relação existente entre as pessoas, fortalecem os laços afetivos e partindo deste contexto a estudiosa Helena Callai (2000) destaca que: Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. (CALLAI p.72). O lugar é cheio de cultura e histórias que é parte de cada uma que ali vive.

Preservar, valorizar e registrar essas histórias e se faz necessário, não somente pelas mulheres que atuam, mas por todas as gerações.

É notória a atuação da mulher na ascendência da Associação, igreja, escola, comércio, residência, na agricultura, na pescaria, no pastoreio dos caprinos, no esporte, educação, cultura, no manuseio de transportes, nas realizações de ações coletivas e solidárias nos festejos e etc. Rotinas como essa são comuns na vida das mulheres que residem no Povoado Salgado. A mulher tem que “se desdobrar” para dar conta dessas demandas e nem sempre recebem reconhecimento perante a sociedade. Mas é algo que não as deixam abaladas.

A partir das análises das questões e dos aspectos que abordam a história, a memória, e lugar, aqui apresentadas neste trabalho, para uma maior compreensão, reafirma-se, agora com mais propriedade, que em todos os campos que fazem do Povoado Salgado uma comunidade ativa, nos faz perceber que “Salgado” é uma comunidade movida por mulheres.

Pode-se dizer que diante de tudo que foi produzido neste trabalho, contempla os objetivos. E abre um leque de possibilidades para desenvolver outras pesquisas, tendo esta como norteadora. Os registros apontam que a presença das mulheres na construção da história e memória do povoado salgado é fato comprovado, através dos relatos e fotografias, documentos e entre outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Helaelson. **Leitura da Realidade Local, Povoado Salgado**. Delmiro Gouveia/AL: ICMBio/MMA, 2016.

ARROYO, Mônica. A trama de um pensamento complexo: espaço banal, lugar e cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Ensaio de Geografia contemporânea: Milton Santos obra revisitada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Queroz, 1979.

BRASIL. Governo Federal. **Programa do Artesanato Brasileiro**. Brasília, 2014.

_____. Governo Federal. **Lei Orgânica do Ensino Primário**. Lei n.8.529, de 2 de janeiro de 1946. Brasília, 1946.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CALLAI, Helena. Coppeti: Estudar o Lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **O Lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento**. Artigo apresentado no VII Congresso Luso-Afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

COELHO, Simone de Castro Tavares. **Terceiro setor: um estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos**. Ed. 2, São Paulo: SENAC, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade**. Ed. 2, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUBOIS, Phillipe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papyrus, 2009.

DRUKER, Peter Ferdinand. **Administração de Organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas**. Ed. 5, São Paulo: Pioneira, 1997.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 19. p. 44-47. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_19.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2016.

FERRINHO, Homero. **Cooperativas e desenvolvimento rural**. São Paulo: Clássica Editora, 1978.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 314-332, dezembro. 2002.

FISCHER, Izaura R. **O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 2006.

GANDON, Tânia Risério d'Almeida. Etnotexto e Identidade Cultural na construção da memória. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v.14, n.23, jan/jun, 2005.

HALFELD, Fernando. Relatório Concernente à Exploração do Rio de S. Francisco, desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico. In Atlas e Relatório Concernente à Exploração do Rio de S. Francisco, desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico durante os anos de 1852 a 1854. Rio de Janeiro. Publicado em 1860.

HALBWACHS, Maurice. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 1989.

_____. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva**. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/memoria_e_memoria_coletiva.pdf>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

KISIL, Marcos. Organização social e desenvolvimento sustentável: Projetos de Base Comunitária. In. IOSCHIPE, Evelyn Berg. **3º Setor: desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LIMA, R. **Objetos: Percursos e Escritas Esculturais**. São Paulo: Centro de Estudos da Cultura Popular/Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Ministério da Cultura, 2010.

LEMOS, C. A. **As Discussões Sobre Gênero nas Linhas e Entrelinhas da Educação do Campo**. Trabalho apresentado no Conedu, Campina Grande, 2015.

LEITE, A. F. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. UFRJ: Anuário do Instituto de Geociências, p. 9-20, 1998.

MASCARENHAS, João de Castro. BELTRÃO, Breno Augusto. SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos de. (Orgs.). **CPRM - Serviço Geológico do Brasil: Projeto cadastro de fontes de**

abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Delmiro Gouveia, estado de Alagoas. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: Maria Cristina Leal; Marília Pimentel. (Org.). **História e Memória da Escola Nova**. Ed. 1, v. 1, p. 9-26. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

OLAK, Paulo Arnaldo. NASCIMENTO, Diogo Toledo do. **Contabilidade para entidades sem fins lucrativos (Terceiro Setor)**. São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. Memória Individual e Memória Coletiva. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. São Paulo, v. 13, p. 339-348, janeiro. 2017.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Milton. **Conferência realizada no V Congresso Latino Americano de Geógrafos**. 31 de julho a 5 de agosto de 1995, Cuba.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARDA MORENO, Amparo. El arquetipo viril protagonista de la história: Ejercicios de lectura no androcéntrica. **Cuadernos Inacabados**. Barcelona, 1987.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TEODÓSIO, Armindo dos Santos. **O Terceiro Setor e a Provisão de Políticas Sociais: Desafios, perspectivas e armadilhas da relação entre a Organizações da Sociedade Civil e Estado de Minas Gerais**. Minas Gerais: PUC, 2002. Dissertação.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Place: na Experiential Perspective**. *Geographical Review*, p. 151-165, 1975.

ANEXOS

FICHA DE ENTREVISTA PARA A PESQUISA DE CAMPO:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CAMPUS SERTÃO
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
PROFª PROF. DRª. MARIA APARECIDA SILVA
DISCENTE: ALESSANDRA RODRIGUES PEREIRA

PESQUISA DE CAMPO

1. IDENTIFICAÇÃO		
NOME:	Idade:	Sexo
Endereço:		
CPF:		
Estado civil: casada () solteira () outro ()		
Naturalidade:		
1- Escolaridade: Fundamental 1 completo- 1º ao 5º ano () Fundamental 1 incompleto () Fundamental 2 completo – 6º ao 9º ano completo Fundamental 2 incompleto () Ensino médio incompleto () Ensino médio completo () Superior completo () Qual curso? _____ Superior incompleto. () Sem escolaridade ()		
2. IDENTIDADE: AUTO IDENTIFICAÇÃO, SEXO E RELIGIÃO.		

2.1 EM RELAÇÃO À RELIGIÃO, VOCÊ DIRIA QUE É:

() Ateísta () Acredito em Deus mas não sigo nenhuma religião () Católico () Católico não praticante () Protestante () Espírita kardecista () Praticante de religião afro-brasileira (umbanda ou candomblé) () Prefiro não declarar. **Tenho outra religião. Qual?**

2.2 EM RELAÇÃO À COR DA PELE, VOCÊ SE CONSIDERA:

() Branco () Pardo () Negro () Amarelo (oriental) () Vermelho (indígena) () Prefiro não declarar

2.3 DEFINA SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL:

() masculino () Feminino () homossexual () heterossexual () lésbica () outra

3- TRABALHO, RENDA E MORADIA

3.1 Quantas pessoas moram nesta casa? 04

Descreva o perfil no quadro abaixo:

Idade	Sexo M / F	Grau de Parentesco	Escolaridade	Trabalha? Sim/Não	Profissão	Renda

3.2 VOCÊ OU ALGUÉM DE SUA FAMÍLIA JÁ SAÍU DO MUNICÍPIO PARA BUSCAR SOBREVIVÊNCIA? SIM (x) NÃO () Onde? **3.3** VOCÊ REALIZA ALGUMA ATIVIDADE REMUNERADA? QUAL?

Há quanto tempo? A mais de 20 anos

3.4 QUAL A RENDA MENSAL DA FAMÍLIA? Salário Mínimo: 1 SM () 2 SM () 3 SM () 4 SM ()

3.5 VOCÊ OU ALGUM MEMBRO DE SUA FAMÍLIA SÃO BENEFICIÁRIOS DE PROGRAMAS SOCIAIS (BOLSA FAMÍLIA, BENEFÍCIO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, ETC.)? () Sim () Não QUAL? DESDE QUANDO?

3.6 VOCÊ DESENVOLVE OUTRA ATIVIDADE PARA COMPLEMENTAR A RENDA

FAMILIAR?

() Sim () Não? Qual?

3.7 Com que outra atividade você ocupa seu tempo?

3.8 Quais eram as formas de trabalho antigamente?

3.9 Como aprendiam a trabalhar?

3.10 Qual era a sua função?

3.11 Possui: Casa própria SIM () NÃO () Cedida (x) Sim () Não Alugada: SIM () NÃO ().

3.12 o Tipo de moradia

Casa de alvenaria: SIM () NÃO () Casa de Taipa: SIM () NÃO ()

3.13 INSTALAÇÕES BÁSICAS : Água encanada: SIM () NÃO () Energia: SIM (x) NÃO () Esgoto () SIM () NÃO

4. -A ATUAÇÃO DA MULHER NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR

4.1 QUEM FORAM OS PRIMEIROS MORADORES? DE ONDE VINHERAM?

4.2 VOCÊ NASCEU NESTA COMUNIDADE? Sim () Não ()

4.3 A QUANTO TEMPO RESIDE NA COMUNIDADE? 37 anos

4.4 O que o levou a escolher esta comunidade para residir?

4.5 COMO FOI SUA CHEGADA A ESTA COMUNIDADE E O QUE SENTIU AO VER ESSE LUGAR?

4.6 COMO SE SENTE MORANDO NESTE LUGAR E O QUE MAIS LHE CHAMA A ATENÇÃO?

4.7 COMO SÃO OS MORADORES DE HOJE E O QUE MUDOU NO PERFIL DOS MESMOS?

4.8 JÁ FOI EMBORA DESTE LUGAR? () Sim () Não. SE SUA RESPOSTA FOR SIM, QUAL O MOTIVO?

4.9 PORQUE VOLTOU E O QUE A TROUXE DE VOLTA? OU NÃO () O QUE O FEZ FICAR AQUI?

4.10 COMO VIVAM AS MULHERES NO INICIO DA FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE?

4.11 QUAIS ERAM AS ATIVIDADES QUE ELAS EXERCIAM?

4.12 QUAL A IMPORTÂNCIA DE SUA ATUAÇÃO NA TOMADA DE DECISÃO NA COMUNIDADE?

4.13 HOJE COMO VOCÊ VÊ HOJE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA COMUNIDADE?

4.14 QUAL O SEU SENTIMENTO EM RELAÇÃO À COMUNIDADE QUE ESCOLHEU PARA MORAR?

4.15 SENTE SAUDADES DE ALGO DO PASSADO QUE A COMUNIDADE NÃO TEM MAIS?

4.16 EXISTE UMA DIFERENÇA ENTRE A MULHER DE ANOS ATRÁS E A MULHER DE HOJE?

4.17 QUAL SUA OPINIÃO COM RELAÇÃO À MULHER QUE LIDERA AS INSTITUIÇÕES, COMO ASSOCIAÇÃO, IGREJA, ESCOLA E OUTRAS?

4.19 QUE MUDANÇAS ACREDITA AINDA POSSA HAVER?

4.20 QUAL A PRINCIPAL MUDANÇA DA ÉPOCA PARA OS DIAS ATUAIS?

5.21 QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE ENFRENTA EM SEU DIA A DIA E NA COMUNIDADE?

5.22 VOCÊ DEIXARIA ESSA COMUNIDADE PARA MORAR EM OUTRO LUGAR ?

5- ASSOCIAÇÃO: FUNDAÇÃO E ATUAÇÃO

5.1 EM SUA COMUNIDADE EXISTE ALGUMA INSTITUIÇÃO QUE DESENVOLVE AÇÕES PARA MELHORAR O CONVÍVIO SOCIAL? QUAL?

- 5.2 QUANDO E POR QUE SURTIU ESSA INSTITUIÇÃO NA COMUNIDADE?
- 5.3 QUAIS AS AÇÕES QUE A INSTITUIÇÃO REALIZA?
- 5.4 QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE A ASSOCIAÇÃO TRÁS PARA A COMUNIDADE?
- 5.5 VOCÊ FAZ PARTE DE ALGUMA INSTITUIÇÃO? QUAL?
- 5.6 QUANTO TEMPO FAZ QUE VOCÊ PARTICIPA DA ASSOCIAÇÃO?
- 5.7 COMO FUNCIONA O TRABALHO DA ENTIDADE? QUEM ELA ATENDE?
- 5.8 COMO SE DEU A SUA PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO?
- 5.9 QUAL A IMPORTÂNCIA DA EXISTÊNCIA DE UMA ASSOCIAÇÃO NA COMUNIDADE?
- 5.10 A ASSOCIAÇÃO TEM FINS LUCRATIVOS?
- 5.11 A ASSOCIAÇÃO DESENVOLVE ALGUMA ATIVIDADE COM REMUNERAÇÃO? QUAL ATIVIDADE?
- 5.12 QUAL A IMPORTÂNCIA DE DESENVOLVER ESSA ATIVIDADE?
- 5.13 COMO SE DEU A ESCOLHA DA ATIVIDADE?
- 5.14 QUAL A FUNÇÃO VOCÊ DESENVOLVE NA ASSOCIAÇÃO?
- 5.15 DE ACORDO COMO TEMPO DE SUA PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO, COMO VOCÊ ANALISA A ATUAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ATUALMENTE?
- 5.16 O QUE VOCÊ APRENDEU NA CONVIVÊNCIA COM OS ASSOCIADOS?
- 5.17 VOCÊ CONTINUA SENDO SÓCIA DA ASSOCIAÇÃO? POR QUÊ?
- 5.18 QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRETOU (A) COMO MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO?
- 5.19 QUAIS SÃO OS OBJETIVOS E LUTAS QUE A ASSOCIAÇÃO ENFRENTA?
- 5.20 EXISTEM ALGUNS DIREITOS ADQUIRIDO QUE FOI RESULTADO DAS LUTAS DA ASSOCIAÇÃO?

5.21 NA ASSOCIAÇÃO TEM A PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE? PORQUE NÃO?

5.22 AS ASSOCIADAS TÊM PREPARADO A NOVA GERAÇÃO PARA UM DIA ASSUMIR A ASSOCIAÇÃO? PORQUE NÃO?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CAMPUS SERTÃO
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
PROFESSORA DR^a. MARIA APARECIDA SILVA
DISCENTE: ALESSANDRA RODRIGUES PEREIRA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Eu, _____, ciente dos objetivos dessa atividade de pesquisa sobre: **A Presença das Mulheres na Construção da História e Memória do Povoado Salgado-Delmiro Gouveia / AL**, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, realizada pela discente, Alessandra Rodrigues Pereira, sob orientação da Professora Doutora Maria Aparecida Silva. Concordo em colaborar com a atividade e permitir a realização da coleta de dados por meio de entrevistas, em situações previamente combinadas com a estudante, bem como com a concessão de demais informações que se fizerem necessárias para responder ao objetivo da atividade.

Delmiro Gouveia, AL, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do /a entrevistado/a

CPF: _____

Escritura de Doação do Terreno da Associação:

CARTORIO DO 1º OFÍCIO
Hamilton Sant'Anna Cardeal
Município de Delmiro Gouveia - Alagoas

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE  ALAGOAS

MUNICÍPIO DE DELMIRO GOUVEIA COMARCA DE DELMIRO GOUVEIA

HAMILTON SANT'ANNA CARDEAL
TABELIÃO DE NOTAS

LIVRO Nº 129º Fols. 240v/241r.

PRIM. TRASLADO

Escritura Pública: DOAÇÃO

Data: 22 DE DEZEMBRO DE 1995

Outorgante(s): PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Outorgado(s): ASSOCIAÇÃO RURAL SÃO JOÃO BATISTA DA COMUNIDADE SALGADO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Traslado Primeiro

Livro.....129º

Fls. 240 v / 241 v.-

Escritura pública de doação de imóvel urbano, que nestas notas fazem a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Delmiro Gouveia - Alagoas, como outorgante doadora, e a Associação Rural São João Batista da Comunidade Salgado, como outorgada donatária, como tudo melhor abaixo se expressa e declara.

S A I B A M quanto a esta pública escritura de doação virem, que aos vinte e dois dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e noventa e cinco, nesta cidade de Delmiro Gouveia - Estado / de Alagoas - ao meu Cartório, à rua da Independência nº 207, perante mim tabelião e as testemunhas adiante nomeadas e assinadas, compareceram partes entre si justas e contratadas, a saber: de uma parte, / como outorgante doadora, a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da / cidade de Delmiro Gouveia - Alagoas, C.G.C. nº 12.436.697/0001-27, / neste ato representada por seu pároco, Eraldo Joaquim Cordeiro, brasileiro, solteiro, religioso, residente e domiciliado nesta cidade, / C.P.F. nº 354.556.675-72; e de outra parte, como outorgada donatária, a Associação Rural São João Batista da Comunidade Salgado, C.G.C. nº 00.943.473/0001-22, neste ato representada por sua Presidente, Alessandra Rodrigues Pereira, brasileira, solteira, professora, residente e domiciliada no Povoado Salgado, deste Município, C.P.F. nº 022.653.744-74, os presentes, pessoas reconhecidas pelas próprias de que trato e das testemunhas, de cuja capacidade jurídica e identidade / destas e daquelas é por mim abonada do que dou fé. E, perante as mesmas testemunhas, pela outorgante doadora referida, aqui falando por seu legal representante, me foi dito que, a justo título e em virtude de doação recebida de José Bandeira Santos, nos termos da escritura de 26 de agosto de 1930, lavrada nas notas do Tabelião Miguel Gomes Correia, da Comarca de Água Branca - Alagoas, às folhas 12 verso a 13 do Livro nº 14, e registrada às folhas 058 do Livro 3-E, sob número de ordem 23, no Registro De Imóveis da Comarca de Água Branca - Alagoas, tornou-se exclusiva senhora e possuidora de um terreno urbano, situado no Povoado Salgado, deste Município, medindo cem braças em quadro no lugar onde está edificada a Capela de Salgado; que, estando a supradescrita área de terra tal como se descreve, livre de / impostos e desembaraçada de quaisquer ônus, resolveu, de sua livre e espontânea vontade, isto é, sem coação ou influência de quem quer /

natureza, à Associação Rural São João Batista da Comunidade Salgado, de uma área do terreno, medindo 83,00 metros de frente, 135,00 metros de fundo, 18,00 metros do lado direito e 105,00 metros do lado esquerdo, ou sejam: 6.703,50 metros quadrados, confrontando-se pela frente, com dos herdeiros de Ernesto Gonzaga, pelos fundos com a outorgante / doadora, pelo lado direito com a mesma doadora e pelo lado esquerdo / com os mesmos herdeiros de Ernesto Gonzaga, e assim, doando, como na verdade ora o faz, e lhe transmite desde já, pelo constituto possessório, o domínio, posse, direito e ação que exercia a outorgante, até / ao presente, sobre o declarado bem, de modo a poder a outorgada donatária dele usar, gozar ou dispor livremente como seu que fica sendo / desta data em diante, por força desta escritura; que, finalmente, para todos os efeitos e fins de direito, dá à presente o valor de R\$.- 1.000,00 (hum mil reais). Pela outorgada donatária me foi dito, aqui falando por sua legal representante, ante as testemunhas, que aceitava a doação que se lhe faz, nos termos desta escritura, a fim de que produza os seus legais e jurídicos efeitos. Isenta do pagamento do imposto de transmissão de bens imóveis, na forma da legislação vigente. Assim contratados, pediram-me lhes lavrasse em minhas notas esta escritura, que lhes sendo lida em presença das testemunhas, acharam conforme, aceitaram e assinam com as testemunhas Helena Ranalho da Silva e Maria Solange Gomes Souza, brasileiras, maiores e desta cidade. Eu, Hamilton Sant'Anna Cardeal, tabelião público a fiz escrever e subscrevi. Eraldo Joaquim Cordeiro - Alessandra Rodrigues Pereira - Helena / Ranalho da Silva - Maria Solange Gomes Souza. Era o que se continha / em a escritura, que para aqui trasladei fielmente do próprio original, dou fé. Eu, Hamilton Sant'Anna Cardeal, Tabelião Público a datilografei, subscrevi, datei e assino em público e raso.

Delmiro Gouveia, 22 de dezembro de 1995

Em testemunho Hamilton Sant'Anna Cardeal da verdade



CARTÃO DO REGISTRO DE MOVEIS E HIPOTECAS

Nº 17238 P. 50 DO T.O. Nº 1. -C

Processo nº 1-11063 S. RO e MATRÍCULA

Nº R. 1-11063 FLS. 284 LIVRO AA7

REGISTRO GERAL ATO: Registro do Imóvel

D. GOUVEIA 22 DE de outubro DE 19 94
Hamilton Santanna



Ata de Eleição e Posse da Primeira Associação:

01

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO
COMUNITÁRIA SÃO JOÃO BATISTA DA COMUNIDADE SALGADO REALI-
ZADO EM 05 DE OUTUBRO DE 1988.

Aos cinco (05) dias do mês de outubro de 1988 (Hum Mil Novecentos e Oitenta e Oito), às 16:50 horas, neste povoado salgado, município de Delmiro Gouveia, Estado de Alagoas, reuniram-se com o fito de construir uma Associação Comunitária, as seguintes pessoas:

- 01 - Antelina Gonzaga, brasileira 65 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia Alagoas.
- 02 - Aurelina Barbosa dos Anjos, brasileira 61 anos, viúva de profissão Doméstica, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 03 - Antonia Gonzaga dos Santos, brasileira 63 anos, solteira de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 04 - Antonia Moreira dos Santos, brasileira 38 anos, viúva de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 05 - Augusta Breira, brasileira 58 anos, casada de profissão Doméstica, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 06 - Aedália Rosa da Conceição, brasileira 55 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 07 - Cicero Leobino da Silva, brasileiro 37 anos, casado de profissão Pedreiro, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 08 - Elia da Silva, brasileira 37 anos, casada de profissão Tecedeira residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

09. - Elizabeth Cordeiro Moreira, brasileira 25 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
10. - Fernandina dos Santos, brasileira 39 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
11. - Antonio Pastor Lima, brasileiro 71 anos, casado de profissão Escrivão Aposentado, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
12. - Celeste Honório dos Santos, brasileira 51 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
13. - Gerson Pereira Damião, brasileiro 44 anos, casado de profissão Motorista, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
14. - Helena Honório Gonzaga, brasileira 43 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
15. - Jone Correia de Araújo, brasileira 25 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
16. - Jeana Cordeiro dos Santos, brasileira 39 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
17. - Joaquim Honório Gonzaga, brasileiro 46 anos, casado de profissão Pescador, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
18. - José Gonzaga dos Santos, brasileiro 55 anos, casado de profissão Mecânico, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
19. - Jorge de Jesus Conceição, brasileiro 39 anos, casado de profissão Servente de Pedreiro, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
20. - Maria Aparecida dos Santos, brasileira 29 anos, casada de

profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

21 - Marimta Vieira dos Santos, brasileira 35 anos, casada de profissão Doméstica, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

22 - Maria da Conceição, brasileira 43 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

23 - Maria José Oliveira, brasileira 70 anos, casada de profissão Doméstica, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

24 - Maria do Carmo Honório, brasileira 34 anos, casada de profissão Doméstica, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

25 - Maria José dos Santos, brasileira 58 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

26 - Maria Izabel Cordeiro, brasileira 48 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

27 - Maria de Lourdes Nunes, brasileira 52 anos, casada de profissão Professora, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

28 - Maria Galdino Pereira, brasileira 77 anos, viúva de profissão Doméstica, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

29 - Maria Auxiliadora Gonzaga, brasileira 34 anos, solteira de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

30 - Maria da Conceição dos Santos, brasileira 44 anos, solteira de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

31 - Maria Vilma da Silva, brasileira 33 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

Delmiro Gouveia - Alagoas.

- 32 - Maria José Gonzaga, brasileira 32 anos, solteira de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia Alagoas.
- 33 - Maria Aparecida Cordeiro dos Anjos, brasileira 32 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 34 - Maria São Pedro dos Santos, brasileira 58 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 35 - Milda Gonzaga, brasileira 37 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 36 - Maria Moreira Amorim, brasileira 39 anos, casada de profissão Guardiã, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 37 - Maria Carolina de Araújo, brasileira 46 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 38 - Maria Madalena Honório, brasileira 28 anos, casada de profissão Tecedeira, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 39 - Maria Gonzaga, brasileira 57 anos, casada de profissão Tecedeira residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 40 - Maria José Rodrigues Pereira, brasileira 37 anos, casada de profissão Professora, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 41 - Maria do Carmo dos Santos, brasileira 61 anos, casada de profissão Professora, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.
- 42 - Orlando Baudelino da Silva, brasileiro 30 anos, casado de profissão Agricultor, residente no povoado salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas.

03

43. Rivalva Gonzaga, Brasileira 42 anos, casada de profissão Tecadeira, residente no povoado Salgado, município de Delmiro Gouveia - Alagoas, tendo ainda participado:

Sr. Maria Angela Feitosa dos Santos, Técnica em desenvolvimento social pertencente a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Alagoas (EMATER-AL), a qual foi aclamada para coordenar os trabalhos da assembleia, que convidou a mim, Maria do Carmo dos Santos, para lavrar a presente ata.

37
16

A senhora coordenadora solicitou que fosse lido, explicado e debatido o projeto de estatuto da associação anteriormente elaborado, o qual foi feito o artigo. Em seguida, posto em votação, o estatuto foi aprovado pelo voto unânime dos associados fundadores, cujos nomes estão devidamente consignados nesta ata.

A senhora coordenadora suspendeu então por 30 (trinta) minutos os trabalhos para adoção das providências que conduziram à eleição dos membros da diretoria; reiniciados os trabalhos e precedida a votação foram eleitos para compor o conselho de bases associados:

a) Cicero Leobino da Silva, b) Joaquim Honório, devidamente qualificados nesta ata. Em seguida a assembleia escolheu para exercer as funções de presidente, conforme dispõe o estatuto recém-aprovado, a Sr.ª Maria José Rodrigues Pereira, vice-Presidente, foi escolhida a Sr.ª Aurelina Barbosa dos Anjos, foi escolhida para secretária a Sr.ª Maria do Carmo dos Santos, para vice-secretária a Sr.ª Maria de Lourdes Nunes, para Tesoureiro e Sr. Antonio Pastor Lima e o Sr. José Gonzaga dos Santos para vice-Tesoureiro.

Ressequindo, todos foram empossados nos seus cargos

e a Sr.^a Presidente convidada a assumir a direção dos trabalhos, agradeceu a colaboração de todos na fundação desta associação e declarou constituída então para o futuro a "ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA SÃO JOÃO BATISTA", com sede no povoado Salgado, município de Delmiro Gouveia, Estado de Alagoas, que tem por objetivo:

- a) Ativar o movimento sócio-educativo cultural, apoiar e defender todo movimento reivindicatório que venha beneficiar os moradores do povoado Salgado.
- b) Lutar contra a discriminação e a injustiça social praticada contra os moradores do povoado.
- c) Fazer intercâmbio com outras associações rurais, como também entidades que apoiam o movimento popular.

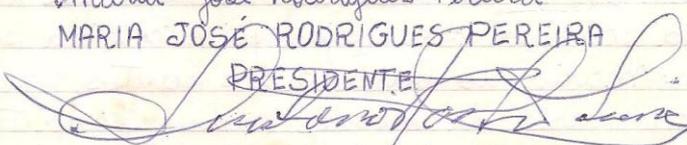
Como nada mais houvesse a ser tratado, o Sr. Presidente declarou encerrado os trabalhos e eu Maria do Carmo dos Santos, que servi de secretária levi a presente ata, a qual lida e achada conforme, vai assinada por todos os socios fundadores, como prova de vontade livre de cada um organizou a associação.

Salgado, 05 de Outubro de 1988

Maria do Carmo dos Santos.

MARIA DO CARMO DOS SANTOS
SECRETÁRIA

Maria José Rodrigues Pereira
MARIA JOSÉ RODRIGUES PEREIRA
PRESIDENTE


ANTONIO PASTOR LIMA
TESOUREIRO

SÓCIOS FUNDADORES

AUTELINA GONZAGA



Amelina Barbosa dos Anjos

PIRELINA BARBOSA DOS ANJOS

Antonia Gonzaga dos Santos

ANTONIA GONZAGA DOS SANTOS

ANTONIA MOREIRA DOS SANTOS



AUGUSTA PEREIRA



ACIDÁLIA ROSA DA CONCEIÇÃO



Cícero Leobino da Silva

CÍCERO LEOBINO DA SILVA

ELIA DA SILVA

ELIA DA SILVA



ELISABETE CORDEIRO MOREIRA



FERNANDINA DOS SANTOS



Antônio Pastor Lima

ANTONIO PASTOR LIMA

CELESTE HONÓRIO DOS SANTOS

Gerson Pereira Damião
GERSON PEREIRA DAMIÃO

HELENA HONÓRIO GONZAGA

IONE CORREIA DE ARAUJO

Joana Cordeiro dos Santos
JOANA CORDEIRO DOS SANTOS

JOAQUIM HONORIO GONZAGA

José Gonzaga dos Santos
JOSÉ GONZAGA DOS SANTOS

Jorge de Jesus Conceição
JORGE DE JESUS CONCEIÇÃO

MARIA APARECIDA DOS SANTOS

marivita Vieira dos Santos
MARIVITA VIEIRA DOS SANTOS

MARIA DA CONCEIÇÃO

Maria José Oliveira
 MARIA JOSÉ OLIVEIRA

Maria do Carmo Honório
 MARIA DO CARMO HONÓRIO

MARIA JOSÉ DOS SANTOS

MARIA ISABEL CORDEIRO

Maria de Lourdes Nunes
 MARIA DE LOURDES NUNES

MARIA GALDINO PEREIRA
 MARIA GALDINO PEREIRA

Maria Auxiliadora Gonzaga
 MARIA AUXILIADORA GONZAGA

MARIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Maria Vilma da Silva
 MARIA VILMA DA SILVA

Maria José Gonzaga
 MARIA JOSÉ GONZAGA

Maria Aparecida Cordeiro dos Anjos
 MARIA APARECIDA CORDEIRO DOS ANJOS

Ata de Eleição e Posse da Associação dos Artesãos:

**ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA
ASSOCIAÇÃO DESCANSO DE REI DOS ARTESÃOS DO POVOADO
SALGADO**

Ata da Assembléia Geral de Constituição da **Associação Descanso de Rei dos Artesãos do Povoado de Salgado**, aos 01 dias do mês de Julho de 2006 na sede da Associação, sito no Povoado Salgado, Município de Delmiro Gouveia, Estado de Alagoas, reuniram as pessoas a seguir indicadas, com o propósito de constituírem uma Pessoa Jurídica de Direito Privado, sob a forma de Associação, pela união de pessoas que se organizam para fins não econômico:

Maria Shirley Gonzaga dos Anjos, RG. 1.805.020 SSP-AL, Endereço: Povoado Salgado, **Nívea Vieira dos Santos**, RG. 1.805.012 SSP-AL, Endereço: Povoado Salgado, **Alessandra Rodrigues Pereira**, RG. 1.475.962 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Maria do Carmo Honório**, RG. 1.403.669 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Ironilda Correia de Araújo** RG 1.492.032 SSP-AL, Endereço: Povoado Salgado, **Maria Aparecida Cordeiro dos Anjos**, RG. 1.275.820 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Nilda Gonzaga dos Santos**, RG. 1.131.294 - SSP - AL Endereço: Povoado Salgado, **Ione Correia de Araújo** RG. 1.492.030 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Hélia da Silva Santos**, RG. 630.151 - SSP AL, Endereço: Povoado Salgado, **Valquiria Gonzaga Moreira** RG.1.805.046 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Maria Paula dos Anjos** RG. 1. 805.047 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Nivalda Gonzaga dos Santos**, RG. 1.888.138 SSP - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Josineide Vieira Nunes** RG - 1.805.011, **Elson Pereira Nunes**, RG. 1.076.316 - AL, Endereço: Povoado Salgado, **Arlene Correia de Araújo** RG - 1.492.019 SSP- AL, Endereço Povoado Salgado, **Rita de Cássia Correia de Araújo** RG -2.009.673 SSP -AL, Povoado Salgado, **Maria José Gonzaga** RG- 10.880.376 SSP - AL, Povoado Salgado, **Sandra Bandeira Gomes** RG - 1.252.717 SSP - AL Endereço: Povoado Salgado, **Maria Lucia Gomes de Araújo** RG - 1.492.010 - SSP-AL, Endereço: Povoado Salgado, **Alana Grace Moreira de Araújo** RG - 3.384.960-9 SSP - SE. Endereço: Povoado salgado, **Maria José Rodrigues Pereira** RG -361.585 SSP - SE. Endereço: Povoado Salgado, **Eleonoura Soares de Oliveira da Silva**, RG 1.634.453 SSP - AL. Endereço: Povoado Salgado. Para presidir os Trabalhos, a Assembléia escolheu, por aclamação a Senhora Maria Shirley Gonzaga que convidou a Senhora Alessandra Rodrigues Pereira para secretariá-la e lavrar esta Ata. Assumindo a direção



1

[Handwritten Signature]
Thiago Moraes Duarte Miranda
Assistente Judiciário
OAB/BA 17.741

dos trabalhos a Senhora Presidenta solicitou que fosse lida, explicando e debatido o Projeto de Estatuto da Sociedade, anteriormente elaborado, o que foi feito artigo por artigo. O Estatuto foi aprovado pelo voto de todas as pessoas anteriormente identificadas. A seguir a Senhora Presidenta determinou que se procedesse à eleição dos membros dos Órgãos Sociais, conforme dispõe o Estatuto recém – aprovado. Foi apresentada chapa única e a votação feita por aclamação, sendo aprovados os primeiros membros da Diretoria e do Conselho Fiscal as seguintes: Para membros da Diretoria: Diretora Presidenta; **Senhora Maria Shirley Gonzaga dos Anjos**, Diretora Vice-Presidenta **Nívea Vieira dos Santos**; Diretora Administrativa **Alessandra Rodrigues Pereira**; Diretora Financeira **Valquiria Gonzaga Moreira**. Para membros efetivos do Conselho Fiscal, **Maria Aparecida Cordeiro dos Anjos, Hélia da Silva Santos, Nilda Gonzaga dos Santos**. Para membros do Conselho Fiscal Suplente as **Senhoras: Ione Correia de Araújo, Maria do Carmo Honório e Ironilda Correia de Araújo**. Todos os membros eleitos já se encontram devidamente identificados nesta Ata. Prosseguindo, todos foram empossados em seus cargos e a Sr^a Presidenta, assumindo a direção dos trabalhos agradeceu a colaboração de todos nesta tarefa e declarou definitivamente constituída a **ASSOCIAÇÃO DESCANSO DE REI DOS ARTESÃOS DO POVOADO SALGADO**, com administração e sede na comunidade do Povoado de Salgado, Município de Delmiro Gouveia, Estado de Alagoas, criada ao abrigo do Código Civil Brasileiro, que terá como objetivo a prestação de quaisquer serviços que possam contribuir para: **Promover o desenvolvimento e defender, perante os poderes Públicos e onde quer se façam necessários os direitos, interesse e reivindicações de seus Associados**. A Assembléia deliberou, ainda por unanimidade, fixar em R\$ 2,00 (dois reais), o valor da contribuição de cada associado para o primeiro exercício social. E nada mais havendo a tratar, Sr^a Presidenta declarou suspensa a sessão pelo tempo necessário à redação da presente Ata, que lida e achada conforme, vai assinada por todos os presentes, e por mim, pela presidenta da Assembléia e pela Diretora Presidenta eleita.

Delmiro Gouveia - AL, 01 de Julho de 2006.

Maria Shirley Gonzaga dos Anjos
 Maria Shirley Gonzaga dos Anjos
 Presidenta da Assembléia

Alessandra Rodrigues Pereira
 Alessandra Rodrigues Pereira
 Secretaria da Assembléia



Thiago Moraes Duarte Miranda
 2
 Thiago Moraes Duarte Miranda
 Assistente Judiciário
 OAB/BA 17.741

Maria Shirley Gonzaga dos Anjos
~~Maria Shirley Gonzaga dos Anjos~~
 Diretora Presidente Eleita

Alessandra Rodrigues Pereira
 Alessandra Rodrigues Pereira

Diretora Administrativa Eleita

Nívea Vieira dos Santos
~~Nívea Vieira dos Santos~~
 Diretora Vice-Presidenta Eleita

Valquíria Gonzaga Moreira
 Valquíria Gonzaga Moreira

Diretora Financeira Eleita

MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO DESCANSO DE REI DOS ARTESÃOS DO POVOADO SALGADO

- | | |
|---------------------------------------|-------------------------------------------|
| 1. Maria Shirley Gonzaga dos Anjos | <u>Maria Shirley Gonzaga dos Anjos</u> |
| 2. Nívea Vieira dos Santos | <u>Nívea Vieira dos Santos</u> |
| 3. Alessandra Rodrigues Pereira | <u>Alessandra Rodrigues Pereira</u> |
| 4. Maria do Carmo Honório | <u>Maria do Carmo Honório</u> |
| 5. Ironilda Correia de Araújo | <u>[Redacted]</u> |
| 6. Maria Aparecida Cordeiro dos Anjos | <u>Maria Aparecida Cordeiro dos Anjos</u> |
| 7. Nilda Gonzaga dos Santos | <u>[Redacted]</u> |
| 8. Ione Correia de Araújo | <u>Ione Correia de Araújo</u> |
| 9. Hélia da Silva Santos | <u>Hélia da Silva Santos</u> |
| 10. Valquíria Gonzaga Moreira | <u>Valquíria Gonzaga Moreira</u> |
| 11. Maria Paula dos Anjos | <u>Maria Paula dos Anjos</u> |
| 12. Nivalda Gonzaga dos Santos | <u>Nivalda Gonzaga dos Santos</u> |
| 13. Josineide Vieira Nunes | <u>Josineide Vieira Nunes</u> |
| 14. Elson Pereira Nunes | <u>Elson Pereira Nunes</u> |



[Signature]
 Thiago Moraes Duarte Miranda
 Assistente Judiciário
 OAB/BA 17.741

15. Arlene Correia de Araújo
 16. Rita de Cássia Correia de Araújo
 17. Maria José Gonzaga
 18. Sandra Bandeira Gomes
 19. Maria Lucia Gomes de Araújo
 20. Alana Grace Moreira de Araújo
 21. Maria José Rodrigues Pereira
 22. Eleonora Soares de Oliveira da Silva

Arlene Correia de Araújo

Maria José Gonzaga

Sandra Bandeira Gomes

Maria Lucia Gomes de Araújo

Alana Grace Moreira de Araújo

Maria José Rodrigues Pereira

Eleonora Soares de Oliveira da Silva



ADVOGADO - OAB/BA 17.741

Thiago Moraes Duarte Miranda
 Assistente Judiciário
 OAB/BA 17.741

